

HISTORIA
DA
PHILOSOPHIA

POR

P. F.-A. JAFFRE

DA COMPANHIA DE JESUS

—

(DA QUARTA EDIÇÃO. 1886)

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

NOÇÕES PRELIMINARES

1.º **Objecto da historia da Philosophia.**— A historia da Philosophia é a exposição critica dos systemas da philosophia, isto é, a propria historia do espirito humano buscando conhecer a verdade a respeito das grandes questões que nos interessam: o homem, Deus, o mundo, e suas relações.

2.º **Sua utilidade.**— Alguns, como Descartes, desprezam a historia da Philosophia, e « não lhes importa saber se antes delles existiram outros homens. » Outros aceitam a sua importancia mais ou menos exclusiva. Estas duas opiniões são exageradas. Sem duvida, a historia da philosophia não se deve confundir com a propria philosophia. A sua utilidade, porém, não é menos incontestavel. Completa essa historia os nossos conhecimentos philosophicos, patenteando-nos a vida, os escriptos e as doutrinas dos principaes philosophos; dando-nos a conhecer os resultados obtidos por seus esforços, permite que nos entreguemos a novas investigações. Previne os erros, mostrando-nos como grandes genios se transviaram por haverem seguido uma direcção falsa. Inspira-nos, assim, uma justa desconfiança de nós mesmos e habitua-nos ao mesmo tempo a uma sensata independencia. « *Accipere, diz São Thomaz, (cognoscere) opinionis antiquorum ad duo erit utilè. Primo quia illud quod ab eis benè dictum est, accipiemus in adiutorium nostrum; secundò, quia illud quod malè enuntiatum est cavebimus.* »

3.º **Methodo adoptavel.**— Distinguem-se tres methodos: o methodo chronologico, o methodo ethnologico, o methodo systematico.

O *methodo chronologico* é o mais usado. Expõe os systemas e as doutrinas philosophicas na *ordem dos tempos* que os viram produzirem-se.

O *methodo ethnologico* estuda, na ordem em que se apresentaram, todas as doutrinas que têm estado successivamente em voga *num povo*. Feito isto, prosegue-se na mesma pesquisa para com as outras nações. Este methodo é incompleto; porquanto, em consequencia das relações que ligam os povos, as doutrinas philosophicas em voga não se limitam ordinariamente a uma só nação; transpõem as fronteiras e tornam-se facilmente invasoras.

O *methodo systematico* estuda successivamente *cada systema* particular nas épocas que o viram nascer e desenvolver-se entre todos os povos em que foi aceito. Este methodo tem o inconveniente de não apresentar num mesmo quadro synthetico o conjuncto das opiniões adoptadas *simultaneamente* entre as diversas nações, em uma época determinada.

Seguiremos o methodo mixto, acompanhando, quanto possível, a ordem chronologica.

4.º Principaes systemas.—Um systema philosophico contém o conjuncto das respostas dadas pela razão humana ás grandes questões que são o objecto da Philosophia.

Pondo de parte o *Pantheismo* e as outras theorias erroneas a respeito de Deus, todos, systemas philosophicos podem-se reduzir a tres principaes: o Sensualismo, o Espiritualismo e o Scepticismo (1).

● sensualismo.—Chamam-n'o tambem *Empirismo*. Amplia demasiadamente a parte das faculdades inferiores. A seus olhos, a alma está totalmente sujeita aos sentidos, e todas as idéas têm uma origem sensível. Em moral, cumpre seguir o interesse, e sobretudo o prazer. Algumas vezes o sensualismo suprime a alma e Deus, para applicar-se unicamente á *materia*, ou aos *phenomenos*, sem ter em consideração as substancias e as causas, e então torna-se *Materialismo* ou *Positivismo*.

(1) M. Cousin classifica assim os systemas philosophicos: Sensualismo, Idealismo, Scepticismo, Mysticismo; e, depois de os haver successivamente combatido, propõe o seu, o Ecletismo, que nós já refutámos.

● **espiritualismo.** — Concede mais á alma do que aos sentidos. Ensina que ella é immaterial, independente dos órgãos nas mais altas operações, livre e immortal. Dá ás idéas supra-sensíveis uma origem racional. Sua moral é a do dever. Falla bem de Deus e de seus diversos attributos. Quando, porém, o espiritalismo chega ao ponto de negar com Berkeley, Kant, Stuart-Mill, etc., a existencia objectiva dos corpos, ou a das percepções experimentaes, engana-se e torna-se o *Idealismo* propriamente dito. Chama-se *Racionalismo*, quando sustenta que acima da razão não ha verdades; *Mysticismo*, quando despreza as faculdades de conhecer, naturaes ao homem, para lhe attribuir novas e imaginarias.

● **scepticismo.** — Nega a certeza, e produz-se nas épocas de desfallecimento intellectual. E' refutado pelo *Dogmatismo*, que acredita na existencia da certeza, no valor philosophico da razão e dos outros criteriuns.

Póde-se ainda assignalar alguns systemas particulares: o *Tradicionalismo*, o *Ontologismo*, etc.

5.ª **Divisão.** — A historia da philosophia divide-se em tres grandes épocas: *Philosophia antiga*, *Philosophia medieva*, *Philosophia moderna*. A primeira época estende-se desde o começo da philosophia grega, cerca de 600 annos antes de Christo, até ao reinado de Carlos Magno, ou ao anno 800 da era christã. A segunda época comprehende o decurso de 800 até 1600. A terceira conta-se de 1600 até aos nossos dias. O *programma* actual resume a historia da philosophia. Julgámos mais acertada conserval-a inteira.

Quanto ás datas particulares, em vista da grande diversidade que entre os historiadores existe, preferimos reportarmo-nos, em geral, ao *Diccionario de historia*, etc., de Dezobry e Bachelet.

CAPITULO I

PRIMEIRA ÉPOCA. — PHILOSOPHIA ANTIGA

Comprehende quatro periodos principaes: 1.º a philosophia antes de Socrates; 2.º a philosophia de Socrates; 3.º a philosophia depois de Socrates; 4.º a philosophia da escola de Alexandria.

ARTIGO PRIMEIRO

PRIMEIRO PERIODO.— PHILOSOPHIA ANTES DE SOCRATES

Este periodo busca sobretudo conhecer a origem e a formação do mundo por meio do methodo inductivo e hypothetico. Encerra as escolas de *Ionia*, de *Italia*, de *Elea*, (idealista e atomistica) e os *Sophistas*.

N. 1. Escola de Ionia, ou Naturalista.— Esta escola tem por chefes: Thalès, Anaximandro, Anaximenes, Anaxagoras, Heraclito, Empedocles, etc.

Thalès.— Nasceu na Phenicia 640 annos antes de Jesus Christo. Depois de longas viagens, principalmente pelo Egypto, fixou-se em Mileto. E' o fundador da escola ionica e um dos *sete sabios*.

Doutrina: A *agua* é o principio gerador de todas as cousas, e tudo deve resolver-se em agua. *Deus* não tem começo nem fim. Foi com a agua que elle *formou*, não creou, o mundo. Thalès possuia muitos conhecimentos de geometria e de astronomia.

Anaximandro.— Nascido em Mileto 610 annos antes de J. Christo, foi discipulo de Thalès, e, assim como este, sabio geometra. Attribute-se-lhe a invenção das espheras e das cartas geographicas.

Doutrina: O principio das cousas não é mais a agua, mas uma cousa indeterminada, que elle chama τὸ ἀπειρον, o *infinito*.

Acreditaram alguns que elle entendia com isso o *infinito verdadeiro*. Pensaram outros, com mais razão talvez, que o principio ἀπειρον de Anaximandro não era senão um intermediario da agua, da terra e do ar, uma especie de fluido ou ether. Foi elle o primeiro que formulou esta proposição celebre na antiguidade: do nada nada se faz, *ex nihilo nihil fit*.

Anaximenes de Mileto.— Succedeu ao precedente, pelo anno 550 antes de Jesus Christo.

Doutrina: O *ar* é o elemento gerador de tudo. Este ar é infinito, sempre em movimento, e penetra todas as cousas. A alma é uma substancia aeria. O sol e a terra são substancias chatas. Esta é sustentada pelo ar.

Anaxagoras de Clazomenes.—Nasceu, 500 annos antes de Jesus Christo. A principio discipulo de Anaximenes,

foi depois visitar o Egypto e voltou a fixar-se em Athenas, donde foi expulso. Morreu em Lampsaque.

Doutrina: Existe de toda a eternidade uma *materia* sem limites, composta de uma infinidade de partes inteiramente semelhantes. Estas são postas em ordem por uma *intelligencia divina* chamada *νοῦς*, que é a alma do mundo e o principio do movimento. A *alma humana* é simples e immaterial. Anaxagoras foi o primeiro a demonstrar a existencia de Deus pela prova tirada da ordem do mundo.

Heraclito de Epheso.— 500 (Annos antes de Jesus Christo.) Filiam-n'ó á escola ionica, mas suas opiniões são mui obscuras.

Doutrina: O *fogo* é o principio e o agente universal. Todas as mudanças naturaes explicam-se por um outro principio, a *discordia*, cujo resultado é produzir a *harmonia*.

Empedocles.—Floresceu pelo anno 440 antes de Jesus Christo. Foi naturalista e medico distincto. Morreu na cratera do Etna. Alguns filiam-n'ó á escola atomistica.

Doutrina: O principio total das cousas compõe-se de quatro elementos reunidos: a *terra*, a *agua*, o *ar*, o *fogo*, entre os quaes o fogo desempenha o papel principal. Estes elementos combinam-se fatalmente sob a acção de duas forças contrarias, a *concordia* e a *discordia*. Um ser divino penetra e anima o mundo. Delle emanam os Demonios ou Genios, uns bons, outros máos, que habitam successivamente diversos corpos. O homem é um demonio decahido de sua dignidade primitiva, e deve participar-se pela metempsychose.

Nada é estavel; tudo se esvahe, os entes visiveis são apenas uma participação ephemera e aparente da substancia primitiva, o fogo.

Como se vê, todos estes systemas são um primeiro ensaio do evolucionismo e do transformismo, que os nossos modernos pensadores julgam ter inventado, porque os puzeram em voga. A *discordia* de Heraclito poderia *substituir* a *concurrência* de Darwin.

N. 2. Escola de Italia ou Pythagoriana.—Sua feição foi menos materialista do que a precedente. Bem como a de Ionia, a escola de Italia estudou, antes de tudo, a natureza physica, mas sem ser exclusiva. Cultivou de preferencia as mathematicas e a astronomia, e não desprezou absolutamente a ordem moral. Seu fundador foi Pythagoras.

Pythagoras. — Nasceu em Samos no anno de 584 ou 590 antes de Jesus Christo. Visitou alternativamente a Asia-menor, o Egypto, a Persia, a India, e foi fixar-se definitivamente em Crotona, na Grande Grecia (Italia meridional). Impunha a seus discipulos sobriedade extrema e silencio absoluto por muitos annos. Foi o primeiro que tomou o titulo de *amigo da sabedoria, philosopho*. Sua palavra era aceita como um oraculo. Quando seus discipulos ouviam estas palavras: *Elle o disse*, estava resolvida a questao.

Doutrina: Pythagoras tinha dous ensinamentos: um para o publico, outro para os iniciados. Admittia como principios das cousas: uma *intelligencia* suprema, uma *força motriz* sem intelligencia, e uma *materia increada*, sem movimento e sem fórma. A ordem do universo é produzida pela intelligencia suprema, segundo a sciencia dos numeros. Os numeros são *anteriores* ás cousas, porque as leis mathematicas existem antes que os seres lhes sejam sujeitos; são *superiores* a essa mesma cousa, porque governam.

Pythagoras distingue quatro especies de numero: a *monada*, a *dyada*, a *triada*, a *tetrada*, que reunidas formam o mais perfeito dos numeros, a *decada*. — Todos os numeros são provenientes da unidade. Assim tambem todos os seres derivam de um ser que é a unidade por excellencia, isto é, a *monada* perfeita. Esta monada tem como correlativo um *vacuo* infinito, que permite-lhe tornando possiveis os intervallos, produzir a pluralidade e a multidão.

A *monada* perfeita tambem produziu *monadazinhas*, as *almas*, que Pythagoras definiu: um numero que se move a si mesmo. Estão separadas, temporariamente, da grande *monada*, para a qual devem tornar um dia. Para chegar a este fim, é forçoso que se desprendam da *dyada*, na qual se acham envoltas por meio de dous processos principaes: a *cultura do espirito* pelo estudo das mathematicas, o *apuramento da vontade* pela pratica da abstinencia.

Se a alma é assás pura, volta á grande *monada*; se não o é, vai de novo animar um corpo de homem ou de animal, segundo seus meritos. E' a *Metempsychose* ou migração das almas.

O *mundo*, é um todo harmonioso, ou *cosmos*: formado de dez grandes corpos ou planetas, que se movem em torno de um fóco central, o sol. Ahi é o posto de observação escolhido por Jupiter.

Em *Moral*, o bem é a unidade, e o mal o que se afasta do bem. Ora, como Deus é a unidade absoluta, a regra dos costu-

mes é *assemelhar-se a Deus*. A virtude é uma *harmonia*, e a justiça um *numero quadrado*, certamente porque, bem comprehendida, encerra todas as virtudes e constitue a perfeição.

Pythagoras admittia tambem a existencia de demônios ou genios, que se poem em communicação comnosco por meio dos sonhos ou pela adivinhação. Platão parece ter imitado Pythagoras em larga escala.

O ensino de Pythagoras é obscuro. Qual era para elle a natureza dos numeros? E' essa a questão principal. Dizem uns que Pythagoras fazia dos numeros os principios e os elementos das cousas. Outros têm pensado, com mais verossimilhança talvez, que elle apenas considerava os numeros como simples formulas, e occultava sob estes symbolos obscuros um ensino quasi orthodoxo. Entretanto a sua materia da metempsychose é absolutamente inadmissivel. Suppõe que a união da alma e do corpo é contraria á natureza, violenta e penosa; a metempsychose não tem provas e nem póde tel-as; inflige á alma uma penalidade desarrazoada e injusta; enfim, suppõe que nossa alma tanto póde unir-se ao corpo de um animal como ao corpo humano, e por conseguinte que o animal póde ter todos os direitos e todos os privilegios do homem. (C. Tongiorgi). (1)

N. 3. Escola de Eléa.— Esta escola foi fundada em Eléa, na Grande-Grecia (Italia) 540 annos antes de Jesus Christo. Compõe-se de dous ramos oppostos. Um continuou o movimento idealista da escola Pythagorica, e foi chamado *escola metaphysica de Eléa*, ou escola *idealista*. O outro voltou ás tradições materialistas dos Ionios, e foi chamado *escola physica de Eléa*, ou escola *atomistica*. E' lhes doutrina commum o Pantheismo.

I. Escola idealista ou metaphysica.— Sua feição principal é não dar quasi nenhum valor aos conhecimentos experimentaes e só aceitar como real a unidade absoluta, que está em toda a parte e resume tudo em si. Os principaes chefes são Xenophanes, Parmenides, e Zenon de Eléa.

(1) PRINCIPAES PYTHAGORICOS.—Citam-se *Ocellus de Lucania* (500 annos antes de Jesus Christo); *Timéo de Locres* (425 annos antes de Jesus Christo), que considerava o universo como um vasto animal, do quel era alma a unidade divina e a materia o organismo. *Archytas de Tarento*, cerca de 410 annos antes de Jesus Christo; habil mecanico e bom geometra. Horacio consagrou-lhe uma de suas odes; *Philolaus de Crotona* (cerca de 430 annos antes de Jesus Christo), que ensinava que a terra se move circularmente em torno de um foco central. Por causa disso, muitos fizeram d'elle um precursor de Copernico.

Xenophanes.— Nascido em Colophon, na Asia-menor 615 annos antes de Jesus Christo, fixou-se em Eléa e viveu quasi um seculo. Seguiu a lições de Pythagoras; mas quiz crear um systema propriamente seu.

Doutrina: Tudo o que é real é eterno, immutavel, absoluto. Só Deus é esta realidade substancial, unica. O mundo foi produzido? Não, responde Xenophanes; porque de nada nada se póde fazer, e, se o mundo fôsse tirado de Deus, seria, como Deus, immutavel, absoluto, indivisivel. O mundo, pois, é apenas uma apparencia, sem realidade substancial.

Parmenides.— Nasceu em Eléa, 519 annos antes de Jesus Christo, e compoz um poema sobre a *Natureza*, do qual existem alguns fragmentos.

Doutrina: Contrapõe os sentidos á razão, nega a certeza daquelles, a realidade do mundo exterior, e só admite a *existencia da unidade absoluta, indivisivel*. Para explicar, entretanto, a origem das apparencias phenomenaes que compoem o conjuncto do mundo, dá-lhes por principio o *calor* e o *frio*, ou o *fogo* e a *terra*. O primeiro é o agente, o segundo a materia passiva.

Zenon de Eléa.— Nasceu em Eléa, 490 annos antes de Jesus-Christo, e ligou-se a Parmenides, com o qual fez muitas viagens a Athenas, onde até deu lições por algum tempo.

Doutrina: Como Parmenides, sustentava que a unidade absoluta, unica, existe realmente. Negava a realidade de tudo que é multiplo, variavel, em uma palavra, experimental. Nesse intuito, esforçava se em provar a incerteza dos sentidos, a impossibilidade do movimento physico e a não realidade do espaço. Um corpo, dizia elle, não se póde mover nem no logar onde está, nem naquelle onde não está. Dizem que Diogenes contentava-se, para refutal-o, em caminhar perante elle.

Zenon foi quem melhor coordenou em systema as theorias idealistas da escola de Eléa. Mas seu methodo é capcioso, cheio de sophismas, e Seneca teve, talvez, razão em classificar Zenon entre os scepticos absolutos. «A dar-se credito a Parmenides, diz elle, só a unidade absoluta é real; se me reporto a Zenon, este mesmo absoluto nada é.» Como se vê, os sectarios da escola eleata são os precusores dos idealistas ou pantheistas modernos. Annunciam Berkeley, Kant, Schelling, Stuart-Mill, etc., e todos os *relativistas* de nossos dias, que affirmam que o mundo exterior, o eu, o absoluto são *rela-*

tivos o nosso estado de consciencia ou a nossas sesações, sem *objectividade* real.

II. Escola physica ou atomistica.— Esta escola tambem foi fundada em Eléa, e reagiu constantemente contra as theorias da Escola idealista. Seu fim principal foi defender a realidade dos factos sensiveis e da pluralidade. Seus principaes chefes são Leucippo e Democrito. (1)

Leucippo.— Florescia 500 annos antes de Jesus Christo.

Doutrina: Rejeita como uma chimera a unidade absoluta de Xenophanes e de Parmenides, e só admittre como real a pluralidade indefinida ou infinita dos seres materiaes. Considera indivisiveis os elementos primarios de que são formados taes seres. Dahi, o nome de *atomos*. (ἄτομον). Ora, estes atomos são eternos, innumeraveis, dotados de uma variedade infinita de forças, e movendo-se ao acaso em um vacuo immenso. E' o que formou o universo.

Democrito.— Nasceu em Abdera, 470 annos antes de Jesus Christo. Depois de longas viagens, principalmente pela Grande Grecia, onde ouviu Leucippo, veiu fixar-se em sua patria.

Doutrina: E' o systema dos atomos, melhor desenvolvido e ampliado. Em *Cosmologia*, Democrito admittre dous movimentos dos atomos, um *primitivo*, o outro *derivado*, certamente em virtude de algum impulso exterior. Dahi resultou um turbilhão, que deu logar á formação dos corpos, sob o imperio de leis fataes. Em *Psychologia*, a alma é um composto de atomos redondos e iguaes. As sesações e os pensamentos formam-se por emanações subteis, que se desprendem perpetuamente dos corpos, lhes são semelhantes, invadem nossos sentidos e produzem o conhecimento. E' a theoria das *imagens intermediarias* e *materiaes*. A *certeza* é impossivel; porque não vemos a natureza intima das cousas. A verdade não existe, ou se occulta no fundo de um poço. Em *Moral*, o fim da vida é o bem estar, a regra a seguir é conduzir-se o homem com prudencia para melhor gozar. Não existe outra virtude. Neste systema, não se falla em Deus. Esta noção

1 Póde-se acrescentar-lhes Metróodoro de Chio, que tambem foi o precursor do scepticismo, e cuja divisa era, no dizer de Diogenes Laercio: Nada absolutamente sei, nem se quer que nada sei.

é inutil. Democrito explica a fé universal na existencia da Divindade pela ignorancia absoluta em que se estava, anteriormente a elle, das causas que produziram o universo.

N. 4. Escola sophistica. — As duas escolas rivaes de Eléa haviam abalado, com suas negações contradictorias, os fundamentos da certeza. Consecutivamente a essas manifestou-se por toda a parte, em Athenas particularmente, um exercito de *Sophistas*, rhetoricos e disputadores ao mesmo tempo, que pretendiam saber tudo, e ufanavam-se de poder resolver em sentido contrario todas as questões philosophicas. Os mais celebres são Protagoras e Gorgias.

Protagoras. — (489 — 430 antes de Jesus Christo). Sua patria é Abdera. Ensinou a eloquencia, e sem duvida a dialectica, em Athenas e na Sicília. Mas, havendo affirmado que ignorava se havia deuses, os Athenienses queimaram-lhe os livros e o expulsaram da cidade. Protagoras chamava-se a si proprio o *sophista superior*.

Doutrina : O espirito do homem é a *medida de tudo*, todos os nossos conhecimentos vêm dos sentidos, que apenas comprehendem phenomenos transitorios. Póde-se dizer, pois, que toda opinião é verdadeira para aquelle que a sustenta, desde que a sustenta, dest'arte sobre todas as cousas póde-se affirmar igualmente o pro e o contra. O sim e o não são igualmente verdadeiros. Platão refutou este sophista em seus dialogos intitulados : o *Theeteto* e *Protagoras*. Kant, e Hegel, ao contrario, ligavam a maior importancia a esse philosopho.

Gorgias. — (487 — 380 antes de Jesus Christo). Nasceu em Leoncio, na Sicilia, foi discipulo de Empédocles, e compoz uma obra com este titulo : *Da natureza, isto é, do que não existe*.

Doutrina : Eram seus principios. *Nada existe*. Porquanto o que poderia existir seria ou *multiplo* ou *um* ; ora, o multiplo é negado pelos metaphysicos e a unidade pela escola atomista. *Supposto que alguma cousa exista, não podemos conhecê-la* nossa intelligencia só póde conhecer as cousas, tornando-se semelhante ou igual a ellas ; ora, tal semelhança não existe e não póde existir. *Supposto que se possa conhecer alguma cousa, não é possivel enunciar a* porque a palavra só se dirige ao ouvido ; ora, o que é visivel e

intelligivel, não póde passar por este vehiculo. Taes são os bellos raciocinios de Gorgias. (1)

ARTIGO SEGUNDO

SEGUNDO PERIODO. — PHILOSOPHIA SOCRATICA

Socrates, filho de um esculptor e de uma parteira, nasceu em Athenas, 470 annos antes de Jesus Christo. Exerceu a principio a profissão de seu pai, mas abandonou-a dentro de pouco tempo para dedicar-se francamente ao estudo da philosophia. São conhecidas as contrariedades que teve de soffrer de sua mulher Xantippa. A despeito do oraculo de Delphos, que o proclamou o mais criterioso dos homens, sérias accusações puzeram em duvida a regularidade de seus costumes. Parece haver cumprido todos os deveres de um bom cidadão. Muitas vezes assignalou-se a sua coragem, quer nos campos de batalha salvando a vida a Xenophonte e Alicibiades, quer protestando energicamente contra uma sentença iniqua, proferida em Athenas pelos trinta Tyrannos.

Sua morte. — Por sua firmeza, seu methodo, sua doutrina, attrahira Socrates sobre sua pessoa o odio invejoso dos sophistas e dos demagogos contemporaneos. Aristophanes teve o arrojo de ridiculisal-o em sua comedia as *Nuvens*, onde o fez representar um papel immoral. Por fim, seus inimigos accusaram-n'o perante o tribunal dos Quinhentos (Areopago) por ser impio e corromper a mocidade. Socrates recusou justificar-se, foi condemnado a beber a cicuta, e morreu 400 annos antes de Jesus Christo, discreteando com alguns discipulos sobre a immortalidade da alma.

Seu papel philosophico. — « Socrates, diz Cicero, fez com que descesse do céo a philosophia, tornou-a popular e obrigou-a a occupar-se de questões praticas e moraes. » Nada escreveu. Para conhecer seu pensamento é necessario ler e consultar as obras de seus dous discipulos principaes, Platão e

(1) Os outros sophistas um pouco dignos de nota são: *Diagoras* de Melos; *Hippias* de Elis, discursador vaidoso, a quem Platão põe em scena e faz ridicularisar por Socrates; *Trasymaco* de Chalcedonea, o qual, na *Republica* de Platão, cifra a justiça na força e a felicidade na maldade impune; *Prodicus* de Ceos, celebre pela allegoria em que representa Hercules collocado entre dous caminhos oppostos, a voluptuosidade e a virtude, e decidindo-se pela ultima.

Xenophonte. O primeiro transmittiu-nos principalmente a philosophia especulativa do mestre; o segundo, sua philosophia moral.

Seu methodo. — Em geral, é a definição e a indução, que depois se chamou *indução socratica*. Em particular, para *ensinar*, Socrates empregava um como que parto intellectual, a que chamava *maieutica*. (μαϊευτική). Era um processo de interrogações progressivas, com o auxilio das quaes levava seus interlocutores a desenvolverem por si mesmos um conjuncto de verdades de que não haviam cogitado. Para *refutar* os Sophistas, recorria a outro processo, conhecido pelo nome de *ironia socratica* εἰρωνεία. Socrates simulava ignorancia completa. Interrogando os sophistas, fazia-os cahir em contradicções palpaveis, e os obrigava a descobrirem por si proprios a falsidade de suas theorias.

Sua doutrina. — Antes de tudo, condemna a pretensão dos sophistas a uma sciencia universal. Demais, quer que se rejeite uma infinidade de questões curiosas, mas praticamente inuteis, repetindo incessantemente que « o que está acima de nós não nos diz respeito ». Finalmente, o ponto de partida de todas as pesquisas philosophicas deve ser, na opinião d'elle, o proprio conhecimento do homem. Dahi, este adagio: γινῶθι σεαυτὸν, conhecei-vos a vós mesmos.

Observemos, entretanto, que, Descartes, christão e catholico, não precisou recorrer a Socrates, para achar seu *cogito, ergo sum*. A Biblia e S. Agostinho forneceram-lhes os elementos. Demais o γινῶθι σεαυτὸν de Socrates refere-se unicamente á Moral. « Conhecei em vós, dizia elle, as facultades necessarias para cumprirdes vossos deveres. » Platão é mais completo: « Cumpre que a alma, diz elle, se estude na alma e naquella parte da alma em que reside a virtude. » E' o conhecimento completo de si mesmo pela Psychologia e pela Moral.

Em Moral, a verdadeira felicidade está na virtude, e o fim da vida humana é a *eupraxia* εὐ-πραξίαις, isto é, a sciencia de bem viver. Ha quatro virtudes principaes, a *prudencia* ou *sabedoria*, a *coragem*, a *justiça* e a *temperança*. A *sabedoria* ora é uma virtude especial, ora o resumo das outras. Consiste principalmente no conhecimento do bem e do mal. Este conhecimento basta aos olhos de Socrates, para fazer com que pratiquemos todas as virtudes, evitando todos os vicios. Assim, aos olhos de Socrates, a *virtude* se confunde com a *sciencia*. A vontade não contraria nunca a intelligencia.

Instruir o homem é leval-o a pratica necessariamente aquillo que elle julgar melhor. — E' facil vêr quanto é erronea essa theoria. Infelizmente, a moralidade não está essencialmente em relação com a cultura intellectual. A *justiça* consiste em observar as leis escriptas e as leis immutaveis, que só estão escriptas em nossos corações. Póde-se dizer, pois, que ella consubstancia todos, as virtudes. A *temperança* é recomendada, já como virtude moral, já como meio de ser feliz. A *piedade* para com Deus que é uma virtude complementar, *exige* que se faça *todo* o bem possivel. São vans todas as sciencias que não melhoram o homem.

Em *Politica*, prescrevia a obediencia ás leis e aos costumes de seu paiz ; queria que a autoridade pertencesse ao saber e á virtude, e estigmatizava a eleição á sorte dos magistrados publicos. Na *esthetica*, não separava o bello do bem, e dizia que a arte deve representar mais as qualidades da alma do que as do corpo.

Em *Psychologia* para Socrates, a alma é um ser immaterial, distincto do corpo, semelhante a Deus e immortal. Entretanto esta immortalidade não é a seus olhos uma verdade absolutamente *incontestavel*. As faculdades principaes da alma são : os sentidos e a razão.

Em *theodicéa*, Socrates admite a unidade de Deus, cuja existencia é comprovada, principalmente pela ordem e pela harmonia do universo. A presença invisivel e a sciencia desse Deus estendem-se a tudo : a providencia divina rege todo o universo. Devemos orar *sem nada lhe pedir com especialidade*. Elle é o autor e o garante das leis moraes. Abaixo delle existem deuses inferiores, oriundos d'elle e guardas do mundo. Um delles, diria-se, era o genio familiar de Socrates. E' facil conhecer os erros destes philosopho.

Filiam-se de ordinario á philosophia socratica algumas escolas menos celebres que as de Platão, Aristoteles, Zenon, etc. São as Escolas Megarica, Cyrenaica e Cynica.

Escola Megarica. — Teve por fundador *Euclides* de Megara, que não se deve confundir com o geometra do mesmo nome. Euclides, o philosopho, florescia cerca de 400 annos antes de Jesus Christo, e fôra discipulo de Socrates. Esforçou-se para combinar as doutrinas de seu mestre com as theorias eleaticas.

Escola cyrenaica. — Foi fundada, 380 annos antes de Jesus Christo, por *Aristippo* de Cyrena (Africa). Discipulo

de Socrates, Aristippo fazia tambem consistir toda a philosophia na Moral; mas deu-lhe falsa direcção.

A voluptuosidade é o fim supremo da vida humana. A virtude lhe é subordinada, e só deve ser praticada pelo prazer que proporciona. Nenhuma acção é, em si, boa ou má. Toda a moralidade lhe vem das leis e dos costumes.

Escola cynica.— *Antisthenes*, o Atheniense, foi-lhe o fundador e chefe. Deu-se a esta escola o nome de cynica, quer porque seus membros se reuniram no *Cynosargo*, quer porque a desfaçatez daquelles contra o pudor e as conveniencias parecia approximal-os do cão, adoptando-lhes os costumes.

A virtude é o soberano bem. Reside em uma suprema independencia. Quando a virtude torna-se habito, é inadmissivel. Por conseguinte, o sabio completo, faça o que fizer, está isento de erro ou peccado. Elle é bastante para si proprio, e a perfeição a que attingiu colloca-o de direito acima dos deveres de sociedade e de conveniencia. Desde então nada lhe é vergonhoso. Chamavam a isto: *viver segundo a natureza*.

Antisthenes poucos discipulos teve. Entre elles, notam-se *Diogenes*, o cynico por excellencia; *Ménippo* de Phenicia, autor de escriptos satyricos.

ARTIGO TERCEIRO

TERCEIRO PERIODO (400 — 200 ANTES DE JESUS CHRISTO)

PHILOSOPHIA DEPOIS DE SOCRATES

Depois de Socrates, tomou a philosophia grande incremento entre os Gregos. Contam-se cinco escolas principaes, cujos chefes foram: Platão, Aristoteles, Pyrrho, Epicuro e Zenon. Adiciona-se ás vezes a Nova Academia.

N. 1. Escola de Platão ou Academica.—

Platão nasceu em Athenas, cerca de 430 annos antes de Jesus Christo Descendia de Solon e de Codrus. Depois de se haver dedicado por algum tempo á poesia, abandonou-a para só estudar a philosophia, sob a direcção de Socrates, cujas lições ouviu durante oito annos. Depois do fallcimento do mestre, deixou Athenas e fez longas viagens pelo Egypto, Asia e Grande Grecia, onde foi iniciado nas doutrinas pythagoricas.

Acredita-se até que teve conhecimento dos livros hebraicos. De volta á patria, abriu uma escola de philosophia nos jardins de seu amigo Academos. Dahi lhe ficou o nome á sua escola. Platão queria que seus discipulos conhecessem a Geometria e as Mathematicas. Morreu cerca de 348 annos antes de Jesus Christo.

Temos trinta e cinco dialogos de Platão, cujo interlocutor principal é ordinariamente Sócrates. O estylo é brilhante, animado, poetico; a elevação das idéas valeu ao seu autor o cognome de *divino*. Contém todo o seu ensino *exterior*. Com effeito, Platão tinha, segundo dizem, bem como Pythagoras, duas doutrinas, uma para o publico, outra para os iniciados. O *Théétète*, o *Sophista*, o *Parmenide* resumem sua doutrina sobre a Dialectica; o *Timéo*, seus sentimentos sobre a Physica e a Cosmologia. O *Phedon* e o *Criton* narram a morte de Socrates e desenvolvem seus ensinamentos sobre a natureza e a immortalidade da alma. O *Phedro* trata do Bello; o *Gorgias*, da Rhetorica, e produz a theoria moral do Bem. A *Republica* e as *Leis* expõem es caracteres e o ideal de uma sociedade perfeita.

Sua Doutrina.— « Occupa o meio termo, diz Eusebio, entre a de Pythagoras e a de Socrates. » Nota-se-lhe uma tendencia pronunciada para o idealismo. A Philosophia de Platão divide-se em quatro partes principaes: A Cosmologia, a Anthropologia, a Moral, a Politica.

1.º Cosmologia.— Trata do principio das cousas e da formação do universo.

Principios das cousas. Platão enumera tres: Deus, as idéas e a materia. *Deus.* O principio de causalidade demonstra sua existencia. Ao mundo que se move é mister um primeiro motor; a ordem do mundo prova a sua alta intelligencia e a sua unidade indivisivel. Este Deus, providencia e legislador supremo, tambem é a verdade infinita, o bem absoluto, o bello perfeito. As *idéas*. São typos eternos, exemplares universaes, separados do mundo, talvez até de Deus, e objecto permanente da contemplação divina. Acima de tudo reina a idéa soberana do *bem* que domina e une todas as outra. *A materia.*

E' increada, eterna, mas inintelligente e imperfeita. (Cf. Zigliara, de *Realismo platonico*.)

Formação dos seres. Estes tres principios Deus, as idéas e a materia, concorreram para a formação de tudo que existe.

Deus, causa efficiente e suprema, quiz formar, seres que se lhe assemelham. As *idéas* são a *causa exemplar* que dirigiu, em sua obra, o artista divino. A *materia* é a *causa material*. Em consequencia da imperfeição que lhe é propria, não se prestou totalmente á acção de Deus. Dahi, os males e as desordens, de que somos testemunhas.

O mundo formado por Deus é o melhor dos mundos. Compõe-se de dous elementos: *espirito* e *corpo*. E', para Platão, como que um vasto animal. Da alma do mundo, a qual é emanação de Deus, emanam a seu turno as almas particulares dos deuses inferiores, dos demonios e dos homens. O corpo deste mundo é formado de dous elementos principaes: o *fogo*, principio de visibilidade; a *terra*, principio de solidez. Para os unir, Deus produziu dous outros elementos, o *ar*, analogo ao fogo, e a *agua*, alliada á terra.

2.º Anthropologia.—Tem por objecto a alma e o corpo.

A alma.—A alma é uma substancia que se move por si mesma, *immaterial* e totalmente distincta do corpo. Antes de se lhe unir, viveu separada, em uma existencia melhor, da qual decahiu por effeito de um acto culposo. A alma é *immortal*, e unida ao corpo accidentalmente. (1) Platão admitte uma especie de *purgatorio*.

Possue a alma duas faculdades principaes: a faculdade de conhecer e a de amar.

Faculdade de conhecer. A alma conhece pela *sensação*, pela *noção* e pelas *idéas*. Pelas *sensações* toma conhecimento do que impressiona os sentidos. Ora, como tudo o que é sensível fica sempre variavel, e particular, as *sensações* jámais podem constituir a verdadeira sciencia, que tem por objecto o absoluto e o universal; ellas formam o dominio da opinião. As *noções* são apenas *sensações* generalisadas. Seu objecto, embora tornando-se universal, nem por isso deixa de ser menos variavel e contingente, e tambem não póde servir de fundamento á sciencia. As *idéas* fazem conhecer o que é immutavel

(1) A doutrina de Platão sobre a vida futura nem sempre está de accordo consigo mesma. Ora ensina que as almas justas voltam ao astro que habitavam, antes de se unirem ao corpo, ao passo que as almas culpadas são condemnadas a viver em um corpo de animal até que cheguem, por uma *metempsychose* progressiva, a purificar-se e a levar uma vida racional e perfeita. Ora sustenta que as almas justas se unem a Deus, no qual são felizes, contemplando as idéas absolutas, ao passo que as almas carnaes acham castigo na sentença que as condemna a adejar, como sombras, em torno dos tumulos.

e absoluto. E' por ellas que nosso espirito é chamado a contemplar as verdades necessarias, unicas que formam *sciencia* verdadeira. Esta theoria da intelligencia deu logar a que accusassem Platão de idealismo.

E' conhecida sua maneira de explicar a *origem das idéas*. São *reminiscencias* de uma vida anterior, despertadas por occasião dos objectos que nos impressionam os sentidos.

Faculdade de amar. Tem esta tambem tres classes de objectos: o *bem absoluto* pelo *appetite racional* (não se sabe se o bem absoluto de Platão é o proprio Deus, ou as idéas, typos das cousas); Os *bens terrestres*, conhecidos pela *sensação* e procurados pelo *appetite concupiscível*; os *bens intermediarios*, por exemplo, a ambição, o amor da gloria, etc. São conhecidos pela *noção* e solicitados pelo *appetite irascível*.

O corpo.—Tres regiões correspondem, no corpo, aos tres actos pelos quaes a alma conhece e ama. Na *cabeça* reside essa parte superior da alma, que vive pelo conhecimento das *idéas* e pelo *amor do bem absoluto*. O *coração* é a séde dessa parte da alma que conhece pelas *noções* e busca pelos *bens intermediarios*. A região *gastrica* e o *figado* contém essa parte inferior da alma em que se encontram com as *sensações*, as *affeições terrestres* e *animaes*. Esta maneira de accommodar a alma na cabeça, no coração, e no figado fez com que muitos dissessem que Platão ensinava que o homem tem tres almas.

3.º Moral.—A moral consiste em tornar-se o homem semelhante a Deus pela pratica da virtude, e é sancionada pelas penas e recompensas da vida futura, as quaes são eternas.

Divisão das virtudes. Assim como na alma humana ha tres especies de appetites e tres ordens de conhecimentos, assim tambem ha, em moral, tres classes de virtudes: a *prudencia*, que corresponde ás *idéas* e ao *appetite racional*; a *coragem*, que corresponde ás *noções* e ao *appetite irascível*; a *temperança*, que corresponde ás *sensações* e ao *appetite concupiscível*. Platão acrescenta uma quarta virtude, a *justiça*. A *justiça*, aos olhos de Platão, consiste em dar o que é devido, não só a cada homem, mas tambem a cada coisa. Ha, portanto, além da *justiça exterior*, uma *justiça interior*, encarregada de estabelecer a harmonia entre as tres primeiras virtudes, completando-as.

4.º Política.—Esta divisão trinar, Platão a estabelece também na sociedade, por elle dividida em tres classes: os *magistrados*, para governarem e fazerem as leis; os *soldados*, para defenderem a patria; os *artezãos* e o *povo*, para trabalharem e fazerem a sociedade gozar. Os magistrados representam as idéas, o appetite racional e a prudencia; os soldados, as noções, o appetite irascivel e a coragem; o povo, as sensações, o appetite concupiscivel e a temperança. Os primeiros são a cabeça, os segundos o coração, os terceiros o figado e o ventre da sociedade. Se todas estas partes estão em ordem perfeita, reina a justiça. Algures, Platão designa, parece preferir a todos os governos a monarchia absoluta.

Erros de Platão.—*Em theoria.* Acredita na preexistencia das almas; ensina que a materia é increada, eterna. O mundo é o melhor dos mundos possiveis. Esse mundo tem una alma emanada de Deus e da qual emanam por sua vez todas as almas inferiores. E' o pantheismo. E' provavel que Platão admittisse tres almas no homem, e quasi certo que ensinasse o polytheismo e a metempsychose. Sua theoria do conhecimento abala a certeza experimental e conduz ao idealismo.

Em moral e em politica. A utilidade social é superposta a tudo, até ao bem moral e á honestidade. E' permittido aos chefes e aos magistrados illudir o povo com a mentira ou com a fraude, toda vez que possa isso ser util á Republica. O direito de propriedade deve ser absolutamente recusado aos magistrados que governam a patria, e aos guerreiros que a defendem. Os artezãos e o povo não possuem bens senão em nome do Estado. As mulheres são communs e pertencem a todos. Os filhos pertencem, não aos pais, mas á Republica, a qual tem exclusivamente o dever de educal-os, desde a mais tenra infancia. Se nascem fracos ou disformes, ou se o pai é maior de cincoenta annos ou a mãe maior de quarenta, devem ser abandonados e condemnados a morrer á fome, como inuteis ao Estado. Pela mesma razão, não se deve ministrar nem cuidados, nem alimentos aos cidadãos enfraquecidos ou doentes. A embriaguez é permittida nas festas de Baccho.

As bellas idéas e os erros grosseiros que se encontram nas obras de Platão fizeram dizer aos Padres da Egreja e a J. de Maistre que ha nelle dous homens: o *theologo oriental*, familiarisado com as doutrinas do Oriente e com os livros hebreus,

e o *sophista grego*, imbuido nos preconceitos e nos erros de seus contemporaneos. (Cf. Rothenflue.)

N. 2. Escola de Aristoteles, ou Peripatetica.— Aristoteles nasceu em Stagira, na Macedonia, 384 annos antes de Jesus Christo. Foi para Athenas na idade de 17 annos, e ouviu, durante vinte annos, as lições de Platão. O rei de Macedonia, Philippe, encarregou-o da educação de seu filho Alexandre, o qual, por seu turno, o tomou para companheiro em parte de suas guerras. Deu isto occasião a que Aristoteles colhesse materiaes immensos, com os quaes compoz sua historia natural. Aristoteles voltou a Athenas, onde abriu uma escola de philosophia, chamada *peripatetica*, porque o mestre dava suas lições passeando; ou tambem *Lyceu*, porque o logar das lições era um jardim publico, chamado *Lyceu*, ou vizinho a um templo consagrado a Apollo Lycio. Obrigado a abandonar Athenas, para escapar a uma accusação de impiedade, refugiou-se em Chalcis, onde morreu 322 annos antes de Jesus Christo.

Suas obras principaes são: O *Organum* ou *Logica*; a *Physica*; a *Metaphysica*; a *Ethica* ou *Moral*. Compoz tambem sobre a Rhetorica e a Poesia dous tratados notaveis pela precisão, firmeza das regras, a analyse delicada das paixões e dos costumes oratorios.

Sua doutrina.— Como Platão, Aristoteles tinha duas fórmas de ensino: um, *exoterico*, destinado ao publico; outro, *acroamatico*, reservado a seus discipulos selectos. Muitas vezes, porém, ensina o contrario de Platão e segue caminho opposto. Platão admite a percepção immediata, innata, das verdades racionaes; Aristoteles faz della um conhecimento mediato, adquirido. O methodo de Platão é synthetico; vai do absoluto para o relativo, do uiversal para o particular. O methodo de Aristoteles é analytico: do singular e do relativo sóbe ao universal e ao absoluto.

1.º Logica.— Compõe-se: Das *Categorias*, que tratam das cinco *universaes*; e das dez *categorias* da *Hermenéia* ou interpretação, que expõe a theoria da *proposição*; das *Analyticas*, que fallam do *sylogismo*, de seus modos e figuras, e da demonstração pela deducção; dos oito *Topicos*, que indicam as *fontes dos raciocinios* provaveis; dos *Sophismas*, onde falla dos máos raciocinios, e da maneira de os refutar. Estes cinco tratados trazem o nome de *Organon* ou *Methodo*.

2.º Physica.— Na opinião de Aristoteles, a *physica* abrange a *Cosmologia*, a *Psychologia*, e, em parte, a *Theodicéa*.

Cosmologia. O mundo, ou *Cosmos*, compõe-se de duas espheras: uma terrestre, mudavel e perecível; a outra celeste, invariavel e que não deve perecer. Acima desta reside a divindade, que actua sobre a terra e o mundo inferior por meio da esphera celeste. Os corpos seriam formados de quatro elementos: o fogo, o ar, a terra e a agua. Um quinto elemento, o ether, serve para formar o céo e os astros por meio fórma.

Psychologia. A alma é uma *entelechia*, isto é, um ser simples possuindo vida e dando-a: ψυχή ou alma, é o principio da vida vegetativa e animal; νοῦς ou espirito é intelligencia e vontade. (Alguns acreditaram que Aristoteles tornára as duas substancias distinctas) A alma animal (ψυχή) perece com o corpo. Só a alma espiritual (νοῦς) immortal, porque da intelligencia divina. Aristoteles não diz o que ella se torna quando o homem morre Não indica tão pouca como em sua origem nasce de Deus. (Será por emanção? Será por via de criação?) A alma é dotada de *dous intellectos*: um *passivo*, simples faculdade; outro *activo*, encarregado de formar as idéas, subseqüentemente as sensações experimentadas. Com effeito, Aristoteles estabelece como principio que não ha idéas innatas, e a alma é uma taboa rasa, á qual nada chega sem haver passado pelos sentidos. (1)

A *vontade* humana é livre e dotada de *dous appetites*, um *racional*, o outro *sensitivo*.

Theodicéa. Deus é o ser mais perfeito. Sua existencia é demonstrada principalmente pela necessidade de um primeiro *motor immovel*. Esse Deus não creou o mundo, porque a materia é eterna; ou então, se o produziu, foi communicando-lhe seu proprio ser por uma necessidade de sua natureza. Assim, Aristoteles não aceita a criação *ex nihilo*, por um acto *livre* da causa primaria. Este mundo, Deus não o conhece; porque está mui distante d'elle. Não o governa senão por intermedio das espheras celestes e por uma como que providencia fatal, que entretanto não abrange os actos livres do homem.

3.º Metaphysica.— Todo ser se compõe de *materia*, de *fórma*, e de *privação*. A *materia* é a que tem o simples

(1) Muitos escolasticos accusam Aristoteles de haver, como Averroës, ensinado a *unidade do intellecto*, isto é, a razão impessoal, ou, pelo menos, de haver estabelecido os principios desta theoria pantheistica.

poder de ser alguma cousa. Por *fôrma* entende Aristoteles o que determina essa materia a ser realmente e actualmente uma cousa concreta. A materia é um elemento passivo, comum indeterminado, principio da extensão nos corpos. A fôrma é um elemento activo, determinante, principio de actividade dos seres. A materia e a fôrma são unidas por um principio chamado *fôrma substancial*, e tornam-se o ser concreto, substancia e sujeito das qualidades. Quando a materia se une á fôrma, a *privação* a despoja de sua qualidade de materia pura; quando muda de fôrma é *privada* de sua fôrma anterior. E' conhecida a divisão aristotelica das *causas* em causa efficiente, material, formal e final.

4.º Moral e politica. — Aristoteles, não considerando a moral como proveniente de Deus, não lhe dá nem base, nem sanção, nem regra segura. A felicidade reside na aggregação de todos os bens accessiveis á intelligencia, á vontade, aos sentidos. Tal é, pelo menos, a interpretação geral da doutrina de Aristoteles. Chega-se a esta bemaventurança pela virtude. Consiste a virtude em moderação prudente; occupa o meio termo entre dous extremos oppostos. *In medio stat virtus*. Aristoteles rejeita a communhão dos bens e das mulheres, admittida por Platão; mas quer que as crianças nascidas disformes sejam expostas e condemnadas a morrer á fome. Permite o aborto, e prescreve que se limite o numero dos casamentos e dos filhos, segundo os recursos da familia e do Estado. A familia compõe-se de dous elementos necessarios: os filhos e os escravos. Estes (os escravos de nascimento) o são legitimamente; têm uma natureza inferior á dos homens livres. O senhor não é obrigado a dever algum para com elles, porque elles nenhum direito têm. Aristoteles até chega a duvidar que os escravos tenham alma espiritual.

Em *Politica*, Aristoteles prefere a Monarchia; mas a quer electiva. O fim social é a utilidade publica. A guerra é legitima, ainda quando tem por fim subjugar os homens e reduzir-os á escravidão.

Erros de Aristoteles. — Em *Psychologia*, a origem verdadeira, a natureza espiritual e a immortalidade da alma não são assás claramente ensinadas. Em *Theodicéa*, Deus não é o creador do mundo: sua providencia não o governa; elle nem sequer o conhece, sua moral carece de regra e de sanção. O que diz a respeito de familia, casamentos, filhos e escravos parece nos hoje monstruoso.

N. 3. Escola Pyrrhonica. — Pyrrho nasceu em Elis, no Peloponeso, 380 annos antes de Jesus Christo. Sabe-se pouca cousa de sua vida. Parece certo que acompanhou Alexandre o Grande em varias expedições. Tudo mais é fabula ou simples conjectura.

Sua doutrina. — Depois de haver frequentado diversos mestres e tentado refutal-os uns pelos outros, acabou por duvidar de tudo, estabelecendo por principio que *nada se pôde affirmar com certeza*. Apoia seu sceptismo em dez razões, que resumem, pouco mais ou menos, todas as objecções dos antigos contra a certeza. Eis as principaes: Os homens differem entre si; a sensação de um não deve ser a de outro. Em cada individuo, os sentidos estão reciprocamente em desaccordo; o balsamo agradável ao olfato é desagradavel ao paladar. As circumstancias modificam os juizos de cada homem; a idade, o repouso ou o movimento, a fome ou a saciedade, o odio ou o amor... tudo isso influe sobre a natureza de nossas percepções. A posição, o logar, a distancia dos objectos tambem mudam nossos juizos. O objecto exterior é modificado pelo estado de nossos órgãos. A repetição ou a escassez de um espectáculo modificam a impressão que elle produz em nós. Finalmente, os juizos sobre os costumes variam segundo as leis, usos e preconceitos. (Cf: Brucker. *Hist. crit. de philosophia*, tom. I.)

O principal discipulo de Pyrrho foi *Timon*, de Phlonte (250 annos antes de Jesus Christo). Dizia Timon que o homem que quer viver feliz deve dirigir a si tres perguntas: 1.º Qual é a natureza das cousas? 2.º Como devemos proceder a seu respeito? 3.º Qual será para nós o resultado desta maneira de ser? Ora, diz elle, a primeira pergunta é insolúvel para nós. A segunda deve resolver-se por uma duvida completa, e a terceira, por uma imperturbavel indifferença (*ἀταραξία*), na qual reside a verdadeira felicidade. Os outros scepticos não formaram escola, e até cahiram em profundo descredito.

N. 4. Escola Epicurista. — Epicuro nasceu em Gargetta, perto de Athenas, 340 annos antes de Jesus Christo, e abriu nesta cidade uma escola de philosophia vergonhosamente celebre. Seus discipulos, numerosos em todos os tempos, aceitaram o nome de seu mestre.

Sua doutrina. — A philosophia, diz Épicuro, é o exercicio da razão afim de tornar a vida feliz. Compõe-se de tres partes: a Canonica, a Physica, a Ethica.

1.º Canonica.—A Canonica, ou Logica, trata do conhecimento. O conhecimento das cousas é adquirido pelas *sensações* e pelas *representações*. As *sensações* fazem conhecer os corpos. São produzidas por imagens subteis, entidades microscópicas (*εἰδωλα*), que se desprendem constantemente dos objectos exteriores e chegam até aos nossos sentidos. Esta imagem physica é como o espelho em que vemos os corpos. As *representações* ou *antecipações* são idéas geraes formadas em nós pela lembrança de muitas *sensações* reunidas. Epicuro chama-as *antecipações*, porque estão contidas em germen (*anté capiuntur*) nas *sensações*.

2.º Physica.—*Cosmologia*. E' o systema de Democrito integralmente renovado: vacuo ou espaço infinito; atomos eternos, infinitos, dotados de mil fórmas diversas, movendo-se perpendicularmente de cima para baixo e de baixo para cima, e formando um dia este mundo, em virtude de uma declinação fortuita, ou *clinamen*, impressa ao movimento primitivo.

Theodicéa. Epicuro não é formalmente atheu. Admitte a existencia dos deuses. Estes são revestidos de uma fórma humana; felizes e sem occupação alguma, habitam longe do mundo, nos espaços vazios. Demais, tudo neste mundo está sujeito á fatalidade.

Psychologia. A alma humana é corporea como tudo o que existe. E' formada de atomos redondos e subteis como o fogo. Não sobrevive ao corpo.

3.º Moral.—Uma palavra resume-a: o *prazer*, mas o prazer duravel, sem mistura e sem perturbação, em summa, a *ataraxia*. O prazer é, pois, o fim unico da vida, e é na voluptuosidade permanente que reside a felicidade e o soberano bem. A propria virtude só deve ser praticada em attenção ao prazer que acarreta. São todavia preferiveis os prazeres da alma aos do corpo, embora a alma seja material.

N. 5. Escola Stoica.—Zenon, o fundador do Portico, nasceu em Citium, na ilha de Chypre, 350 annos antes de Jesus Christo. Durante dez annos, acompanhou as lições de diversos phylosophos cynicos, megarianos ou academicos, e de suas doutrinas reunidas compoz uma especie de eclectismo particular. Sua escola era mui frequentada. Zenon dirigiu-a cerca de cinquenta annos. Como dava suas lições em Athenas, em torno de um portico (*στοά*), foram seus discipulos chamados *Stoicos*.

Doutrina.— A philosophia stoica comprehende tambem tres partes : a Logica, a Physica, a Moral.

1.º Logica.— Todas as nossas idéas são provenientes dos sentidos, segundo este principio admittido por elles como um axioma : *Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*. Chegam-nos directamente mediante representações sensiveis, ou então são formadas por um trabalho da intelligencia que actua sobre essas representações. A certeza dos sentidos é vivamente defendida contra todos os sophismas. A Logica de Aristoteles é aceita em seu conjuncto ; mas as dez categorias são simplificadas e reduzidas a quatro : o *sujeito*, a *qualidade*, a *maneira de ser* e a *relação*. A Logica dos Stoicos era completada por algumas noções sobre a rhetorica.

2.º Physica.— Comprehende os principios das cousas e a Psychologia.

Principios das cousas. O mundo é composto de dous elementos, um *passivo* e outro *activo*. O elemento passivo é a materia ($\mu\lambda\eta$), mas, increada, inerte e privada de toda qualidade. O elemento activo é a razão eterna, designada sob o nome de Deus. Este Deus é uma substancia ignea e intelligente, uma especie de ether, diz Cicero. Depois de haver organizado o mundo, uniu-se-lhe como a alma está unida ao corpo, e prepara-se para absorvel-o um dia por uma combustão universal. As almas dos deuses inferiores, dos genios e as dos homens são uma emanação desse fogo divino, e devem confundir-se de novo com elle. A natureza inteira é, pois, semelhante a um vasto animal. Reconhece-se ahi o pantheismo *anthropomorphico*. Dá-se ainda a esse systema um outro nome barbaço. Chamam-n'o *hilozoismo* ($\mu\lambda\eta, \xi\omega\sigma$, materia, vida.) Para os stoicos a providencia existe só em nome ; porque o mundo é governado por leis geraes e necessarias. A fatalidade do *Destino* governa tudo.

Psychologia. A alma humana, emanação da alma do mundo, participa de sua natureza ignea, e de novo confunde-se com ella. As almas particulares não são immortaes. Esta propriedade convem unicamente á alma universal. Quanto á vontade, não é violentada por uma força extrinseca ; mas actua sob impulso irresistivel do *fatum* ou *Destino*.

3.º Moral.— Eis os seus principios. O fim de nossas acções é o bem. O bem define-se : o que é conforme com a razão e com a natureza. Reside nas cousas que dependem de nós, por

exemplo, a força da alma. O dever fundamental do homem é seguir a natureza: *sequere naturam*. Por esta palavra *natureza* entendiam os stoicos a razão divina, da qual é nossa alma uma emanção. De modo que obedecer á natureza é obrar como Deus, razão universal, sempre fiel ás suas proprias leis. Fazer o bem e praticar a virtude é, pois, tornar-se semelhante a Deus. Para chegar a esta semelhança, releva viver sempre sem attender á sensibilidade interior, nem ás impressões que pôdem vir de fóra. Como a conformidade de nossos actos com a razão constitue-lhes toda a moralidade, tiravam os stoicos esta conclusão, que todas as virtudes são iguaes, e iguaes todos os vícios; porquanto, diziam elles, todas as virtudes e todos os vícios são, pelo mesmo titulo e no mesmo gráo, conformes ou oppostos á razão divina. Só na virtude cifra-se a bemaventurança. A virtude exclue toda a idéa de recompensa. É essencialmente desinteressada: *Virtutis præmium est ipsa virtus*. Forma-se de dous elementos; a *semelhança com Deus* e a *insensibilidade* junta á imperturbabilidade (*ἀπαθεια, ἀταραξία*). A divisa do sabio é: soffre e abstemte, isto é, supporta a dôr *physica* e soffoca as paixões. Tal é o sentido da expressão grega *ἀνέχου καὶ ἀπέχου*. Chegado ao fastigio da virtude, o sabio é soberanamente feliz; sua propria felicidade não pôde ser augmentada. Ainda mais, tornou-se impecavel e tudo lhe é permitido, suicidio, homicidio, adulterio, contanto que um motivo razoavel o dirija.

A moral stoica pôde merecer certos elogios. Mas, além de ser desprovida de sancção efficaz e de não parecer sufficientemente obrigatoria, é contraria á natureza humana, que não pôde *desinteressar-se* absolutamente da sua propria felicidade. Demais, pecca por um vicio radical, o *orgulho*. Ora, diz o *sabio*, «o orgulho é cousa odiosa perante Deus e perante os homens.» E' a origem de todas as prevaricações. Eis ahi porque, não raro, o stoico se ha transformado praticamente em discipulo de Epicuro.

A *philosophia stoica* tomou na Grecia, e mais tarde em Roma, prodigioso impulso. Os mais elevados espiritos adoptaram-n'a, sobretudo porque ella reagia vigorosamente contra as degradantes tendencias dos epicurios. Entre esses espiritos citam-se: *Cleantho* de Eolia (260 annos antes de Jesus Christo); *Charysippo* de Tarsa na Cilicia (280-210 antes de Jesus Christo), que passava por ser a columna do Portico; *Panælius* de Rhodes (cerca de 150 antes de Jesus Christo), que serviu de guia a Cicero no seu *Tratado dos Deveres*; *Posidonius* de Apamea (133-49 antes de Jesus Christo),

que em Rhodes, perante Pompeu, exclamava em meio de um accesso de gotta: Dôr, por mais que me atormentes, jámais confessarei que seja um mal.

N. 6. Nova Academia.—O ensino da Academia de Platão pouco tempo se manteve sem que passasse por profundas alterações, principalmente sob o aspecto da certeza. Formou-se uma nova *Academia*, pretendendo que a verdade é para todo o sempre recondita ao homem. Este pôde, dizia ella, chegar ao *verosimil*; deve perder a esperança de alcançar o certo. Esta academia fraccionou-se em varios ramos: a *média* e a *nova Academia*. Alguns autores até fallam de uma quarta e uma quinta academia. (Cf. Frank, *Dic. das sciencias philos.*)

Média Academia. Arcésilas de Pitana (Eolia) foi seu fundador (316-229 antes de Jesus Christo). Arcesilas teve, parece, por fim principal combater o dogmatismo, por vezes demasiado absoluto, dos stoicos. Sem querer ser inteiramente sceptico, fazia da *duvida* o principio fundamental de toda a philosophia.

Nova Academia. Carneades de Cyrene (215—126 antes de Jesus Christo) deu um passo mais e tornou-se um sceptico moderado, sustentando formalmente que a intelligencia humana só pôde apprehender o *mais provavel*.

Novo scepticismo.—As disputas infinitas de escolas rivaes determinaram na Grecia uma nova explosão do scepticismo. *Ænesidemo* e *Sexto Empirico* principalmente o formularam em systema. Alguns até chegaram a dizer que estes dous philosophos são os precursores dos positivistas modernos; porque, elles tambem, só aos phenomenos concediam uma verdadeira realidade. (Cf. Fouillée, *Hist. da philos.*)

Ænesidemo era de Gnosse (Creta) e vivia no tempo de Cicero. Fez se ouvir em Alexandria. «Toda cousa tem seu contrario, dizia elle, e a investigação das causas não pôde attingir um resultado certo.» Hume, 18 seculos mais tarde, não faz mais que repetir este erro de *Ænesidemo*.

Sexto Empirico vivia no 2.º seculo da era christã. Seus principaes argumentos contra os dogmaticos são tirados: da *contrariedade*, isto é, da diversidade infinita das opiniões humanas; do *infinito*, isto é, da necessidade de remontar até ao infinito para achar uma base primaria de demonstração; da *supposição*, isto é, da necessidade por isso mesmo, de admittir sem prova uma verdade fundamental; da *relação*,

isto é, dos juizos que fazemos sobre as cousas, não como são em si mesmas, mas segundo as *relações* que têm connosco; do *diallele*, isto é, da necessidade de provar as verdades uma pela outra e de fazer sempre um circulo vicioso. A conclusão de *Sexto* era: isto nada é mais do que aquillo, οὐδέν μᾶλλον; seu fim pratico era chegar a *ataraxia* ou impassibilidade.

O vicio radical deste scepticismo, como o de todos que o precederam, é não querer admitir como certo aquillo que está rigorosamente demonstrado.

N. 7. Philosophia romana.— Os Romanos não tiveram philosophia propriamente dita. Os que estudaram esta sciencia contentaram-se em adoptar as theorias diversas professadas pelos Gregos.

I. A' Escola *Epicurista* pertencem: *Carus Lucrecio*, materialista e atheu, nascido no anno 86 antes de Jesus Christo; *Plinio* o Antigo, que morreu victima de uma erupção do *Wesuvio*, 79 annos depois de Jesus Christo; *Luciano* de *Samosata* (120 annos depois de Jesus Christo), cujos *Dialogos* mordazes entregavam á zombaria publica as seitas dos philosophos e os ensinamentos do christianismo. Seus escriptos são ás vezes de uma immoralidade revoltante.

II. A Escola *Stoica* foi adoptada pelo maioria dos romanos. Citaremos *Cicero*, *Seneca*, *Epicteto* e *Marco Aurelio*.

Cicero.— (106 — 44 antes de Jesus Christo). Foi menos um philosopho original do que um elegante narrador das opiniões em voga.— Theoricamente seguia os principios da *Nova Academia*. Na pratica, mostrou-se stoico moderado.

Seu merito principal consiste em haver, sempre e por toda a parte, estigmatizado as theorias degradadas de *Epicuro*.

Deve-se-lhe, porém, exprobrar ter desconhecido a natureza de Deus, comparada por elle a um fogo ou especie de ether; haver comprehendido mal a *Providencia*, que elle limita ao governo dos entes superiores, e á qual recusa a presciencia de nossos actos. Em *psychologia*, ensina que a alma humana é uma emanação da substancia divina (*decerpta ex mente divina*). Quasi poz em duvida a sua espiritalidade e immortalidade; demonstrou mal a liberdade humana, apoiando-a em bases secundarias, como, por exemplo, as consequencias do fatalismo, deixando de lado as provas principaes. Deve sobretudo, ser censurado em *moral* por tudo subordinar á utilidade publica; autorisar os *advogados* a pleitearem uma causa

reconhecida injusta por elles proprios; os *amigos* a se afastarem, em certos casos, das regras da justiça e do direito; os *principes* e os magistrados a enganarem ao povo, quando o bem publico assim o exija; os *individuos* de character superior, como, por exemplo, Catão, a suicidarem-se, quando a vida lhes pareça insupportavel, etc.

Séneca.— O philosopho (3-69 da éra de Christo) nasceu em Cordova, e foi preceptor de Nero. Morreu abrindo as proprias veias. Seu estylo é cheio de emphase e de antitheses. Sua doutrina é um stoicismo muito moderado na pratica. Parece indubitavel que Séneca teve conhecimento dos dogmas christãos e que, por intermedio de seu irmão, entreteve relações directas com S. Paulo. Poder-se-hiam citar bellissimas paginas, que escreveu sobre as virtudes, a amizade, a philanthropia, os escravos, e até sobre os jogos do circo. As principaes obras de Séneca são: *De Providentia*; *De tranquillitate animæ*; *De clementia*; *De beneficiis*; *De vita beata*, etc., e as *Cartas a Lucilius*, a mais estimada, talvez, de suas obras.

Séneca tratou sobretudo de Moral, deixando de parte a Logica e a Metaphysica. Deve-se-lhe censurar ter ensinado o Pantheismo, *universa*, diz elle, *ex materia et ex Deo constant*; e ter posto em duvida, pelas suas contradicções, a immortalidade da alma, e a sensação penal da vida futura.

Epicteto.— De Hierapolis, na Phrygia, florescia, cerca de 90 anno da éra christã.—Nascêra escravo, e foi vendido como tal a um liberto de Nero. Depois de obter a liberdade, continuou a estudar a philosophia em Roma e em Nicopolis, no Epiro. Sua grande resignação na pobreza e no soffrimento, a expressão commovida com que expunha sua doutrina, lhe angariaram muitos discipulos e admiradores. Gravaram-lhe no tumulo esta simples inscripção: « Fui Epicteto, escravo, coxo, pobre como Irus, e no entanto amigo dos deuses ».

Epicteto nada escreveu. Seu ensino foi compilado por um de seus melhores discipulos, *Arriano*, sob o titulo de *Praticas* e resumido pelo mesmo historiador no *Enchiridion*, ou *Manual* de Epicteto. Embora filiado ao Stoicismo, Epicteto vai beber nas obras de Platão e de Socrates. Faz a guerra sobre tudo aos Epicuristas. Seu *Manual* é um resumo das maximas stoicas, ordinariamente exactas e encerrando os principaes deveres da moral individual e religiosa. As melhores parecem ter sido tomadas do Christianismo. A moral, na opinião d'elle,

consiste em fazer a vontade a Deus. Com isso, porém, entende que cumpre obedecer ás leis da natureza.

Deve-se, todavia, censural-o por não affirmar convictamente a existencia da vida futura, nem a distincção radical de Deus e do mundo. Epitecto autorisa ou parece autorisar o suicidio ; prescreve a compaixão, porque perturba nossa tranquillidade ; não se atreve a prohibir completamente a devassidão, etc.

Marco-Aurelio.—(120—180 da era christã) Com o imperador Marco-Aurelio subiu ao throno o stoicismo. Espirito pouco elevado, contentou-se em commentar Epitecto, acrescentando duvidas sobre a immortalidade, que elle não ousa affirmar, e erros sobre o suicidio, que elle permite. Character sem consistencia, é discipulo de toda a gente, e a todos busca agradar. A historia censura-lhe, entre outras cousas, ter tolerado a immoralidade escandalosa da imperatriz Faustina. O Christianismo conta-o entre os seus perseguidores. (Cf. de Champagny, *Os Antoninos*, t. III.)

III. A *Academia de Platão* foi representada por *Plutarcho* (50—120 da era christã). E' mais um narrador das opiniões dos outros, do que um philosopho. E' celebre por sua *Vida dos grandes homens*, e seu tratado sobre as *Delações da justiça divina* ; por *Maximo* de Tyro (180 da era christã), e, em parte, pelo medico *Galeno* ou *Galiano*, inventor da quarta figura do Syllogismo. Era elle quem, depois de haver descripto o corpo humano, dizia : « Acabo de cantar um bello hymno á divindade. » Galeno morreu 200 annos depois de Jesus Christo.

IV. O *Liceu de Aristoteles* teve por principaes sectarios *Alexandre* de Aphrodiséa (200 annos depois de Jesus Christo) e *Simplicio* (500 annos da era christã), ambos celebres, nos tempos antigos, por seus commentarios sobre os escriptos do grande philosopho.

V. Finalmente, a escola de *Pythagoras* foi representada entre o povo romano por *Appolonio de Thyana*, tão famoso na historia da Igreja. Este philosopho extravagante vivia em meados do 1.º seculo da era christã. Quizeram fazer d'elle um thaumaturgo, afim de abater os innumerados milagres operados pelos primeiros christãos e apóstolos. Mas seus pretensos prodigios não passam, em geral, de grosseiras fabulas, indignas de todo credito. (Cf. Feller, *Dicc. hist.*)

ARTIGO QUARTO

ESCOLA DE ALEXANDRIA.—PHILOSOPHIA DOS PADRES, ETC.

(Desde o anno 100 da éra christã até 800.)

Durante o reinado dos Ptolomeus tornára-se Alexandria o centro das relações commerciaes e intellectuaes do Oriente. Foi ahi que se viu florescer por muitos seculos uma escola celebre de philosophia. Chamam-n'a ora *néo-platonica*, porque Platão é o philosopho a que ella mais obedece; ora *eclectica*, porque recorre a quasi todas as philosophias; ora *theologica*, porque principalmente se occupa de Deus; ora *mystica*, porque na investigação da verdade amesquinha a parte da razão, exagerando as communicações directas com a divindade. Seu fim era, sobretudo, combater o christianismo, já então espalhado por toda a parte. O neo-platonismo foi ensinado não só em Alexandria, como em Roma, Athenas, Epheso, etc.

Comprehende a Escola de Alexandria: 1.º a philosophia gnostica; 2.º a philosophia platonica; 3.º a philosophia dos Padres da Igreja. 4.º Diremos algumas palavras sobre diversos philosophos, que viveram entre os primeiros padres e o reinado de Carlos Magno.

N. 1. Os Gnosticos.— Assim se denomina grande numero de seitas pagãs e christãs ao mesmo tempo, que pretendiam chegar a um conhecimento mais perfeito de todos os mysterios relativos a Deus, ao homem, ao universo e á criação. Tinham por doutrina um amalgama confuso de todos os systemas. Os principaes gnosticos são: *Simão* o magico, *Menandro* de Samaria, *Saturnino*, *Basilides*, *Valentim*, *Marcion*, *Manés*, etc.

O gnosticismo é ora pantheista, ora dualista.

Gnosticismo pantheista.— Todas as cousas emanam de um primeiro principio, chamado $\Theta\upsilon\delta\epsilon\varsigma$, abysmo. Ha dous mundos, o mundo superior, ou *pleromo*, composto de espiritos hierarchicos denominados *Eons*, e o mundo inferior, os homens. O ultimo dos Eons, chamado Demiurgo, não é outra cousa mais que Jehovah, o Deus dos Judeus e dos Christãos. Foi elle que produziu o mundo inferior por via de emanação. As almas pertencem, pois, ao *pleromo* dos Eons; mas, encadeadas á materia, necessitam de um liber-

tador. Este libertador é o Christo, enviado pelo primeiro principio $\Theta\upsilon\delta\acute{\iota}\varsigma$, com a missão de reparar os desazos do Demiurgo.

Gnosticismo dualista.— De toda a eternidade existem simultaneamente dous principios necessarios : o espirito e a materia, a luz e as trevas, o bem e o mal. Do bem emanam os *Eons*, que compoem o *pleromo*; do mal provêm os seres inferiores e máos. O mundo physico, produzido pelo Demiurgo, acha-se no limite do bem e do mal; os bons genios e os máos ahi se encontram e travam combate perpetuo. As almas encadeadas têm por libertador o Christo.

Em moral, queriam os Gnosticos que a alma se tornasse de todo independente do corpo. Mas, para adquirir esta independencia, seguiam processos contrarios. Praticavam uns a abstinencia, os jejuns, as austeridades, e reprovavam o casamento; outros entregavam-se a todas as voluptuosidades, porquanto aspiravam a fazer paz duradoura com seu inimigo mortal. Estas seitas impias e immoraes foram justamente condemnadas pela Igreja. (Cf. Rothenflue.)

N. 2. Escola Neo-Platonica.—A escola neo-platonica, ou *eclectica*, de Alexandria, é um mixto das philosophias grega, platonica, oriental, com algumas idéas christãs. (1)

Seus principaes sectarios são: Plotino, Porphyro, Jamblico, Juliano o Apostata, e Proclus.

Plotino.—(205—270 da éra christã.) Nasceu em Nicopolis, no Egypto, visitou o Oriente, e foi fixar-se em Roma, onde ensinou a philosophia com grande exito. Era um philosopho profundo e sabio. Sua palavra original, por vezes eloquente, tinha o dom de captivar os numerosos ouvintes, não obstante a falta de methodo e a incorrecção do estylo. Plotino compoz sobre as materias philosophicas cincoenta e quatro tratados, que seu discipulo Porphyro publicou, depois da morte do autor, em *seis series de nove tratados*, que trazem o nome de *Enneades*, porque seis e nove na sua opinião são os numeros mais perfeitos.

(1) Os escriptores racionalistas querem que a doutrina catholica derive do neo-platonismo. E' um erro completo. O proprio Sr. J. Simon reconheceu a impossibilidade de conceder ao eclectismo de Alexandria qualquer influencia na formação dos dogmas christãos. (*Hist. da Escola de Alew.*, l. I, cap. III; l. II, cap. IV.)

Porphyro.— Nascido em Tyro, no anno 223, estudou successivamente em Alexandria com Origenes, em Athenas com Longino, e em Roma com Plotino. Dedicou-se principalmente a desenvolver as doutrinas deste ultimo, e entregou-se por demais ás praticas da theurgia, para ter communicações directas com a divindade. Porphyro, segundo o testemunho de Santo Agostinho (*De Civil. Dei*, l. 19), abandonou a religião christã por uma vil aposthasia, e tornou-se inimigo encarniçado do catholicismo. E' autor de um tratado mui conhecido, intitulado *Isagogo*, o que é uma *Introdução* ás categorias de Aristoteles.

Jamblico.— (200 annos da éra christã). Nasceu em Chalcis, foi discipulo de Porphyro, cujas doutrinas sobre a trindade modificou, e entregou-se totalmente, como aquelle, ás praticas da theurgia. Como seu predecessor, combateu o catholicismo. Seus discipulos veneraram-n'o como um Deus e attribuiam-lhe mesmo o poder de fazer milagres.

Juliano o Apostata.— (331 — 363) Apostata do catholicismo, perseguidor dos christãos, dado aos mysterios occultos, foi amigo dos neo-platonicos, e buscou por todos os meios ressuscitar e rejuvenescer o paganismo. Sabe-se como morreu.

Proclus.— Nascido em Constantinopla, em 412, estudou em Alexandria e Athenas. Entregue ás praticas da theurgia, fazia-se chamar *hierophante* ou *padre universal*, e buscava combinar, em uma fusão commum, todos os cultos conhecidos. Foi, dizem, depois de Plotino, o maior entre os philosophos da escola neo-platonica.

Doutrina neo-platonica.— Os livros de Plotino e de Proclus fornecer-nos-hão uma exposição exacta e summaria.

1.º A dialectica.— O conhecimento tem cinco grãos distinctos: o que é percebido pelos sentidos; as acções intimas da alma, observadas pela consciencia; o que é conhecido pela analyse e pela synthese; as verdades primarias, objecto da razão; finalmente o absoluto, descoberto pela contemplação. Aquillo que é percebido pelos sentidos tem apenas valor apparente e ephemero; sómente as idéas que attingem o absoluto são perfeitamente reaes. O fim da philosophia é, pois, o conhecimento do *um* absoluto, ou a *unificação* da alma com Deus. E' assim que o homem attinge seu duplo destino, a

santidade e a felicidade. Obtem-se este conhecimento e esta união pela intuição immediata de Deus. Pelo extase chega-se á intuição.

A contemplação do *um* absoluto nol'o mostra como possuindo uma certa vida e consciencia; mas de tal maneira está acima do ser, do espaço, do pensamento e de toda a fórma, que deveria denominar-se *o indeterminado*. Essa contemplação que delle derivam, por intermedio de geração e de emanção necessaria, a intelligencia e a alma: a *intelligencia*, imagem da unidade absoluta, é a razão e o typo de toda a realidade; a alma (*ψυχή*), que emana da intelligencia, possui como attributo essencial a actividade. Estas tres cousas, *unidade* absoluta, *intelligencia* e *alma* constituem, não tres deuses, nem tres propriedades, mas tres hypostases, desiguaes entre si. (1) A intelligencia é inferior á unidade; a alma é inferior á intelligencia. Como se vê claramente, a theoria neo-platonica não passa de uma alteração grosseira do dogma catholico da Trindade. Das tres hypostases de Plotino se têm dito, com razão ou injustamente: A primeira é o deus de Platão; a segunda, o deus de Aristoteles; a terceira, o deus dos Stoicos. (Cf. Fouillée, *Historia da Philosophia*.)

2.º **Cosmogonia.** — A *alma*, ao contemplar a *intelligencia*, produz necessariamente os seres espirituaes e os seres corporeos, por meio de irradiação e de geração. E' menos perfeita essa irradiação á medida que se vai afastando do centro. Eis ahí porque a materia é cheia de imperfeições. Os seres espirituaes são: os deuses, os genios, as almas dos homens, dos animaes e das plantas. Tal é em substancia a Cosmogonia dos neo-platonicos.

3.º **Psychologia.** — A alma humana deriva da alma divina; está unida ao corpo, que lhe é prisão, e deve desprender-se delle afim de voltar para Deus, que é seu principio, e com elle unificar se. O conhecimento das cousas superiores obtem-se pelos meios ordinarios, a observação, o raciocinio e a contemplação; tambem se obtem por processos sobrenaturaes, como a intuição e o extase, que nos poem em communicação directa com Deus. O extase é o resultado de uma mortificação continua e do habito de contemplar as idéas geraes, sobretudo os generos e as especies.

(1) A palavra *hypostase* não tem um sentido determinado entre os neo-platonicos. Não significa uma *pessoa*, mas alguma cousa de vago, menos que uma substancia, mais que uma qualidade.

4.º **Moral.**— A felicidade não é deste mundo. As almas devem um dia voltar á grande unidade absoluta, com tanto que tenham vivido santamente na terra; as outras soffrerão as migrações da metempsychose. Este destino, ou, para melhor dizer, esta absorpção das almas virtuosas no absoluto, chama-se *simplificação* (ἀπλοσις) e *unificação* (ἕνωσις). Obtem-se por dous modos: pela observancia da lei moral, pela luta contra as paixões e pela abstinencia; e demais pela supplica, pelos sacrificios e pela contemplação extatica.

Apreciação. O neo-platonismo é uma especie de pantheismo idealista e mystico. Não encerra concepção alguma que lhe seja inteiramente propria, e a conciliação que quiz fazer entre doutrinas oppostas foi mais apparente que real. Seu Deus não é pessoal, é indeterminado; sua trindade compõe-se de hypostases designaes; sua criação é uma emanação pantheistica; o sobrenatural confunde-se com o natural; o destino do homem confina na perda de sua individualidade; emfim, admittindo uma communicação directa com Deus, abre a porta a todos os excessos da magia. Acrescentemos, porém, que á theoria de Plotino sobre o bello não falta originalidade nem profundidade, a dar-se credito a seus traductores e admiradores modernos. (Cf. Branchereau; Fouillée, *Historia da Philosophia.*)

N. 3. Philosophia dos padres da igreja.—

Os padres da igreja tomaram parte no movimento philosophico da época, do qual se serviram para defender os dogmas christãos, quer contra o paganismo, quer contra a escola de Alexandria. A philosophia é considerada, em geral, pelos padres, como uma *introdução* e uma preparação para a fé, como util á *exposição* arrazoada de seus dogmas, como necessaria á *apologetica* christã. Nenhum delles tentou compôr um *Curso* verdadeiro e completo de Philosophia.

Os principaes são: S. Dyonisio o Areopagita, S. Justino, S. Clemente de Alexandria, S. Irineo, Lactancio, S. Agostinho, etc. Pertencem á igreja do Oriente e á do Occidente.

I. Padres da igreja do Oriente. S. Dionisio o Areopagita.— Foi convertido ao christianismo por S. Paulo, e morreu no anno 95, martyr e bispo de Paris, segundo a critica mais autorisada. Sua doutrina philosophica é um mixto de theorias bebidas no Oriente, na Grecia e em Platão, harmonisadas com o christianismo. Sua orthodoxia não é duvidosa. As principaes obras de S. Dionisio são: *Da*

Hierarchia Celeste, dos Nomes Divinos, da Theologia Mystica. Os *Nomes Divinos*, o mais importante desses tratados, encerra uma excellente Theodicéa. Ahi Deus invisivel apparece através do véo das creaturas, imagem enfraquecida das perfeições divinas. Essas perfeições revelam-se á razão humana pela triplice via de causalidade, de eminencia e de eliminação. O nome que melhor convem para designar a essencia divina é o *ser*. Se a consideramos em suas relações comnosco, é a *bondade*. Da bondade emanam a criação, a providencia, etc.

S. Justino.— (Palestina, 103 — 163.) A principio pagão, quiz procurar a verdade e dirigiu-se alternativamente a um stoico, a um peripatetico, a um pythagorico, sem que chegasse a satisfazer-se com as suas respostas. Deparou com a Escripura Santa, meditou-a, converteu-se ao christianism, e obteve a gloria do martyrio. Suas principaes obras são : uma *Exhortação aos gregos*, duas *Apologias*, e um *Dialago com Triphon*. O seu estylo é elevado e a erudição abundante. No entanto, S. Justino conservou por Platão uma estima profunda, tentando muitas vezes conciliar-lhe as opiniões com as doutrinas do Evangelho. Sustentou razoavelmente, parece, que Platão haurira seu ensinamento nos livros de Moysés.

Clemente de Alexandria.— (150—217). Nascido em Alexandria de pais pagãos, tornou-se um dos mais illustres apologistas da religião curistã. Suas principaes obras são : as *Stromates* ou Tapeçarias, e o *Pedagogo*. Clemente professou criterioso ecletismo. Sua doutrina está de accordo com os ensinamentos da fé, e sua moral é apenas um commentario do Evangelho com uns laivos de stoicismo.

Origenes.— (Alexandria, 185 — 254). Discipulo e successor de S. Clemente, Origenes adquiriu grande reputação por sua vasta erudição. Esforçou-se para conciliar as doutrinas egypcias, gregas, orientaes e christãs. Mas andou mal e cahiu em muitos erros, que foram causa de duvidar da sua orthodoxia. Sua obra principal, escripta contra Celso, que é um philosopho epicurista e inimigo encarnicado do christianismo, encerra uma apologia completa e sabia da religião.

II. Padres da Igreja Occidental. S. Irineu, bispo de Lyão.— Nascido no Oriente, em 120, morreu em 202. Deixou-nos um livro intitulado *Contra as heresias*, em que são refutadas as theorias gnosticis e os erros da philoso-

phia oriental, então espalhados em todo o mundo romano. A philosophia de S. Ireneu não é completa; contém apenas os elementos da *Theodicæa* e da *Cosmologia*. Propõe-se elle principalmente desnudar o vicio das doutrinas gnosticicas. Fêl-o em estylo claro e tom severo, que o fizeram considerar injustamente por alguns como inimigo da razão.

Minutius Felix.—(3.º seculo.) A principio pagão, e distincto advogado em Roma, Minutius converteu-se ao christianismo e fez a apologia da religiã, em uma obra notavel, intitulada *Octavius*. E' um dialogo vivo, cerrado, por vezes eloquente, entre um christão chamado Octavio e um partidario dos deuses do paganismo.

Arnobio.— (Morto em 320.) Nasceu na Numidia e mostrou-se vigoroso apologista do christianismo no seu livro intitulado: *Disputationes adversus Gentes*.

Lactancio.—(Morto em 325.) Era discipulo de Arnobio. Cognominaram-n'o, por causa de seu estylo elegante, o *Cicero christão*. Lactancio, em suas *Instituições divinas*, empenhou-se em mostrar as innumeraveis contradicções dos diversos systemas philosophicos, e oppôz-lhes a verdade da revelação christã.

S. Agostinho.— (354—430). E' o maior e o mais completo dos Padres da Igreja. Nasceu em Tagasta, na Africa, de pai pagão e de mãi christã, Santa Monica. Em sua juventude, que foi tempestuosa, adoptou a heresia dos manicheus. Convertido á igreja catholica por S. Ambrosio, tornou-se um de seus mais illustres doutores, e morreu bispo de Hippona em 430. Nas suas *Confissões* eleva-se por vezes a especulações as mais metaphysicas. Em seus *Dialogos contra os Academicos* refuta os scepticos. Seu tratado *De Quantitate animæ* é um estudo quasi completo de psychologia. Na *Cidade de Deus* applica-se em mostrar que os acontecimentos humanos são sempre encaminhados pela Providencia. S. Agostinho é de ordinario fiel ás doutrinas de Platão, mas sem admittir seus erros.

M. Franc. Buillier disse de Santo Agostinho: « Este grande genio, inspirando-se no Platonismo, discutiu de modo notavel certo numero de questões metaphysicas; contribuiu com luzes novas, mediante analyses exactas e profundas, para o esclarecimento de certas faculdades da alma, e sobretudo as

inclinações, as paixões e as fraquezas do coração humano. Sua philosophia não deixou de influir sobre a philosophia da idade média e mesmo do 17.º seculo.» (*Hist. da Philos.*)

Doutrina geral.—Os Padres tomaram para base o ensinamento *christão*, cujo proveito racional empenharam-se em demonstrar. Era já *fides querens intellectum*. Ensinam a unidade de Deus, principio, senhor e fim de tudo o que existe; a trindade das pessoas em uma só natureza; a criação *ex nihilo*; a Providencia e o concurso de Deus em tudo o que se faz. Refutam sobretudo o Pantheismo, o Manicheismo, o Atheismo e o Polytheismo. Ensinam que o espirito e a materia são essencialmente distinctos; que a alma humana é espiritual e destinada a regosijar-se em Deus pela visão intuitiva; que a fé e a revelação são necessarias, e que, unidas á razão do homem, constituem a sabedoria completa.

PERGUNTA. Foi haurida em Platão a doutrina dos Padres?—

Os Padres têm sido por muitas vezes accusados de Platonismo. Esta accusação, formulada desde os primeiros seculos da Igreja pelos philosophos pagãos, Celso principalmente, foi repetida pelos protestantes e de novo trazida a lume pelos escriptores racionalistas ou progressistas contemporaneos: Vict. Cousin, Guizot, Villemain, Barthelmy Saint Hilaire, Vachero (1), etc.

Esta accusação é uma calumnia. 1.º Origenes refutou completamente Celso sobre este ponto. 2.º O padre Baltus, em sua *Defesa dos Padres*, prova até á evidencia que os Padres não foram educados na philosophia de Platão, e que é falso haver semelhante philosophia dominado nos primeiros seculos da Igreja, como a de Aristoteles nos ultimos; que os Padres nunca seguiram, em assumpto algum, a philosophia platónica, e que lhe refutaram todos os erros. 3.º Se todo o christianismo está em Platão, como se explica que não se espalhasse no tempo do autor, com o auxilio de uma lingua tão bella, e esperasse tres seculos para tomar impulso pela predica de alguns Judeus grosseiros? Qual a razão por que em sua origem foi considerado um dogma novo, monstruoso, e os sectarios foram perseguidos com tanto encarniçamento? Como explicar-se porque o christianismo,

(1) « O chistianismo e a philosophia de Alexandria, diz o Sr. Vachero, são duas doutrinas nascidas do mesmo principio, e Platonismo. (*Hist. da Escola de Alexandria.*) »

que, segundo pretendem, tem os mesmos dogmas que Platão, haja ensinado uma moral tão diferente? 4.º Dizem que Platão deu ao christianismo o dogma da Trindade. E' um erro; porque Platão não conheceu esse dogma. Não conheceu nem a *personalidade* do Verbo, nem sobretudo a do Espirito-Santo. E se, de facto, conheceu o dogma da Trindade, como querem alguns, foi nos Livros santos que hauriu esse conhecimento. 5.º Finalmente, é verdade que muitos pontos das doutrinas platonicas se encontram nos Padres, não porque Platão as tenha suggerido aos Padres, mas porque Platão e os Padres se acharam de accordo sobre um certo numero de questões philosophicas. (Cf. Monseñor, Maret, *Theod. christ.*)

N. 4. Philosophos antes de Carlos Magno.—

Do fim do seculo V até Carlos Magno, a historia da Philosophia offerece poucos nomes notaveis. Falla-se de Cassiano, Salviano de Marsella, Vicente de Lerins, Claudiano Mamert de Vienna, etc. Citaremos apenas Boecio, Bede, Isidoro de Sevilha, e S. João Damasceno.

Boecio.— (470 — 524.) Oriundo de uma nobre familia romana, e trucidado por ordem de Theodorico, Boecio traduziu em latim a *Dialectica* de Aristoteles, commentou a *Introdução* de Porphyro e compoz em sua prisão o livro da *Consolação*, tão celebre na idade média. Ahi se esforça para conciliar a bondade de Deus com a existencia do mal, e a liberdade humana com a presciencia divina. Em geral, Boecio é, quanto o póde, igualmente discipulo de Aristoteles e de Platão. Muitas de suas definições tornaram-se celebres na philosophia escolastica, principalmente as da eternidade, da pessoa e da bemaventurança.

Bede o Veneravel.— (573—635.) Nasceu em Inglaterra e compoz um grande numero de resumos sobre diferentes ramos do ensino escolastico. Suas obras foram consultadas frequentemente na idade média.

S. Isidoro, arcebispo de Sevilha.— (570—636.) E' celebre por seus livros sobre as *Etymologias*, encyclopedia resumida do tempo.

S. João Damasceno.— (676 — 764.) E' autor de uma *Dialectica* e de uma *Physica*, redigidas segundo os principios de Aristoteles. Temos tambem d'elle um Tratado de Theologia dogmatica, no qual prova pela razão a existencia de Deus e a distincção de seus attributos.

CAPITULO II

SEGUNDA ÉPOCA.— PHILOSOPHIA DA IDADE MÉDIA

Costuma-se dividir a philosophia medieva em tres periodos. No primeiro periodo (800 — 1200), a Philosophia é, dizem, totalmente subordinada á Theologia, e ás vezes mesmo absorvida por ella. No segundo periodo (1200 — 1400), existe a subordinação, sem ser, porém, tão absoluta. A Philosophia é *ancilla theologiæ*, e torna-se mesmo sua amiga e alliada. No terceiro periodo (1400 — 1600), a Philosophia separa-se progressivamente da Theologia, e tende a tornar-se independente (1).

A questão dominante desta época foi a controversia a respeito das *universaes*. O syllogismo foi o processo ordinario. Os philosophos antigos cujos escriptos mais influíram na idade média são Aristoteles e S. Agostinho.

ARTIGO PRIMEIRO

PRIMEIRO PERIODO (800 — 1200)

Este periodo comprehende tres phases: O renovamento dos estudos, a introdução da controversia sobre as *universaes*, finalmente algumas escolas secundarias.

N. 1. Renovamento dos estudos.— Excepto os mosteiros, onde voluntariamente se estudava a *Logica* de Aristoteles, a *Introdução* de Porphyro e os livros de Cicero ou de Seneca, o resto da Europa quasi que não se occupou de philosophia nos primeiros seculos da monarchia franceza.

Carlos Magno, cujo genio tudo abrangia, esforçou-se para fazer com que reflorescessem os estudos, e fundou em seu palacio imperial uma escola celebre, da qual veio talvez o nome dado á *escolastica* (Schola).

Alcuin.— (735 — 804.) E' o verdadeiro fundador da *escola palatina*. Sabe-se que era de York. Habil em todas as sciencias.

(1) Não pretendemos discutir esta classificação um pouco systematica dos *Manuaes*. Observamos somente que a escolastica não empregou nem exclusiva, nem principalmente o methodo da autoridade, como se lhe censura hodiernamente. E' facil demonstral-o, porquanto abundam as provas.

cias, compoz uma Dialectica e um Tratado sobre as sete artes liberaes, com o titulo de *Trivium* e *Quadrivium*. O *Trivium* comprehendia a Grammatica, a Dialectica, a Rhetorica; o *Quadrivium* fallava da Musica, da Arithmetica, da Geometria e da Astronomia.

Rabam-Maur, discipulo de Alcuin e arcebispo de Mayença, divulgou-lhe a Dialectica na Allemanha.

João Scot — cognominado *Erigeno* por causa da Irlanda (Eriu), sua patria, foi chamado á côrte de Carlos o Calvo. Traduziu em latim as obras de S. Dionisio, e formulou um systema de philosophia pantheistica, tirado das theorias da India e da Escola de Alexandria. Duas palavras resumem sua doutrina: Ha uma só substancia. Os entes que emanam desta substancia absoluta devem ser um dia absorvidos por ella. Scot Erigeno morreu em 877. Suas theorias tiveram poucos sectarios nesta época, e foram mais tarde condemnadas, no XIII seculo, pelo papa Honorio III.

Gerbert d'Aurillac. — (930 — 1003.) Gerbert foi successivamente arcebispo de Reims e de Ravenna, enfim Papa com o nome de Silvestre II. Estudara em Cordova. Era um sabio universal. Compoz uma Dialectica intitulada: *De Rationali*, diversos tratados de Mathematicas, e introduziu em França os algarismos arabes. (Cf. Darras, *Hist. da Igreja*.)

N. 2. Controversias sobre as universaes. —

Esta controversia foi introduzida no decurso do seculo XI. Basta dizer uma palavra a respeito de cada escola e de seus principaes chefes.

1.º **Escola realista.** — S. Anselmo e Guilherme de Champeaux foram seus fundadores.

S. Anselmo. — Nasceu em Aosta, em 1033. Estudou com Lanfranc, na abbadia de Bec, na Normandia, onde exerceu a dignidade abacial, e morreu arcebispo de Cantorbery, no anno de 1109. Sua doutrina acha-se contida no seu *Monologium*, que trata de Deus e da Trindade, em seu *Proslogium*, onde trata dos attributos divinos. Sua divisa era: *Fides quærens intellectum*. Para provar a existencia de Deus, emprega tres idéas: as de *bondade*, da *grandeza* e de *ser*, e mostra que ha uma *bondade*, uma *grandeza* e um *ser* absolutos. Foi o primeiro que formulou a prova ontologica, pela *idéa do infinito*. Esta demonstração, objecto de tantas

controversias, foi vivamente atacada, mesmo no tempo de S. Anselmo, por um monge de Marmoutiers, chamado *Gau-nylon* que compoz, para isso, um escriptozinho intitulado: *Liber pro Insipiente*.

Guilherme de Champeaux.— Nasceu na idéa desse nome, em Brie, no anno de 1050, e morreu em 1121, bispo de Chalon-sobre-o-Marna. Ardente antagonista de Roscelin, foi o defensor exagerado do realismo. É considerado como seu chefe. Nada nos resta de suas obras. Sua doutrina só nos é conhecida por intermedio de Ábailard.

Diversos philosophos levaram o realismo até a heterodoxia. Citemos *Amaury de Chartres* (morto em 1209). Chegou até, no dizer de Gerson, a sustentar a identidade da creatura e do Creador, do mundo e de Deus, no qual tudo deve absorver-se um dia. Era o pantheismo idealista. *David de Dinant*, seu discipulo, combinou essa theoria com as idéas de Aristoteles sobre a materia e a fórma, e com isso compoz um pantheismo materialista. Taes erros foram condemnados por Innocencio III, como insensatos e hereticos.

2.º Escola nominalista.— O chefe do nominalismo foi *João Roscelin*, conego de Compiègne. Nasceu na Bretanha e tornou-se illustre, ao findar do seculo xi. Segundo elle, as idéas universaes são apenas palavras, *flatus vocis*, sem valor real. Pretendeu applicar seu systema á theologia, e sustentou que, na Trindade, o Padre, o Filho e o Espirito Santo são três divindades distinctas. Esta heresia, chamada *tritheismo*, foi combatida victoriosamente por S. Anselmo. O concilio de *Soissons* (1092) condemnou Roscelin, que teve o merito de retratar-se.

3.º Escola conceptualista.— O chefe é Abailard.

Pedro Abailard.— Nasceu perto de Nantes em 1079, e morreu em Cluny, para onde se retirára no anno de 1143. Depois de haver sido discipulo de Roscelin e de Guilherme de Champeaux, tornou-se por sua vez mestre, e organisou um systema conciliador cujo character nem sempre é perfectamente determinado. Suas obras principaes são: uma *Dialectica*; um *Tratado dos generos e das especies*; uma *Moral*, etc.; finalmente uma obra inedita até hoje, o *Sic et Non*, na qual, citando o pro e o contra sobre um grande numero de questões religiosas ou philosophicas, Abailard as entrega á duvida e á incerteza. Commetteu um erro mais grave. Na ex-

posição dos mysterios catholicos, afastou-se scientemente da linguagem ordinaria, foi combatido por S. Bernardo e justamente condemnado em dous concilios, em Soissons e em Sens. O abbade de Clairvaux dizia de Abailard : « *Cum de Trinitate loquitur, sapit Arium ; cum de gratiâ, sapit Pelagium ; cum de personâ Christi, sapit Nestorum* ».

E' censuravel em Abailard, além de seu Conceptualismo, haver admittido, entre as tres pessoas da Trindade, apenas uma distincção *nominal*. (Era destruir ao mesmo tempo o dogma e o mysterio) ; haver sustentado que o mundo actual é o mais perfeito dos mundos possiveis ; haver feito dos philosophos pagãos, e principalmente de Platão, homens semi-christãos, instruidos no dogma da Trindade e de posse da verdadeira fé, acrescentando que não temos, por causa disso, nenhuma razão para duvidar da salvação delles. (Cf. Gonzalez, *Philosophia Elementaria*, Madrid, 1877.)

N. 3. Algumas escolas secundarias. 1.º Escola mystica.— Um certo numero de philosophos julgaram dever reagir contra o que elles chamavam os abusos da Dialectica. Cita-se principalmente Hugues e Ricardo de S. Victor. *Hugues* nascido na Saxonia, ou em Ypres, veiu ensinar a theologia em Paris, na abbadia de S. Victor, e morreu em 1140. *Ricardo*, seu discipulo, era originario da Escossia. Abbade de S. Victor, como seu mestre, morreu em Paris, no anno de 1175.

Doutrina. Estes dous homens ensinaram um systema de philosophia mystica, que souberam conter pouco mais ou menos nos limites da orthodoxia. A alma vai á verdade por uma escada de seis degrãos : Os *sentidos* conhecem as cousas nos proprios corpos ; a *imaginação* percebe-as separadas da materia ; a *razão* aparta pela abstracção, as propriedades dos objectos e une-as no juizo ; a *memoria* conserva esses juizos ou noções ; pelo *entendimento*, conhecemos as substancias invisiveis ; pela *intelligencia*, percebemos immediatamente Deus e as verdades principios. Acrescentam que, como preparatorio para aquisição da sciencia, a Dialectica é menos necessaria do que o amor de Deus e a pureza do coração.

2.º Philosophia arabe.— Os Arabes tiveram, cedo, conhecimento das obras de Aristoteles, e as commentaram, introduzindo-lhes graves erros. Citam-se, no Occidente, dous nomes mais illustres : *Avicennes* (980 — 1036) e *Averroës* de Cordova (1200). A Philosophia de Avicennes é cheia de

subtilezas e de opiniões temerarias. Averroës acrescentou suas proprias idéas ás doutrinas de Aristoteles; ensinou o pantheismo da emanação e a impersonalidade da razão humana.

3.º Pedro Lombardo.— (1100 — 1164). Neste primeiro periodo, Pedro Lombardo merece logar particular. Nasceu em Novara, estudou e professou a theologia em Paris, onde foi bispo. Uma obra de theologia por elle composta, e intitulada *Sententiarum libri quatuor*, valeu-lhe o titulo de *Mestre das sentenças*. As materias são ahi tratadas com ordem e methodo, confirmadas pela autoridade dos Padres e dos livros santos. O *Livro das Sentenças* tornou-se classico. Teve a honra de ser commentado pelos maiores doutores da idade média, inclusive S. Thomaz e S. Boaventura.

ARTIGO SEGUNDO

SEGUNDO PERIODO (1200 — 1400)

Os philosophos arabes haviam feito conhecer as obras completas de Aristoteles. O gosto pelas sciencias e pelas especulações metaphysicas se desenvolveu mais vivo que nunca. Cobriu-se de universidades florescentes a Europa, e de todas as partes concorreram os discipulos para ouvir mestres celebres, pela mór parte filhos de S. Francisco e de S. Domingos.

Este periodo foi o apogêo da philosophia escolastica, onde Aristoteles conservou grande autoridade e o methodo syllogistico esteve quasi que exclusivamente em uso. O realismo commedido tornou-se e conservou-se a doutrina dominante. Póde distinguir-se na evolução deste segundo periodo uma triplíce phase de *incremento*, de *perfeição* e de *decadencia*.

N. 1. Phase de incremento.— Citemos os nomes mais illustres:

Alexandre de Hales.— Nascido em Inglaterra, morreu em Paris em 1245. Entrou para a ordem dos Franciscanos, compoz um *Resumo de Theologia* e *Commentarios* sobre Aristoteles, e foi mestre de S. Boaventura. Chamavam-n'o o *doutor irrefragavel*.

Guilherme de Auvergne.— Bispo de Paris, morreu em 1249. Theologo exacto e habil dialecto, conhecia bem os philosophos antigos, os commentarios arabes, e soube fazer entre estas doutrinas judiciosa escolha. Nascêra em Aurillac.

Vicente de Beauvais.— (1200—1264.) Dominicano e preceptor de S. Luiz, compoz, em dez volumes in-folio, uma encyclopedia de todas as sciencias, sob o titulo de *Espelho geral*, *Speculum majus*.

N. 2. Phase de perfeição.— Alguns nomes mais celebres a resumem: Alberto o Grande, S. Boaventura, Duns Scot, e sobretudo S. Thomaz de Aquino. Aqui a philosophia está estreitamente ligada á theologia.

1.º **Alberto o Grande.**— (1205—1280.) Nascido na Suabia, ensinou a philosophia e a theologia em Paris e em Colonia, foi nomeado bispo de Ratisbona, resignou esse cargo e morreu simples religioso dominicano. Contou entre seus discipulos S. Thomaz de Aquino, e presentiu-lhe a gloria futura. Dotado de vasta erudição, Alberto o Grande foi mais compilador do que um pensador original. Compoz commentarios sobre Aristoteles, tratados de Theologia, de Metaphysica e de Physica. De sua época principalmente datam as discussões subtis e ardentes sobre o *ser*, a *essencia*, a *materia*, a *fôrma*, e o *principio de individuação*, etc. Suas obras formam vinte e um volumes in-folio.

2.º **S. Boaventura.**— (1221-1284.) Seu nome verdadeiro é *João de Fidanza*. Nasceu na Toscana, estudou e professou em Paris, entrou para a ordem dos Frades Menores, da qual veio a ser geral, foi nomeado bispo de Albano e cardeal, e morreu no segundo concilio ecumenico de Lyão. Cognominaram-n'o o *doutor seraphico*. Suas obras formam sete volumes in-folio.

Doutrina. Acha-se quasi resumida em dous opusculos. O primeiro intitula-se. *De reductione artium ad theologiam*. S. Boaventura distingue quatro especies de luzes que esclarecem nossa intelligencia: a luz *exterior*, para as artes mecanicas; a luz *inferior*, para os corpos e as percepções sensiveis; a luz *interior*, para as materias philosophicas (physica, logica, e moral); a luz *superior*, para as cousas da fé e da graça. Esta é superior a todas as outras, porque emana directamente do *Deus das sciencias*. O segundo opusculo, intitulado *Itinerarium mentis ad Deum*, descreve os

tres degráos pelos quaes a alma sobe até pleno conhecimento de Deus e á união perfeita. O primeiro degráo é a contemplação do *mundo sensível*. Ahi conhecemos Deus *em seus vestígios*. O segundo é a contemplação de *nossa alma*. Ahi o conhecemos por sua *imagem e em sua imagem: por sua imagem*, porque as potencias de nossa alma são um reflexo vivo de Deus; A memoria representa o Padre; a intelligencia o Verbo; e a vontade o Espirito Santo. *Em sua imagem*, que, impressa em nós desde nossa origem, foi apagada pelo peccado e restabelecida por Nosso Senhor Jesus Christo. O terceiro degráo é a contemplação do *proprio Deus*, pela qual, com o auxilio da graça, podemos ver a *unidade* de sua essencia e a *trindade* de suas pessoas divinas. (Cf. Branchereau, *Hist. de la Philos.*)

3.º S. Thomaz de Aquino.—(1227—1274). Nasceu no reino de Napoles, de uma familia illustre, e deixou-a para se fazer dominicano. Discipulo de Alberto o Grande, que o vingou dos motejos de seus condiscipulos, que o haviam cognominado «o boi mudo da Sicilia» excedeu o mestre, e, como este, ensinou a philosophia e a theologia em Colonia e em Paris com immenso exito. Morreu aos quarenta e oito annos de idade, quando ia para o segundo concilio ecumenico de Lyão. E' o *Doutor angelico*, o *Anjo da Escola*, o maior philosopho, o maior theologo da idade média e um dos maiores genios que têm honrado a humanidade. A respeito de suas obras se póde dizer o que dizia Quintiliano dos discursos de Cicero: «denota proveito saber deleitar-se em taes obras.»

S. Thomaz commentou magistralmente Aristoteles e Pedro Lombardo. Entre as suas obras philosophicas, são as mais conhecidas: a *Summa contra os Genticos* e a *Summa theologica*.

Doutrina. Sabe-se já que S. Thomaz é um realista moderado, e que faz derivar todos os nossos conhecimentos da experiencia, por meio das especies sensiveis e intelligiveis, e do intellecto activo e passivo. Sua doutrina está resumida quasi toda na *Summa Theologica*, que é, segundo confessa o proprio V. Cousin, «um dos grandes monumentos do espirito humano da idade média (1).

(1) A *summa* divide-se em tres partes.

A primeira trata de Deus, da criação, dos anjos e dos homens.

Deus. Sua existencia é demonstrada pelo argumento de um primeiro motor tomado de Aristoteles; pelo de uma *causa primaria*, donde procedem as causas secundarias; pela noção de ser contingente, cuja razão só se póde encontrar no *ser necessario*; pelos diversos gráos de perfeição que se vêm nos seres creados, e que derivam necessariamente de um ser *infinito*.

4.º **João Duns Scot.**—(1274 — 1308.) Nasceu na Inglaterra, estudou e professou em Paris, entrou para os Franciscanos e morreu em Colonia. E' o *Doulor subtil*, e o adversario ordinario de S. Thomaz, em uma palavra, o chefe dos Scotistas.

Doutrina. Póde reduzir-se aos pontos seguintes: As idéas absolutas são formadas em nós por uma iluminação divina, por occasião das sensações. As universaes existem em si mesmas, *á parte rei*, independentes do espirito que as percebe. No homem Duns Scot admite, com a alma que é sua primeira fôrma substancial, uma segunda fôrma, que constitue o corpo, na accepção de corpo humano. O principio de *individuação* deve ser assim entendido: O que constitue um individuo em seu estado positivo concreto consiste em uma nova fôrma, ou entidade positiva, que se junta ao universal e determina as individualidades distinctas. Esta entidade chama-se, em geral, *hæcceitas*, e toma nomes particulares, conforme os individuos aos quaes se applicam. D'est'arte, Jacob é o individuo Jacob, porque a *jacobidade* une-se nelle á natureza humana geral. A lei natural e os principios fundamentaes da moral dependem da vontade livre de Deus. A razão só não póde demonstrar a immortalidade da alma.

mente perfeito; finalmente, pela ordem do mundo, que suppõe uma *intelligencia ordenadora*. As provas moraes foram omittidas; a prova denominada de S. Anselmo é rejeitada. Os *attributos* de Deus são expostos com methodo e uma grande profundeza. O mesmo se dá com o dogma da Trindade.

A creação. Esta se faz sem materia preexistente, e Deus não tira de si mesmo os seres, mas do nada, *ex nihilo*. S. Thomaz sustenta que a creação *ab æterno* não é, em si, contradictoria. As creaturas materiaes representam a Trindade divina em fôrma de *vestigios*; os seres espirituaes em fôrma de *imagens*.

Os anjos e os homens. Nada temos que dizer aqui a respeito dos anjos, senão que sua natureza, sua hierarchia, seus ministerios são superiormente tratados. No que respeita á alma humana, S. Thomaz, depois de haver demonstrado sua espiritualidade e liberdade, prova que ella é o principio da vida animal, e unida ao corpo como *fôrma substancial*. E' um verdadeiro tratado de psychologia, no qual são analysadas e descriptas com o maior cuidado as duas principaes faculdades do homem: a intelligencia e a vontade.

A segunda parte trata da moral, e subdivide-se em duas secções. A primeira expõe os principios geraes: o destino do homem, os actos pelos quaes elle deve tender para o fim, e a lei que domina taes actos. A segunda secção trata dos vicios, das virtudes e dos deveres proprios de cada condição. Esta segunda secção é extraordinariamente notavel.

A terceira parte tem por objecto a vida sobrenatural: em seu principio, isto é, Jesus Christo incarnado, cruzificado e resuscitado, para o resgate e salvação eterna de todos os homens; em seus *canaes*, isto é, os sacramentos; em seu *termo*, isto é, os fins ultimos.

Duns Scot levou a subtileza ao ultimo limite, e não raro até ao excesso. Deve-se reconhecer que em certas questões de alta metaphysica elle manifestou grande espirito de analyse e uma extraordinaria exactidão.

N. 3. Phase de decadencia.—Neste decrescimento da philosophia escolastica, distinguem-se ainda alguns nomes.

Rogério Bacon.—Franciscano e de nacionalidade ingleza (1214—1294). Possuia profundos conhecimentos em mathematicas, em physica e nas linguas. Fez a respeito da optica, da refração da luz, etc., engenhosas e sabias observações. Descobriu e corrigiu os erros do calendario Juliano. Attribute-se-lhe a descoberta da pólvora, e até do telescópio. O methodo syllogistico parecia-lhe pouco applicavel ás sciencias naturaes, objecto especial de seus estudos. Nisso tinha elle perfeita razão. Empregou assim quasi exclusivamente o methodo da observação experimental, e foi, deste modo, o precursor de seu homonymo, o chancellor Bacon. Entretanto Rogério Bacon partilhava muitos preconceitos de seu tempo e o creditava, diz-se, na astrologia e na pedra philosophal. E' essa, sem duvida, a verdadeira causa das perseguições que teve de supportar em sua ordem.

Raymundo Lulle.—(Maiorca, 1235—1315). Depois de uma mocidade tempestuosa, converteu-se, entrou para os Franciscanos e foi duas ou tres vezes á Africa, converter os infieis por meio da escolastica. Ahi encontrou o martyrio. Foi Raymundo um dos espiritos mais aventureiros de seu seculo. Empenhou se em vulgarisar a sciencia dos Arabes. Pouco satisfeito com as categorias e com a logica de Aristoteles, inventou uma nova logica, intitulada *Ars magna*, na qual todas as idéas, dispostas por ordem, deviam formular se em proposições, pouco mais ou menos, como na taboa de Pythagoras. Acolhido a principio com entusiasmo, o methodo de Raymundo Lulle foi bem depressa e para sempre abandonado. Deve censurar-se a Raymundo Lulle ter sustentado que a razão póde demonstrar e tornar evidentes todos os dogmas revelados. Seria elle, pois, nesse ponto, o precursor dos *semi-racionalistas* modernos.

Guilherme de Occam.—Inglez e Franciscano (1280—1347). Cognominava-n'o *Principe do nominalismo*. «Os entes, dizia elle, não devem ser multiplicados sem necessidade.» Logo cumpre rejeitar não só as universaes com sua

entidade substancial, mas as imagens ou especies sensiveis, etc. Sustentava, além disso, que os primeiros principios da moral dependem da vontade livre de Deus, e que nós não conhecemos as substancias, mas sómente suas qualidades. Asserções erroneas, já refutadas, que abalam a moral e conduzem a duvidar da alma e de Deus.

ARTIGO TERCEIRO

TERCEIRO PERIODO (1400—1600)

Este periodo foi uma época de independencia e de transição para a philosophia moderna. A reacção manifestou-se principalmente contra a escolastica, e não raro se effectuaram tentativas temerarias. Aqui, o mestre era Platão ou Aristoteles; allí, sacudiam toda a especie de jugo, inventando-se systemas; algures reinava a duvida, ou engolphavão-se as mentes nos sonhos desvairados do illuminisimo. Quasi todas as escolas tiveram seus representantes,

N. 1. Escola platonica. — Bessarion. — (1395—1472.) Grego de origem e elevado ao cardinalato, foi um dos primeiros que tornaram conhecido Platão no Occidente, e mais contribuíram para o renascimento das Letras.

Marcilio Ficino. — (1433—1499) Era um conego de Florença. Traduziu as obras de Platão, de Plotino, de Jamblico, etc., mas commetteu o erro de querer conciliar todas as theorias de seus autores favoritos com os dogmas da religião christã.

Pico de la Mirandola. — (1463—1494.) Prodigio de memoria e de erudição, na idade de vinte e quatro annos, apresentou-se em Roma para sustentar uma these *de omni re scibili*. Sua philosophia era uma especie de syncretismo bastante confuso. Algumas proposições foram reprovadas por Innocencio VIII, submettendo-se docilmente o autor.

Francisco Patrizze. — (Dalmacia, 1529 — 1597). Adversario implacavel de Aristoteles, atacou-lhe não só os principios, mas tambem a vida e os costumes. Fez mais: oppoz uma philosophia nova á de Aristoteles e compoz, sem

discernimento um amalgame de idéas platonicas, de envolta com as dos Alexandrinos, de Zoroastro e de Parmenides.

N. 2. Escola paripathetica. — Mão grado o apreço em que era tido Platão, as doutrinas de Aristoteles encontraram ainda defensores. Dividiram-se em dous partidos. Uns, chamados *Alexandristas*, seguiram fielmente os commentarios do mestre por Alexandre de Aphrodisia. Outros, chamados *Averroistas*, interpretavam Aristoteles segundo os commentarios de Averroës e faziam delle um pantheista.

Pedro Pomponat de Muntua. — (1462 — 1526.) — Era um peripatetico *Alexandrista*. Professou com gloria as doutrinas de Aristoteles nas Universidades de Padua, de Ferrara e principalmente de Bolonha. Seu ensino nem sempre é exacto. Assim, duvida que a razão possa demonstrar a immortalidade da alma. Crê que o livre arbitrio está sujeito á fatalidade.

Alexandre Achillini — de Bolonha. — (1463 — 1512.) Compoz commentarios sobre Aristoteles, no sentido de Averroës.

André Cesalpini — de Arezzo. — (1519 — 1603.) Formou, com as idéas de Aristoteles, um systema de philosophia que é um verdadeiro pantheismo. Cesalpini é tambem *Averroista*.

N. 3. Escola mystica. Paracelso. — (1493 — 1541.) Paracelso, cujo nome verdadeiro era *Bombast*, dizia-se enviado do céu para curar a humanidade, e, com uma panacéu universal, prolongar a vida além dos limites naturaes. Tinha a pretensão de estar em communicação directa com Deus. Suas multiplicadas experiencias não foram inuteis á medicina pharmaceutica dos tempos modernos.

Van Helmont. — (Bruxelas, 1577 — 1644). Continuou a obra de Paracelso, como medico e como philosopho.

Precursor de Lavoisier, teve a gloria de revelar á chimica a existencia dos gazes. Mas suas idéas paradoxaes o desviaram até nas sciencias physicas. Para explicar a vida humana, admitiu no homem dous principios: um governa as acções da alma; o outro, sobre o nome de *Archêo*, dirige todas as funcções proprias do corpo.

N. 4. Escola sceptica. — Citam-se dous nomes principalmente: Miguel Montagne e Pedro Charron.

Miguel Montaigne.—(Perigord, 1533—1592.) Especie de pyrrhónico humorístico, fallava ou escrevia ao sabor de sua imaginação vagabunda, sendo o primeiro a confessar «que suas opiniões da vespera nunca eram as do dia seguinte.» Enganar-se hia quem o considerasse como um sceptico serio. Quando nega ou affirma, segue o capricho e o humor do momento. A divisa de Montaigne era: «Que sei eu?» Seus *Ensaio*s contêm o optimo e o pessimo. O estylo é vivo, pittoresco e variadissimo. (Cf. Desobry, *Diccionario de Historia.*)

Pedro Charron.—(Paris, 1541—1603.) Abraçou o estado ecclesiastico, e foi alternativamente conego theolocal de Lectoure, Agen, Cahors, etc., prégador celebre, amigo de Montaigne, e autor de varias obras. Em seu *Livro da Sabedoria*, sustenta que «a verdade não é cousa que possa deixar se pegar e manusear... habita no seio de Deus... Quanto a nós, devemos fugir de affimar cousa alguma». Charron tinha por divisa: «Eu não sei».

N. 5. Escola independente.— Nesta época alguns philosophos adquiriram um nome mais estrondoso. Não se filiaram em nenhuma escola. Uns foram independentes orthodoxos; outros afastaram-se da doutrina catholica.

Nicoláo de Cuss, bispo e cardeal.—(1401—1464.) Renunciou o methodo escolastico, e preferiu as theorias pythagoricas. Na exposição da doutrina catholica, servia-se de formulas obscuras, baseadas na unidade e combinação dos numeros. Chamava a isto a *douta ignorancia*. Nicoláo de Cuss foi um dos precursores de Copernico.

Pedro Ramus, ou *La Ramée.*—(1502—1572.) Nasceu na Picardia, de pais pobres. Deve a celebridade a seus ataques á philosophia de Aristoteles. A leitura de Platão o desgostou cada vez mais da philosophia peripatetica, e publicou contra seu fundador duas obras, que foram condemnadas pela Universidade de Paris, pelo Parlamento e pelo Conselho do Rei. Compoz em seguida uma Logica, para substituir a de Aristoteles. «Carece, diz M. Fr. Bouillier, de exactidão e profundidade.» Os ataques de Ramus á philosophia de Aristoteles são no parecer de M. Fr. Bouillier, «mais apaixonados do que profundos, e elle (Ramus) nada deixou que pudesse supprir o que era atacado». Ramus abraçára o protestantismo, do qual se mostrava implacavel sectario. Assevera-se que

morreu, no S. Bartholomeu, apunhalado por um peripatetico fanatico, seu rival no collegio de França.

Bernardino Telesio de Cosenza, perto de Napoles.— (1508—1588.) Adversario ardente de Aristoteles e precursor de Bacon, procurou em um systema cosmologico propriamente seu explicar a formação do mundo por tres principios, Dous são activos: o *frio* e o *quente*; o terceiro, a *materia*, é passivo. O quente produz o céu; o frio, a terra. A luta do céu e da terra produz os outros seres materiaes. Em moral, a conservação pessoal deve ser a regra de nossas acções.

Jordano Bruno de Nole.—(1550 - 1600.) Entrou para os Dominicanos; apostatando, abandonou-os e retirou-se para Genebra, junto a Calvino, e poz-se depois a percorrer a Europa. Finalmente, voltando á Italia, foi, segundo dizem condemnado a ser queimado vivo como heretico. Não ha, porém, certeza dessa condemnação de Bruno. Muitos dos que a admittem pensam que elle foi queimado apenas em effigie. Jordano Bruno ensinava que o mundo é infinito, e composto de uma infinidade de sóes e de terras. A divindade está unida a esse Cosmos universal, como a alma ao corpo humano. E', pouco mais ou menos, o pantheismo dos Eleatas ou dos Alexandrinos.

Julio Cezar Vanini de Napoles.— (1558 — 1619.) Era um peripatetico independente da escola de Pomponat. Publicou em Tolosa, onde era estabelecido, duas obras sobre a Philosophia. A primeira intitula-se *Amphitheatrum divinæ Providentiæ*, e, na opinião de Cousin, parece quasi orthodoxo. Não succede assim com a segunda, em que o autor ridicularisa os livros santos, as prophcias e os milagres, e duvida da immortalidade da alma e até da existencia de Deus. Tantas asserções impias fizeram com que elle fosse accusado de heretico perante o parlamento de Tolosa e condemnado a ser queimado vivo. Esta sentença era aliás justificada pelos costumes publicamente infames de Vanini. O proprio V. Cousin o confessa, em seus *Fragmentos de philosophia antes de Descartes*, e cita contra Vanini documentos mui compromettedores.

Thomaz Campanella. — (Calabria, 1568 — 1639.) Entrou para a ordem dos Dominicanos e occupou-se, no meio de uma vida agitadissima, tanto com a politica, como com a philosophia. Segundo Campanella, ha dous

principios das cousas: o ser e o nada. O ser é o proprio Deus, que se manifesta por tres attributos, a força, a sabedoria e o amor, imprimindo-lhes os vestigios em tudo o que produz. Todo o ente possui, pois, como Deus, o poder, a intelligencia e a vontade. Em psychologia, reduz todas as faculdades intellectuaes á sensação. « *Duce sensu*, diz elle *philosophandum est.* » Em politica reproduz, exagerando-as, as theorias socialistas de Platão, a communhão dos bens, das mulheres, a submissão ao Estado, etc. (Cf. Fr. Bouillier. *Hist. da Philos.*)

CAPITULO III

TERCEIRA ÉPOCA. — PHILOSOPHIA MODERNA

Data de Bacon e Descartes a Philosophia moderna. Sua feição característica é separar-se ao mesmo tempo da escolastica, cuja autoridade despreza, e da Revelação, á qual frequentemente não parece ligar importancia, tratando-a, algumas vezes, como inimiga. Seu methodo é principalmente analytico, e seu principal processo a inducção, apoiada na observação dos factos.

Para estudar esta época parece que é melhor empregar o *methodo dos systemas*, o qual é, aqui, mais favoravel á clareza. Depois de tornar conhecidos os fundadores da Philosophia moderna, Bacon e Descartes, fallaremos das duas escolas, das quaes elles são chefes. Trataremos depois succintamente o que foi feito da philosophia nos seculos XVIII e XIX.

ARTIGO PRIMEIRO

BACON E DESCARTES

O que ha de commum entre estes dous philosophos é terem admittido, por igual, a necessidade de uma reforma, separando-se ambos da escolastica e de seus processos rigorosos, e introduzindo um methodo novo, o methodo analytico e experimental. Differem pela razão de que Bacon quer estudar quasi exclusivamente a natureza physica, e serve-se, de preferencia, da observação externa, ao passo

que Descartes occupa-se principalmente do mundo psychologico, e emprega a observação da consciencia. Bacon pende para o sensualismo. Em Descartes ha mais tendencia para o idealismo.

N. 1. Bacon.—(1561 — 1626.) Francisco Bacon, filho de um jurisconsulto, nasceu em Londres em 1561, no reinado de Elisabeth. Manifestou logo um espirito precoce, e seus conhecimentos em jurisprudencia, cedo lhe abriram entrada para os empregos publicos. Por influencia do conde de Essex, seu protector, foi nomeado procurador geral. Mais tarde, o rei Jacques I conferiu-lhe, com o titulo de barão de Verulam, o cargo de grão-chancellor de Inglaterra e uma consideravel pensão. O character e o procedimento moral de Bacon não estiveram na altura de seus talentos. Mostrou-se ingrato para com o conde de Essex. Quando este favorito de Elisabeth foi accusado de alta traição para com sua soberana, Bacon teve a fraqueza de pleitear contra o seu bemfeitor e contribuir para que elle fosse condemnado á morte. E chegou até a fazer tentativa para justificar, em um escripto publico, essa execução sanguinolenta. Chancellor do reino, entregou-se a malversações e vendeu a justiça. Accusado perante o parlamento, Bacon confessou-se culpado, foi destituido de seus cargos, condemnado a uma avultada multa e encarcerado na Torre de Londres. Obteve, porém, a liberdade e recolheu-se ao retiro, onde se dedicou inteiramente ás sciencias, até que a morte veio sorprendel-o no anno de 1626, aos 66 annos de idade.

Suas doutrinas e suas obras.— Bacon imaginou que a Philosophia e as sciencias careciam de uma reforma radical. Empreendeu assim uma restauração completa e uma nova classificação dos conhecimentos humanos, com o titulo de *Instauratio magna*, *Grande Restauração*. Mas só publicou duas partes desta obra immensa, intituladas, uma : *De dignitate et augmentis scientiarum*; a outra : *Novum Organum*.

1.º *De dignitate et augmentis scientiarum*. (Incluida no index pela curia Romana, em 1669, *donec corrigatur*.) Esta obra, dividida em nove livros, é uma como que encyclopedia das sciencias, qual podia ser concebida então. Bacon classifica as sciencias conforme as tres faculdades, ás quaes as liga. A' *memoria* pertence a sciencia *historica*, que se subdivide em historia natural e historia civil. Esta ultima abrange a historia civil propriamente dita, a historia sagrada e a

historia litteraria. A' *imaginação* cabe a *Poesia*, que póde ser *narrativa* (epopéa, romance), *dramatica* (tragedia, comedia), *parabolica* (fabulas, allegorias) A' *razão* toca a sciencia propriamente dita, isto é, a *Theologia* e a *Philosophia*. A Theologia trata das verdades reveladas, a Philosophia tem por objecto a natureza, o homem e Deus: Deus conhecido por um raio refractado; o homem por um raio reflectido, a natureza por um raio directo. A' sciencia da *natureza* Bacon subordina todos os conhecimentos naturaes, physicos, cosmologicos, astronomicos, mathematicos, etc. Na sciencia do *homem*, além do que chamamos precisamente psychologia, elle inclue a physiologia, a medicina, a esgrima, e até mesmo o cuidado de embellezar o corpo (*cosmetica*). Não é necessario tornar saliente que esta grande divisão das sciencias não é justificada pela razão, e que as subdivisões são demasiado numerosas ou invadem umas as outras. Entretanto D'Alambert reproduziu-a, com algumas modificações, no prefacio da grande Encyclopedia.

2.º *Novum Organum*. Ao contrario da logica de Aristoteles a de Bacon procede pela observação e pela inducção, e proscreeve o syllogismo. O *Novum Organum* é dividido em duas partes. Pretende a primeira desembaraçar-nos dos erros e preconceitos que nos impedem de perceber o verdadeiro. Bacon denomina-os *ídolos*, porque a elle se sacrifica a verdade, e divide-os em quatro classes: *ídolos da tribu*, da *caverna*, do *forum* e do *theatro*. A segunda parte, que não está concluida, ensina-nos a interrogar a natureza para descobrir-lhe as leis occultas e interpretar-as exactamente. Procede-se a esta pesquisação pela observação e pela experimentação, acompanhadas de taboas de presença, de ausencia e de grãos; pela classificacão dos factos, e pela inducção que descobre as leis. São conhecidas suas oito regras da experimentação. «O estylo de Bacon observa M. Fr. Bouillier, é cheio de vida... de metaphoras brilhantes, mas por vezes pretenciosas e de máo gosto.»

Juizo a respeito de Bacon. — M. Ch. de Remusat, em sua *Historia da Philosophia ingleza*, diz de Bacon: «A philosophia inductiva, que lhe deve seu nome, está longe de ser obra inteiramente sua, e provavelmente houvera existido sem Bacon. Este não formou Newton, que se lhe seguiu, nem tão pouco Galileu, que o precedeu». V. Cousin ainda é mais severo: «Se me perguntarem, diz elle, a que systema conduz todo este apparelho, responderei: a nenhum. Bacon está descontente com o que se fez antes d'elle, e mostra o que se

devêra fazer. Deleita-se na critica, e ahí sobresahe ; mas, desde que se trata de metter mãos á obra, hesita, titubêa. Na essencia, a philosophia, para elle, é sobretudo a philosophia natural, isto é, a physica. Eis ahí a sciencia cujos progressos o commoviam, e á qual se consagram todos os seus votos, todos os seus preceitos. A philosophia propriamente dita, a metaphysica, é para elle apenas um accessorio, um resto do passado, uma sciencia obsoleta, se é que ainda constitue uma sciencia, e bem pouco lhe interessa. Elle espalha por toda parte bosquejos, muita vez contradictorios. Ora, innova sem elevação; e suas innovações não se tornam dignas de apreço. Ora, segue a rotina: por exemplo, reergue a hypothese das duas almas, uma sensitiva, ligada ao corpo e cujo estudo recommenda, a outra racional, e, se assim o querem, divina, mas cuja natureza e cujo destino a philosophia não tem que investigar. Bacon, incontestavelmente, não é por fórma alguma um metaphysico. As sciencias physicas constituem, portanto, o dominio proprio de Bacon. Pois bem, ahí mesmo, se elle faz algumas experiencias estimaveis... não deixa uma theoria um pouco geral que perpetue seu nome... Não cultivou nem as mathematicas, nem a astronomia, nem a physiologia. Apresenta á posteridade imparcial seu methodo apehas, e esse mesmo não foi inventado por elle; em parte é devido a seus antecessores da Italia, cabendo-lhe, porém, a gloria de havel-o magnificamente celebrizado». (*Historia da Philosophia*, 7.ª lição.)

N. 2. Descartes. — (1596 — 1650.) Renato Descartes nasceu na Haya, em Touraine, de uma familia nobre, e fez todos os seus estudos no collegio de *La Flèche*, dirigido pelos Jesuitas. Terminada sua educação, adoptou a carreira militar e poz-se a principio ao serviço de Mauricio de Nassau e do duque de Baviera. Depois do cerco da Rochella, no qual tomára parte, deixou abruptamente a França, fez diversas viagens á Allemanha e á Italia, e retirou-se para a Hollanda, buscando a solidão e o repouso. Ahí permaneceu por vinte annos, durante os quaes publicou successivamente o *Discurso sobre o methodo*, as *Meditações metaphysicas*, os *Principios de Philosophia* e o *Tratado das Paixões*. Estas obras e as novas doutrinas nellas contidas foram julgadas mui diversamente. Acclamadas por uns, foram por outros atacadas. Roma incluiu-as no index, até que fossem corrigidas. Bossuet via nesta nova philosophia um grande perigo para a fé. « Vejo, escrevia elle a um discipulo de Malebranche,

preparar-se contra a Igreja um grande combate, sob o nome de philosophia cartesiana. Vejo nascer de seu seio e de seus principios, quanto a mim mal entendidos, mais de uma heresia, e prevejo que as consequencias que della se deduzem contra os dogmas que nossos pais mantiveram vão tornal-a odiosa e farão perder á Igreja todo o fructo que se podia esperar.» Mazarino deu a Descartes uma pensão de 1.000 escudos; a princeza Palatina requestou-o, e Christina, rainha da Suecia, conseguin attrahil-o a Stockholm, onde falleceu alguns mezes depois de sua chegada, em 1650, na idade de 54 annos. Dezeses annos mais tarde, foram suas cinzas transportadas para a França por alguns fiéis amigos, e depositadas em Paris, na igreja de Santo Estevão do Monte.

Descartes foi tambem um grande mathematico e um physico distincto. Foi o primeiro que applicou a Algebra á Geometria. Suas obras principaes neste genero são: a *Dioptrica*, a *Geometria* e os *Meteóros*, publicadas com o *Discurso sobre o Methodo*; o *Mundo*, ou *Tratado da luz*; a *Mecanica*; o *Tratado do homem*, em que falla do movimento do coração e da circulação do sangue.

Nos escriptos philosophicos de Descartes, ha a considerar duas cousas: o methodo e a doutrina. O meu fim, dizia Descartes, é livrar a philosophia do jugo despótico de Aristoteles e da autoridade, estabelecel-a em sua verdadeira base, a razão, e tornal-a, assim, mais fecunda em resultados.

I. O methodo. — Encerra-se todo inteiro nestas duas palavras: *duvida* provisoria e *methodica*, *evidencia* e *clareza* das idéas para sahir da duvida. O *Discurso sobre o Methodo* encerra a exposição completa de sua theoria. Ahi, estabelece, para seu espirito, as quatro regras de que se falla na Logica: não aceitar como verdadeiro senão o que fôr evidente; dividir as difficuldades quanto fôr possivel: ir do facil para o difficil; fazer sempre enumerações completas. Em seguida adopta quatro regras de uma moral provisoria, que consiste: em obedecer ás leis e costumes de seu paiz, na religião catholica em que nasceu; mostrar-se firme e resolutto em suas acções; cuidar antes em se vencer do que em querer dominar a fortuna; cultivar sua razão, para progredir, quanto puder, no conhecimento da verdade. Depois, esforce-se para derribar todos os seus conhecimentos philosophicos e restabelecel os, dando-lhes por base sua existencia pessoal e seu pensamento.

Exposição.—Segundo Descartes, quem busca a verdade, deve, uma vez em sua vida, duvidar de tudo quanto seja possível. Deve reputar falsas as noções sobre as quaes paira a mais ligeira nuvem. Esta duvida tem por fim livrar-nos dos preconceitos em que possamos estar imbuídos e habilitar-nos até a reconstruir solidamente o edificio inteiro de nossos conhecimentos, começando pelo primeiro. Dahi o nome de *duvida methodica*

Descartes rejeita toda certeza e todos os criterios della ; os homens, os sentidos, a memoria, as idéas, a razão, tudo nos pôde enganar, diz elle ; duvida até das demonstrações mathematicas, e dos primeiros principios ou verdades primarias. Chegado, porém, a seu proprio pensamento e á sua existencia, percebe que a duvida ali lhe é impossivel. Não pôde mais descer : porquanto pensa, e quem pensa existe. Dahi este duplo facto affirmado sob a fórma de ethymema : « Penso, logo existo. *Cogito, ergò sum.* (1)

Esta verdade, *eu penso, logo existo*, é a primeira e a mais certa para elle e para todo homem que quer entrar na razão de seus conhecimentos. E', portanto, a base e o fundamento de tudo. Ora, como Descartes não o affirmava com tanta certeza, senão porque a vê resplandecer com irresistivel clareza, estabelece sobre ella seu grande principio das *idéas claras* e da *evidencia* : deve-se affirmar como verdadeiro o que percebemos clara e distinctamente. Demais, como vê claramente que pôde fingir que seu corpo não existe, ao passo que lhe é impossivel supôr que não pensa, dahi conclue que o que nelle pensa é uma substancia inteiramente distincta do corpo, simples e immaterial, e cujo character essencial é o pensamento. Além disso, vê com evidencia que é imperfeito, e que tem a idéa clara de um ser perfeito, infinito. Conclue dahi que esse infinito, isto é, Deus, existe como *causa* e *objecto* dessa idéa. Finalmente, da veracidade divina conclue a veracidade das faculdades intellectuaes : a memoria, os sentidos, as idéas e a razão. Porque, havendo Deus posto em

(1) Convem notar que Descartes não quiz aqui fazer um raciocinio, ainda implicito, e cuja formula seria : *O que pensa existe ; ora, eu penso, logo existo*. Porque, se todo o raciocinio deve apoiar-se em uma verdade certa e requer o exercicio da razão, Descartes, que já negou a certeza dos primeiros principios e o valor da razão, não poderia raciocinar e fazer assentar em uma verdade primaria o fundamento de sua philosophia, sem contradizer-se formalmente. O *cogito, ergò sum* deve, pois, firmar-se, não como um raciocinio sob a fórma de enthymema, mas como um *facto*, um phenomeno duplo psychologico, simultaneamente percebido pela consciencia de modo indubitavel. (Cf. Saisset, *Essai de philosophie religieuse*, t. I, p. 209.)

nós uma propensão invencível para crer na veracidade da memoria, dos sentidos, etc., esta propensão não nos pôde enganar. Por este meio, julga Descartes entrar na posse da certeza objectiva.

Critica da duvida de Descartes.— Deixemos a Descartes toda a gloria que merece como mathematico e geometra. Observemos tambem que elle nunca quiz pôr em duvida as verdades reveladas; que, pelo contrario, formalmente reservou-as, depositando-as em uma *arca santa*. « Cumpre, diz elle, estabelecer como uma regra soberana, que as verdades reveladas por Deus devem ser acreditadas, como sendo mais certas de todas. *Pro summâ regulâ est infigendum ea, quæ nobis à Deo revelata sunt, ut omnium certissima esse credenda* ». Algures, em uma carta, acrescenta: « Quem se propuzesse a duvidar se existe Deus, e a perseverar nesta duvida, peccaria gravemente, *graviter peccat*, pondo em questão uma verdade tão importante ». Descartes não é, pois, o pai do Racionalismo. Acrescentemos, se quizerem, que contribuiu para libertar a Philosophia de um respeito não raro exagerado pela autoridade de Aristoteles, e de um certo numero de questões ociosas e subtilissimas. Elucidados estes pontos, diremos com o P. Tongiorgi, que o methodo de Descartes, por demais exaltado e depreciado, encerra gravissimos inconvenientes.

Seu modo de fallar é ambiguo. De que certeza se trata? Philosophica ou vulgar? Sua duvida é real ou supposta? Descartes não se exprime com clareza sobre nenhum destes pontos. Dahi tantas discussões a respeito do verdadeiro sentido de sua doutrina e de seu methodo.

Sua duvida, mesmo ficticia, é exagerada. Com effeito, não lhe era possivel duvidar dos primeiros principios da razão, sem exceptuar um só. Porque, se o principio de contradicção é rejeitado, se já não é certo que a mesma cousa não pôde ser e deixar de ser ao mesmo tempo, é possivel que Descartes, pensando, não pense, existindo, não exista. *Elle não pôde duvidar de sua razão.* Porque, emquanto duvida e busca descer até aos fundamentos da certeza, quando pretende não contar de fórma alguma com a razão e seu valor, serve-se constantemente desta mesma razão para duvidar e para abater. Ora, semelhante methodo é inconsequente, pois que é fiar-se na razão antes de estar certo de sua veracidade. E' contradizer-se como os scepticos.

Elle engana-se, não estabelecendo senão um só fundamento de nossos conhecimentos: a certeza inabalável de seu pensamento e de sua existencia. Porque, além desse facto primordial, *eu penso, e existo*, ha outras duas *verdades fundamentaes*, que não é possível negar sem affirmar-as, que se não póde procurar demonstrar sem suppor-as certas, como o vimos acima, a saber: O *principio de contradicção*, e o *poder da razão* para attingir a verdade. Descartes, é verdade, estabelece um segundo principio, o das *idéas claras*. Mas esse principio não é fundamental, aos proprios olhos de Descartes, porquanto só lhe reconhece a certeza depois de haver demonstrado a si mesmo a existencia e a veracidade de Deus. «Essa regra, diz elle, de que as cousas que concebemos clarissimamente são verdadeiras só se certifica pela razão de que Deus existe, e que tudo que em nós existe delle vem.»

Demais, o principio de Descartes «eu penso, logo eu existo» é estabelecido ou como um *facto subjectivo*, de consciencia, ou é affirmado como um *juizo* com um valor *objectivo* real. No primeiro caso, o edificio construido sobre este fundamento não terá tambem senão um valor subjectivo. A passagem do eu para o não eu é impossível, porque todas os *criteria* estão destruidos. No segundo caso, isto é, se o principio estabelecido tem um valor objectivo, Descartes, dizendo «eu penso, logo existo», supõe já como certas não só a veracidade da razão que estabelece essa base, mas tambem a realidade objectiva das idéas, e a verdade do principio de contradicção. Logo, ou o fundamento de Descartes não é a base unica de nossos conhecimentos, ou então a certeza objectiva é impossível.

Descartes faz um circulo vicioso: porque, por uma parte, demonstra a existencia de Deus pela idéa clara que delle tem, e, pela outra, faz depender a verdade de suas idéas da veracidade divina.

Concluindo, acrescentemos que o proprio Royer-Collard e Thomaz Reid criticam o methodo de Descartes e o accusam de haver exagerado sua duvida.

II. Sua doutrina. — Poucas palavras podem resumil-a.

Psychologia. A alma é uma substancia immaterial, cuja natureza simples nos é revelada pela consciencia unicamente. Sua essencia é o pensamento actual. A alma não está em todo o corpo; sua séde é na glandulapineal. As idéas são ou adventicias, para as cousas sensiveis, ou innatas, para as cousas supra-sensiveis e absolutas, ou facticias para

as cousas que concebemos em nossa imaginação. O juizo é formado pela vontade e não pela intelligencia. A evidencia não está nas cousas; está no espirito que percebe claramente as relações das idéas. As sensações não são perceptíveis. São impressões puramente psychologicas, e estamos certos de que os corpos são reaes, por uma propensão invencivel, proveniente de Deus. As paixões principaes são em numero de seis. A admiração é a primeira. São postas em movimento pelos espiritos animaes. O animal não é vivificado por uma alma dotada de sensibilidade. E' uma machina e um automato.

Theodicéa. A existencia de Deus é provada: por nosso acto de duvidar, que é uma imperfeição; pela propria imperfeição de todo nosso ser; pela idéa do infinito, cuja causa queremos saber; por esta mesma idéa, que encerra necessariamente a existencia de seu objecto. Descartes despreza todas as outras provas. Os attributos divinos são todos deduzidos da infinita perfeição de Deus, comparada ás qualidades completas das creaturas. A vontade divina goza de uma liberdade de todo o ponto indifferente. Sua potencia é absoluta. Vai até poder mudar a essencia metaphysica das cousas.

Cosmologia. A essencia da materia consiste na extensão. E' divisivel ao infinito. Seus elementos primarios são *atomos*, ou corpusculos indivisiveis, posto que extensos. Não existe vacuo entre os corpos, e este mundo projecta-se sem fim no espaço infinito. O espirito e a materia não podem actuar directamente um sobre o outro. Dahi a theoria das *causas occasionaes*. Todos os movimentos se explicam pela lei dos *turbilhões*. Para manifestar seu pensamento a toda a luz, Descartes faz esta hypothese: Deus crêa uma materia inerte, enchendo todo o espaço, e imprime-lhe um movimento. Este movimento se comunica, porque não existe vacuo, a todas as partes da materia. Não podendo estas, por causa dos obstaculos que encontram, mover-se em linha recta, vêm a fazer um movimento circular. Demais, como sejam desigualmente densas e não possam, por isso, gyrar em torno de um só centro, devem ter formado outros movimentos em torno de centros diversos, que Descartes chama *turbilhões*. (Cf. Fouillée, *Hist. da Philos.*)

As doutrinas cartesianas foram discutidas nas diversas partes do *Curso de Philosophia*. A theoria dos *turbilhões*, pura hypothese, por vezes cahindo no ridiculo, encaminhou talvez Newton para a idéa da attracção universal.

Juizo sobre Descartes. — « Se revistarmos, diz Ritter, que em tal caso não é suspeito, as differentes partes de sua philosophia, ahi encontraremos poucas cousas novas... As provas da existencia de Deus são uma antiga propriedade da escola theologica; Descartes não as circumdrou de nova luz... Seu principio « eu penso, logo existo » nunca fôra esquecido, desde que S. Agostinho o collocára á entrada da sciencia. Campanella o reproduzira com um vigor quasi igual. Tambem nada ha novo nos raciocinios pelos quaes passa da limitação de nosso pensamento e da veracidade de Deus á existencia real do mundo exterior. Considerando-se o que existe de desordenado nas diversas partes de seu systema, quão poucas idéas novas expendeu e que se possam sustentar, sente-se algum embaraço em explicar donde proveiu o immenso exito de sua doutrina. » (*Hist. da Philos.*)

ARTIGO SEGUNDO

DISCIPULOS DE BACON E DE DESCARTES

O movimento dado á philosophia por Bacon e Descartes continuou depois da morte delles. A maior parte dos philosophos seguiram ou as doutrinas sensualistas de Bacon, ou as opiniões mais espiritalistas e um pouco idealistas de Descartes.

N. 1. Escola de Bacon. — Os principaes sectarios de Bacon foram Gassendi, Hobbes, Locke, Condillac. Este pertence ao seculo xviii. Incluimol-o aqui, por ser como que um prolongamento de Locke.

1.º Pedro Gassendi. — (1592 — 1655.) Nascido na Provença, proximo de Digne, Gassendi ensinou philosophia e theologia na Universidade de Aix, abandonou-a para dedicar-se inteiramente ás sciencias, e veiu a ser um dos homens mais eruditos de seu tempo. Gassendi era padre e foi nomeado prior da collegiada de Digne.

Sua doutrina. Admirador apaixonado de Bacon, adversario encarniçado de Descartes, cuja theoria sobre a origem das idéas sempre combateu, Gassendi compoz uma obra para rehabilitar, em parte ao menos, o systema de Epicuro. Revela dizer que, nessa theoria grosseira, não admittia o que é

opposto á fé e á religião. Reconhecia Deus, como creador e primeiro motor; mas pretendia explicar pelas combinações dos atomos todos os phenomenos da natureza physica. Para Gassendi, as idéas não podem vir senão dos sentidos. O papel da intelligencia limita-se a comparar os factos cognitivos fornecidos pelas sensações, e subir assim ás noções geraes.

2.º **Thomaz Hobbes.** — (1558 — 1679.) Nasceu Hobbes em Malmesbury, na Inglaterra, e fez varias viagens á Italia e a França, onde se relacionou com os homens mais distinctos de seu tempo, Galileo, Descartes, Gassendi. Tomou, como realista, parte mui viva no movimento politico de seu paiz, e teve o encargo de ensinar philosophia ao principe de Galles, que foi depois o rei Carlos II. Passou seus ultimos annos em Inglaterra, em retiro absoluto. Suas principaes obras philosophicas são: *Elementa philosophica de cive*, e o *Leviathan, seu de materiâ, formâ et potestate civitatis ecclesiasticæ et civilis*.

Sua doutrina. Hobbes levou ás suas ultimas consequencias as theorias sensualistas de Bacon. E' o materialismo em theoria, o egoismo em moral, o despotismo absoluto em politica. Seu principal merito é um extremo rigor de logica na exposição de sua doutrina.

Especulativamente. Todas as idéas nascem dos sentidos. O pensamento é um calculo, e o raciocinio uma addicção ou uma subtracção. A verdade só se encontra nas palavras e suas relações, sem realidade objectiva. Só existem corpos e movimentos, e nossa alma é apenas materia subtil. Só conhecemos o finito. O infinito é uma palavra vasia de sentido, ou então o objecto da fé. Por isso foi Hobbes accusado de atheismo.

Praticamente. O interesse tudo domina e torna-se a unica lei moral. Para tornar mais comprehensivel sua theoria politica, Hobbes, em seu *Leviathan*, compara o corpo social ao corpo humano, e dá-lhe como lei suprema o dever de conservar-se. Eis como explica elle a formação e os direitos da sociedade: Os homens são iguaes por natureza e têm todos os mesmos direitos sobre todas as cousas. O exercicio destes direitos oppostos colloca-os necessariamente em estado de guerra, *Homo homini lupus*. Tal é o ponto de partida. Para sahir deste estado primitivo e natural fizeram os homens *convenções*, pelas quaes renunciavam á parte de seus direitos pessoaes, e conferiam a um poder designado o encargo de manter a ordem e proteger os interesses de todos. E' a theoria

do *Contracto social* em germen, com differença, porém, de que a distincção do bem e do mal, e toda a moral, tem unicamente por base e por principio essas *convenções arbitriarias*. Desde então, o direito confunde-se com a força e com a lei do numero; todo o poder é legitimo, só porque é forte. Hobbes não recua perante nenhuma destas consequencias. Seu systema politico foi sufficientemente refutado em moral. (Cf. Jouffroy, *Cours de Droit Naturel*.)

3.º **John Locke.**—(1632 — 1704.) Locke nasceu no condado de Bristol, em Inglaterra; occupou-se a principio com a Medicina e depois dedicou-se á Philosophia. Sua obra principal é um *Estudo sobre o entendimento humano* que, pela confissão do proprio autor, é «o fructo de algumas horas enfadonhas em que não sabia o que fazer... começado por acaso, continuado por desfastio, escripto a trechos incoherentes.» J. de Maistre (*Soirée, 6.º entret.*) falla e n desabono de Lock. Feller. (*Dic. hist.*) é mais indulgente. Acha seu tratado estimavel «pela clareza, pelo methodo e espirito de analyse. Seria, entretanto, para desejar que o autor não houvesse sempre consultado a physica em materia que não pôde ser esclarecida pelo facho daquella sciencia. Querendo desenvolver a razão humana, como um anatomista explica as molas do corpo humano, reduziu quasi á machina o ser espirital que a anima.» Isto basta para justificar as criticas do conde de Maistre. Voltaire, vulgarisando-lhe as theorias, muito contribuiu para a reputação de Locke em França.

Sua doutrina. É o sensualismo o melhor caracterizado. Todas as idéas são provenientes das sensações, com o auxilio da reflexão que as elabora. A este erro fundamental acrescentou Locke outros erros particulares: A materia e o pensamento não são absolutamente incompatíveis. A substancia, na opinião d'elle, não passa de um grupo de qualidades sensiveis ou de phenomenos reunidos. O infinito compõe-se de uma addição sem fim de quantidades finitas. A identidade pessoal do eu não consiste na identidade substancial; unicamente, porém, na identidade da consciencia e da memoria. As idéas são imagens intermediarias, que se desenhão em nossa alma como em uma camara escura. A universal é uma palavra, *flatus vocis*. O juizo é a *percepção* das relações entre dous objectos. Em *moral*, dá como fundamento á moralidade e ao dever o prazer e a dôr. Em *politica*, quer que o poder legislativo pertença, não ao principe, mas ao povo. (Cf. Fouillée, *Hist. da Philos.*)

4.º **Estevão Bonnot de Condillac.** — (1715 — 1780.) Condillac, irmão de Mably, nasceu em Grenoble, tomou ordens, e foi incumbido da educação do Infante duque de Parma, neto de Luiz XV, para quem compoz seu *Curso de estudos*, que encerra, com um *Tratado de Grammatica*, suas principais obras philosophicas: *Tratado de Logica*, *Tratado de Systemas*, *Tratado de Sensações*, *Estudo sobre a origem dos conhecimentos humanos*, etc.

Sua doutrina. Condillac vulgarizou em França, com grande exito, o ensino sensualista de Locke. Torna, como este, derivaveis dos sentidos todas as idéas, mas suprime, por inutil, a reflexão. As idéas são *sensações transformadas*, bem como todos os actos da intelligencia. Ainda mais: a intelligencia e a vontade não constituem faculdades especiaes; são subdivisões da faculdade de sentir, unica faculdade que possuímos. Condillac pretende que só pela analyse podemos entrar na posse da verdade, e rejeita absolutamente a synthese.

Origem de nossos conhecimentos. E' sabido como elle explica a origem possivel da linguagem pela hypothese de duas criancas abandonadas em uma ilha deserta. Para explicar a origem de nossos conhecimentos, suppõe uma *estátua viva*, organizada como nosso corpo e animada por um espirito interior, que é desprovido de toda idéa, e que nem póde fazer uso de nenhum sentido. Os sentidos, excitados pelas impressões exteriores, despertam-se um após outro, e pouco a pouco vão tendo exercicio. O olfato começa; o ouvido o segue; depois vem o gosto e a vista; chega por fim o tacto, o unico capaz, no dizer de Condillac, de bem julgar os objectos exteriores. Logo, é pelos sentidos que nos chegam as sensações e todos os conhecimentos. Ora, as sensações são ao mesmo tempo *representativas* e *affectivas*. Este duplo aspecto fornece a Condillac o meio de fazer a theoria completa da intelligencia e da vontade.

Theoria da intelligencia. Na qualidade de *representativas*, offerecem as sensações ao espirito a imagem de um objecto exterior. Desta sensação nascem successivamente a attenção, a memoria, a comparação, o juizo, a imaginação, o raciocinio. Estes actos diversos não são, em si mesmos, senão sensações consecutivas e que se *transformam*. Reunidos, formam a intelligencia.

Theoria da vontade. — Na qualidade de *affectivas*, as sensações produzem em nós um sentimento agradavel ou desagradavel. Dahi surgem o desejo ou a aversão, a necessidade,

o amor e o odio, a esperança e o temor, etc. Todos estes movimentos diversos formam o conjuncto da vontade.

Rosmini refutou vigorosamente o sensualismo de Condillac. V. Cousin fez tambem ver claramente a futilidade de semelhante systema: « Condillac, diz elle, abusa da hypothese; a sensação transformada não explica nem as faculdades do entendimento, nem as da vontade; não explica melhor as idéas, confunde as idéas relativas e as idéas necessarias, etc. » (*Sensual, no seculo XVIII*). E' superfluo insistir. Confessemos todavia que Condillac em suas investigações desenvolveu um extraordinario espirito de analyse. Fez sobre a linguagem excellentes ponderações, e demonstrou, posto que com certa exaggeração, a influencia das palavras sobre o pensamento. Para elle, as linguas são methodos analyticos, e a sciencia é apenas uma lingua bem feita.

N. 2. Escola de Descartes.— Os principaes discipulos de Descartes são: Malebranche, Leibnitz, Spinoza. Filiam-se tambem a esta escola Fénelon, Bossuet, Arnauld, Newton, etc.

1.º **Nicoláo Malebranche.**— (1658—1715.) Malebranche, o mais illustre discipulo de Descartes, nasceu em Paris, em 1658, e educou-se no lar paterno, em razão de sua saúde delicada. Entrou aos 23 annos para a congregação do Oratorio, onde tomou ordens de presbytero. Entregou-se por algum tempo a estudos historicos, mas sem exito. A leitura do *Tratado do homem*, por Descartes, revelou-lhe sua vocação philosophica, e desde logo occupou-se exclusivamente com esse estudo. Suas obras mais conhecidas são: a *Investigação da verdade*, as *Praticas sobre a metaphysica*, e um *Tratado de Moral*. Tambem publicou muitos escriptos sobre a religião, e que lhe deram motivo a sustentar serias lutas contra Bossuet, Fénelon e Arnauld. Este atacou-lhe, além disso, a theoria sobre a *natureza das idéas*. Morreu Malebranche em 1715. Aqui só temos que nos occupar com suas doutrinas philosophicas, cujo resumo se encontra na *Investigação da verdade*. Com razão é louvado o estylo claro e elevado de Malebranche. Chamaram-no até o Platão do Christianismo.

Causas de nossos erros.— As principaes fontes de nossos erros, diz Malebranche, nascem: dos *sentidos*, que não percebem bem nem a extensão, nem a fórma, nem o movimento, nem as qualidades sensiveis dos corpos; da *imaginação*, que, em todas as condições e em todas as idades, alimen-

ta-se facilmente de phantasmas ; do *entendimento*, que applica-se pouco, sobretudo ás cousas intellectuaes, e abusa demasiado da analogia e da generalisação ; das *inclinações*, que nos desviam da verdade, arrastando-nos para as riquezas, os prazeres, as affeições humanas ; finalmente das *paixões*, que, em virtude da influencia do corpo sobre a alma, actuam com energia, ás vezes violenta, sobre nossa intelligencia. (*Investigação da verdade*.) Nesta descripção de nossas enfermidades intellectuaes, diz M. Bouillier, mostra-se Malebranche tão picante como la Bruyère, e tão versado como os maiores moralistas no conhecimento do coração humano.» (*Hist. da Philos.*)

Theoria do conhecimento. — Malebranche admitte sem difficuldade que a alma é uma substancia immaterial e immortal. Mas tem uma theoria particular sobre nossa maneira de conhecer e sobre a genealogia de nossos conhecimentos. Em sua controversia com Arnauld sobre a *natureza das idéas* Malebranche sustenta que percepção e idéa são duas cousas mui diversas. Para elle, a percepção é a *modificação interna*, experimentada quando conhecemos alguma cousa. A idéa seria a *forma intelligivel e separada*, na qual tomamos conhecimento das cousas. A idéa é o objecto immediato, exclusivo da intelligencia, e só Deus é esta idéa objectiva. E', pois, n'Elle que vemos tudo quanto conhecemos. Porquanto Deus é a luz verdadeira, que nos illumina constantemente com sua presença. « E', diz Malebranche, o logar dos espiritos, como o espaço é o logar dos corpos. »

Para tornar comprehensivel esta visão das cousas em Deus, Malebranche distingue quatro modos de conhecer os objectos : nos proprios objectos, pela idéa que os representa ; pela consciencia que os sente ; pela conjectura que os affirma sem os attingir.

Nos proprios objectos. Deus é-nos conhecido por si mesmo e em si mesmo, sem intermediario algum. Porque nada de finito pôde representar o infinito, nem ser sua imagem e seu retrato. Em Deus conhecemos tambem todas as verdades absolutas e necessarias nas quaes não entra nenhum elemento sensivel. Porque as verdades absolutas, por serem immutaveis, eternas, etc., não podem subsistir senão em um ser eterno, immutavel, etc., isto é, Deus mesmo. Assim, Deus é a causa efficaz de taes idéas, e até das que têm por objecto os corpos ; o homem lhes é a causa occasional pela attenção.

Pela idéa que as representa. — E' por este meio que conhecemos os corpos e suas propriedades. Estas idéas, archetypos

das cousas, estão em Deus e são conhecidas de Deus. São por elle communicadas á nossa intelligencia; « porque, diz Malebranche, não se podem vêr os corpos directa e immediatamente em si mesmos. Só as idéas intelligiveis podem impressionar as intelligencias ». Um corpo não actua sobre um espirito.

O que podemos conhecer de um corpo limita-se a fórmãs e figuras. Essas mesmas figuras reduzem-se á noção geral de extensão, que Malebranche chama *extensão intelligivel*. Ora, esta extensão, diz elle, é, em si mesma, infinita e necessaria. Não podemos, pois, conhecê-la senão quando nos é manifestada por aquelle que a possui e a representa, isto é, ainda por Deus.

Pela consciencia que sente. Assim é que a alma se conhece com suas modificações. Não temos, no dizer do philosopho do Oratorio, um conhecimento *ideal* de nossa alma, porque Deus, em quem subsiste essa idéa, recusa-se a nol-a manifestar na vida presente. Temos o *sentimento* disso.

Por conjectura. Desse modo affirmamos, sem perceber-as, a existencia de substancias espirituaes, semelhantes á nossa alma. Este processo não é outro senão o raciocinio *por analogia*.

Causas occasionaes.— Para explicar como as modificações de nossa alma provêm unicamente da acção de Deus, Malebranche sustenta que os espiritos e os corpos não podem exercer uns sobre outros nenhuma acção mutua e, ainda mais, que os seres creados não têm actividade exterior; que toda a acção é unicamente produzida por Deus, causa real e immediata de tudo quanto se realisa nos espiritos e nos corpos. E' o famoso systema das *causas occasionaes*.

Theoria da vontade e da moral.— Malebranche parte deste principio: Como Deus é ao mesmo tempo a causa de nossas idéas e o objecto de nossa intelligencia, assim torna-se tambem a causa de nossas volições e o objecto de nossa vontade. Com effeito, diz elle, o amor invencivel de nossa vontade para o bem em geral é um impulso directo desse amor infinito, pelo qual Deus ama sua propria natureza, assim como o conhecimento que temos da verdade é a communicação das idéas pelas quaes Deus se conhece. Dahi resulta que nossas eleições particulares são apenas a causa occasional do bem que em nós se produz, como a attenção não é senão a causa occasional de nossas idéas. Nossas

valições são produzidas pela vontade divina, como nossas idéas por sua intelligencia. Isto posto, é claro que a moral se funda inteiramente no amor de Deus, e que a virtude póde ser definida: o amor habitual e dominante da ordem essencial tal como Deus a quer. Em tres palavras: da intelligencia infinita de Deus nascem, como de sua fonte, todas as idéas que póde ter nossa alma; de sua omnipotencia derivam todas as modificações que experimentamos; finalmente, seu amor é o principio efficaz de toda a nossa actividade voluntaria.

Theoria de Deus.— A idéa e a visão directa de Deus, isto é, do ser infinitamente perfeito, implicam necessariamente sua existencia. Demais, esta idéa de Deus encerra eminentemente todas as idéas particulares que podemos ter. Estas não são, pois, senão modificações da idéa universal do ser. Temos a consciencia do eu. Este eu é finito e coexiste com o infinito. Resulta desta coexistencia a idéa da criação; porque a idéa do finito exclue a existencia necessaria e encerra essencialmente a idéa de producção por outrem.

Optimismo.— O ser infinito, ao crear o mundo, deve tel-o creado perfeito. Na verdade, creal-o imperfeito houvera repugnado á sua sabedoria; porque Deus não obra sem motivo. Ora, só o perfeito é digno de ser escolhido por Deus. Demais, em razão do amor essencial que elle tem por si, devêra procurar, em suas obras, sua maior gloria. Ora, é evidente que um mundo perfeito proporciona a Deus uma gloria maior que o mundo cheio de imperfeições. As leis pelas quaes Deus governa o mundo são geraes e simples; as individualidades parciaes são subordinadas, e, quando convem, sacrificadas ao todo. Assim é que se explicam as imperfeições apparentes do universo. (Cf. Franck, *Dic. das scienc. philosophicas.*)

Em resumo, Malebranche admitte a *visão em Deus*, não só das idéas absolutas, como tambem do mundo exterior e dos corpos; systema das *causas occasionaes*, no qual é Deus a causa efficiente de tudo que se faz; o *optimismo*, que torna necessarias a criação de um mundo perfeito, a das substancias angelicas, e a incarnação de N. S. Jesus Christo, ainda quando não fosse commettido o peccado original. Em sua theoria das idéas, é discipulo de Platão, com uma differença, porém. Segundo Malebranche, a alma contempla as idéas universaes em Deus mesmo; segundo Platão, as idéas são archétypos provalmente separados de Deus e de nós.

2.º **Spinoza.**—(1632—1677.) Baruch Spinoza nasceu em Amsterdam em 1632. Foi educado na religião judaica; mas, perseguido por seus correligionarios, fez-se protestante e mudou seu nome de Baruch para o de Benedicto. Abandonou o protestantismo para não seguir religião alguma, e morreu de consumpção na Haya, em 1677, com 45 annos de idade; sua vida passou-se em grande parte na solidão e na indigencia. Para viver, viu-se obrigado a occupar-se em polir vidros de oculos. Publicou um *Tratado theologico-politico*, e deixou as seguintes obras posthumas: *Moral ou Ethica, Tratado de politica, De emendatione intellectus*.

Doutrina. Encerra duas partes distinctas: os principios e a applicação.

Principios.— A substancia, diz Spinoza, é o ser que existe por si, *ens per se existens*. Logo, existe uma unica substancia, infinita, eterna, que é Deus. Esta substancia tem dous attributos essenciaes, a extensão e o pensamento. Este *todo um* chama-se *natureza*. Spinoza adimite, entretanto, duas sortes de naturezas: a *natureza naturante* (*natura naturans*), isto é, Deus, causa primaria e absoluta; a *natureza naturada* (*natura naturata*), isto é, tudo o que é produzido e derivado de Deus. Como se vê, Spinoza ensina o pantheismo materialista, e o faz com um rigor apparente de logica. Pretende mais que seu systema procede das doutrinas de Descartes. E' um erro. Porquanto Descartes nunca quiz dar á sua definição da substancia o sentido que lhe empresta Spinoza. Sustentando que o pensamento é a essencia da alma e a extensão a dos corpos, nunca disse que a alma e os corpos são simples qualidades. A seus olhos, são verdadeiras substancias, distinctas de Deus, e produzidas por via de criação. Pelo contrario, segundo Spinoza, a substancia unica, infinita, eterna, a que chamamos Deus, desenvolve-se fatalmente, segundo as leis de sua natureza, aqui *extensão* na materia, acolá *pensamento* nas intelligencias; e esse desenvolvimento produz-se sempre sem fim, sem liberdade, sem paixão, quasi sem consciencia. O Deus de Spinoza, tem-se dito, é ao mesmo tempo surdo, cego e mudo.

Applicação.— Em *Logica*. No conhecimento, ha dous grãos: o conhecimento confuso e o conhecimento claro. Compõe-se o primeiro de idéas particulares; o segundo, de idéas geraes. Converter nossas idéas obscuras em idéas claras é o fim e o grande preceito da Logica. Em *Psychologia*. A intel-

ligencia e a sensibilidade são duas faculdades identicas, e não se distinguem do organismo. Trabalhar para o seu progresso intellectual é trabalhar para o seu progresso moral. A liberdade, a personalidade e a immortalidade não têm razão de ser. São palavras. Entretanto, como as idéas de nossa alma, as quaes se referem a objectos eternos e immutaveis, não morrem, possuímos, assim, uma sorte de immortalidade. Em *Moral*. Não existe distincção real entre o vicio e a virtude. O bem é o que póde ser produzido pela energia de uma substancia; o mal o que não póde ella realisar. Logo a força é a medida do direito. Não existindo a liberdade, está aniquilada a responsabilidade, assim como o merito. Em *Politica*. As noções de direito e de força são absolutamente identicas. Ora, como o systema de Spinoza supprime não só as substancias finitas, mas tambem as noções de dever e de liberdade, dahi resulta uma situação politica definivel em uma palavra: anarchia completa.

Fénélon refutou o pantheismo de Spinoza. Sua moral é por demais abjecta para que mereça ser discutida seriamente.

3.º Leibnitz. — (1646—1716.) Godofredo Leibnitz, um dos maiores philosophos da Allemanha, é discipulo e adversario de Descartes, cujas theorias combate em grande parte: por exemplo, sua definição da substancia; o que diz a respeito da essencia da materia, a qual consistiria na inercia e na extensão; sua maneira de explicar a liberdade de Deus, a quem faz obrar sem razão sufficiente, etc.

Leibnitz nasceu em Leipsick. Espirito precoce, terminára seus estudos aos 15 annos, e apresentava-se perante a universidade de sua cidade natal para receber o gráo de doutor. Como não o admittiram a exame por ser mui moço ainda, foi apresentar sua these á universidade de Baviera, onde o receberam com applausos. Mediante serio e continuo trabalho, tornou-se um sabio universal. Estudava ao mesmo tempo linguas, philosophia, jurisprudencia, theologia, physica, historia. E, deve dizer-se, em todas as materias mostrou-se superior. Sabe-se tambem que tentára compôr uma lingua universal para uso exclusivo dos sabios, e que entreteve com Bossuet uma correspondencia seria, no intuito de chamar os protestantes da confissão de Augsbourg ao gremio da Igreja catholica, mediante diversas concessões. Depois de haver viajado pela Hollanda, Inglaterra, Italia, França, relacionando-se com os homens mais distinctos de seu tempo, fixou-se em Hanover, onde morreu. Membro da Sociedade

Real de Londres, da Academia das Sciencias de Paris, fundou a Academia de Berlim, da qual foi o primeiro presidente.

As principaes obras de Leibnitz são : 1.º Estudos de *Theodicæa*, escriptos em francez para refutar as objecções de Bayle contra a Providencia; os *Novos estudos sobre o entendimento humano*, tambem escriptos em francez, onde o autor acompanha Locke passo a passo, combatendo-lhe as theorias sobre a origem de nossos conhecimentos; innumeradas cartas, endereçadas ás personagens mais importantes da Europa; varios opusculos latinos e francezes, entre os quaes é digno de menção o que se intitula *Monadologia*.

Sua doutrina. Leibnitz pretende sobretudo combater o que julgava erroneo em Descartes, Locke e Spinoza. Seu ensino pôde ser reduzido a tres pontos principaes : theoria do conhecimento; theoria das monadas; theodicæa.

Theoria do conhecimento.—Os sentidos, diz Leibnitz, seja qual fôr seu papel na origem das idéas, não nos podem dar noções absolutas e universaes. Estas são, pois, *innatas*, sem que tenhamos consciencia disso, pouco mais ou menos como as veias de um marmore que se occultam debaixo de suas primeiras asperezas. São desprendidas, postas á luz pela actividade da intelligencia, e devemos corrigir o principio de Aristoteles : *nihil est in intellectu, etc.*, completando-o com as seguintes palavras : *nisi ipsi intellectus*. Todas as verdades e toda a certeza fundam-se nos dous principios de *contradição* e de *razão sufficiente*. O primeiro para as verdades necessarias; o segundo para as verdades experimentaes. Em virtude deste ultimo principio, todos os seres finitos e contingentes se acham restituídos á sua verdadeira origem, Deus, ser necessario e monada absoluto. São refutados deste modo Locke e Spinoza.

Theoria das monadas.—A experiencia nos põe quotidianamente em presença de seres compostos. Logo, diz Leibnitz, devem existir substancias simples, isto é, monadas (novas unidades); porque todo composto é formado de elementos simples. Estas monadas simples, e, por isso, indissoluveis, só podem receber a existencia pela criação, e perdê-la por um acto de aniquilação. Demais, não podendo as substancias simples ser modificadas exteriormente, em razão de sua simplicidade, possuem em si mesmas seu principio de acção, e são dotadas de vida e actividade proprias. Finalmente, essas monadas, para serem distinctas umas das outras,

devem ter certas propriedades especiaes ; porque, diz Leibnitz, não ha ser inteiramente semelhante a outro. Ora, essas propriedades não são materiaes, pois que as monadas são simples. Logo deve-se-lhes admittir qualidades immateriaes. Leibnitz denomina taes propriedades ; *apercepções* e *appetições*. A *apercepção* designa o estado intimo da monada, e a *appetição*, o principio de actividade pelo qual ella se esforça constantemente por se modificar no interior. Dahi, esta definição : a substancia, ou *monada*, é uma força ; poder-se-hia dizer um *automato espirital*.

Classificação das monadas. São as monadas umas mais perfectas que outras. Na summidade está Deus, principio de tudo, monada infinita e primitiva. Abaixo estão monadas derivadas e finitas, divididas em tres ordens, segundo o gráo de sua *apercepção*. No primeiro degráo estão as monadas cuja *apercepção* é inconsciente e cuja actividade está como que adormecida ; é o reino mineral. No segundo degráo estão as monadas cuja *apercepção* tem uma certa consciencia de si mesma. Mas essa consciencia é confusa e a força de taes monadas actúa como em uma especie de sonho ; é o reino animal. No terceiro degráo estão as monadas que têm plena e distincta consciencia de si mesmas. Sua actividade está em perfeito estado de vigilia, e por consequente, livre. São as almas racionaes e os espiritos.

Acção das monadas. As monadas não podem actuar fóra de si mesmas. A acção reciproca que ellas parecem exercer uma sobre outra é apenas apparente e ideal. Todavia somos de ordinario enganados por essas apparencias ; porque as modificações internas de qualquer monada estão tão bem harmonisadas com as das outras, que todas parecem produzir-se por uma acção mutua e reciproca. A razão deste accordo acha-se em uma lei universal, estabelecida por Deus, e que, por isso, traz o nome de *harmonia preestabelecida*. A união da alma e do corpo fornece um exemplo frisante disso. Ora, como essa harmonia universal estabelece entre as monadas relações mutuas e constantes, em virtude das quaes cada uma deve experimentar a repercussão de tudo que impressiona as outras, Leibnitz conclue que toda monada é um como que espelho universal, que *reflecte* todas as outras e as contém em sua unidade. E', pois, a monada a *representação em miniatura* do universo inteiro.

A theoria das monadas é, em parte, dirigida contra Spinoza, que não admittia senão uma unica substancia ; em parte, contra Descartes, que negava ás substancias qualquer acti-

vidade, e fazia consistir a essência da matéria na extensão. Em suas diversas obras, Leibnitz também sustenta que a matéria é divisível ao infinito; que o vácuo não existe e nem pôde existir em parte alguma da natureza; que o espaço real é infinito em extensão; que a *continuidade*, isto é, a ausência do vácuo, não existe tão sómente nos corpos e no espaço, encontra-se também na hierarchia progressiva dos seres, que se sobrepõem uns aos outros sem solução de continuidade. « *Natura non facit saltum* », repete Leibnitz. *Esta continuidade no progresso vai ter ao melhor mundo possível.*

Theodicéa.— *A existência de Deus demonstra-se pela necessidade de uma causa primaria, existindo por si mesma, à se*; pela natureza das idéas absolutas, que não podem subsistir objectivamente senão em uma substancia absoluta como aquellas. Estas duas provas assentam no principio de razão sufficiente. O principio de contradicção fornece-lhe uma prova deduzida da idéa do infinito: O infinito é possível: logo existe. Tal é o seu argumento.

Creação e Providencia. Deus não era livre para crear, porque é melhor que o mundo exista. Determinou-se a produzir este mundo pela propria perfeição das creaturas que tirou do nada; porque a liberdade divina não é indifferente, no sentido indicado por Descartes. Deus, quando obra, determina-se sempre por um motivo e uma razão sufficiente de obrar. Logo, o mundo que elle escolheu e creou é o mais perfeito dos mundos possíveis. E' a theoria do *Optimismo*, inventada para resolver as objecções de Bayle contra a Providencia e a existencia do mal. O *mal metaphysico*, diz Leibnitz, não é mais do que o limite essencial a todo o ser creado. O *mal physico* é, não raro, exagerado por nossa imaginação, é muitas vezes o resultado de nossas faltas; transforma-se ordinariamente, estorna-se um bem de ordem superior. O *mal moral* é a consequencia possível e natural de nossa liberdade.

Apreciação.— A philosophia de Leibnitz encerra um grande numero de verdades, de envolta, porém, com graves erros. Elle não comprehendeu a natureza da *liberdade*, que consistiria, a seu ver, na simples *espontaneidade* da actividade voluntaria, *determinando-se* sempre segundo a *preponderancia dos moveis*. Em uma palavra, para Leibnitz, a liberdade não é a faculdade activa e interna de escolher; existe, desde que não haja constrangimento exterior. O Jansenismo não diz aliás outra cousa. Seu systema das *monadas*

quasi que nega a realidade das substancias materiaes e conduz ao idealismo. Sua definição da *substancia* confunde as noções de substancias de força. Demais, recusa ás substancias creadas toda actividade externa. Sua *harmonia preestabelecida* é uma hypothese brilhante, mas sem provas. Destróe a liberdade humana e não explica a união da alma e do corpo. Seu *optimismo* aniquila a liberdade de Deus; porquanto Deus deve, segundo Leibnitz, crear e escolher o melhor, e não poderia crear um mundo mais perfeito que o mundo actual.

Leibnitz tambem teve discipulos. São os principaes: *Thomasius*, nascido em Leipsick em 1655 e fallecido em 1728. Seu pai fôra professor de Leibnitz. *Wolf*, nascido em Breslau, em 1679 e fallecido em 1764, correspondente e amigo de Leibnitz. Seu principal merito é haver sabido encadear bem o conjuncto de suas theorias, que aliás colhêra inteiramente de seu mestre. *Boscovich*, jesuita dalmata, nascido em Ragusa, em 1711, um dos mais autorisados defensores das *monadas*; porquanto corrigiu e melhorou esta theoria, supprimindo o determinismo universal, a harmonia preestabelecida, e substituindo as apercepções e appetições da monada por forças repulsivas e attractivas.

4.º Outros philosophos fliados a Descartes.
— São: Pascal, Huet, Bossuet, Fénélon, Arnauld, Nicole, etc.

Pascal.— Nascido em Clermont, em 1623, e fallecido em Paris, em 1662, é celebre pelos seus *Pensamentos* e suas *Provinciaes*, com justiça cognominadas as *Mentirozas*. Tambem compoz *Opusculos philosophicos*. Pascal é antes um adversario do que um discipulo de Descartes; ha até quem injustamente o considere uma especie de sceptico dominado pelo mysticismo.

Sua doutrina. Pascal admite a certeza da verdade e a possibilidade radical de conhecê-la; mas sustenta que o homem, degradado pelo peccado original, não póde nem demonstrar-a a si mesmo, nem aos outros. A seu ver, o conhecimento da verdade seria o fructo da *fé*. Esta mesma é o resultado de uma inspiração immediata e de uma como que intuição intima de Deus, cujos vestigios se deixam perceber por toda parte em a natureza humana e na historia. Ora, acrescenta Pascal, estes vestigios de Deus, mui patentes para autorisar as negações do atheu, não bastam para dissipar as duvidas do sceptico, de sorte que, se a natureza confunde

o pyrrhónico, a razão humilha por sua vez o dogmático. Quanto ás sciencias, segundo Pascal, umas são os objectos da *memoria*, e dependem da autoridade que lhes é regra unica. São a geographia, as linguas, a historia, a theologia. As outras, como as mathematicas, a geometria, etc. pertencem á *razão*, são adquiridas pelo raciocinio e progridem com a humanidade, que se deve considerar como um só homem aprendendo todos os dias alguma cousa.

Huet.—(Bispo de Avranches 1630 —1721.)—Como Pascal, Huet perseguio a razão humana e accusa-a de impotente. Esta impotencia, diz Pascal, é accidental e procede inteiramente do peccado original. E' natural e radical, diz Huet; só a revelação e a fé podem dar-nos a certeza. Para atacar a razão, serve-se Huet das objecções que lhe ministra Sexto Empirico.

Bossuet.—Nasceu em Dijon, em 1627, e morreu em Paris, em 1704. Sua doutrina philosophica acha-se contida no *Conhecimento de Deus e de si mesmo*, no *Tratado do livre arbitrio*, em um breve *Tratado sobre as causas* e na sua *Logica*, composta segundo o plano dos antigos. Bossuet é mais discipulo de S. Thomaz, da escolastica e de S. Agostinho, do que de Descartes, do qual quasi nada colheu, á excepção de uma parte de seu methodo, e cujas tendencias, e mesmo algumas theorias, combate frequentemente.

Fénélon.—Nascido no castello de Fénélon, em Perigord, em 1651, morreu arcebispo de Cambrai, em 1715. Suas obras philosophicas são o *Tratado da existencia de Deus*, e *Cartas sobre diversos assumptos de metaphysica e de religião*. Fénélon aceita pouco mais ou menos a duvida methodica de Descartes e desenvolve-a largamente. Como este, toma por criterium a evidencia, demonstra a existencia de Deus pelas idéas, e expõe essas provas com admiravel clareza. Fénélon é, pois, discipulo de Descartes, no fundo. E', porém, discipulo independente; porquanto não só não rejeita as provas physicas da existencia de Deus, como tambem não aceita todos os principios do mestre.

Arnauld.—Solitario de Port-Royal e jansenista ardente, nasceu em Paris, em 1612, e morreu em Liège, exilado, em 1694. Compoz, com Nicole, uma logica, conhecida sob o

titulo de *Logica de Port-Royal*, e mais um *Tratado sobre as verdadeiras e falsas idéas*, no qual sustenta, contra Malebranche, que não percebemos os corpos em Deus, mas nos proprios corpos e directamente. Nesta controversia sobre a natureza das idéas, affirmava Arnauld como incontestaveis os pontos seguintes: idéa e percepção são a mesma e unica cousa com referencias diversas: a idéa refere-se ao objecto conhecido; a percepção ao acto subjectivo de conhecer. As idéas não são *fórmãs separadas* que representam os objectos; são esse mesmo objecto, presente ao espirito. E' em nós, e não em Deus, que conhecemos as verdades absolutas. Conhecemos os corpos nos proprios corpos.

A *Logica de Port-Royal* inspira-se nas idéas de Descartes, sobretudo no ponto de vista do methodo; afasta-se na questão da origem das idéas, na qual só se admite a faculdade natural de produzil-as por occasião das sensações. Demais, são conservadas a antiga divisão e um certo numero das velhas questões de logica.

Nicole.—(1625—1695.) Deixou *Estudos de moral*, mais estimados do que merecem, e trabalhou com Arnauld na redacção da *Logica de Port-Royal*. Foi elle quem introduziu no curso da obra exemplos moraes e observações ordinariamente mui justas.

Cudworth.—(1617 — 1688.) Duas idéas resumem sua doutrina; encontram-se em sua obra principal: o *Verdadeiro systema intellectual do universo*. A Philosophia está subordinada á Revelação, á qual unicamente deve a força que tem. Todos os seres são unidos e conservados por forças *latentes, mediadoras e plasticas*, instrumentos da intelligencia divina. (Cf. Franck, *Dict. des scienc. philos.*)

Euler.—(1707 — 1783.) E' muito mais mathematico do que philosopho. Em suas *Cartas a uma princeza*, ensina o systema do *influxo physico*, a respeito da união da alma e do corpo. Euler pertence á philosophia allemã do seculo XVIII.

Newton.— Nasceu em Cambridge em 1642 e morreu em 1727. O Sensualismo havia invadido a Inglaterra depois de Bacon e de Locke. Operou-se uma reacção. Foi Newton um de seus principaes chefes. Quando moço, estudára Descartes, cujos principios metaphysicos sempre conservou. Mas em suas pesquisas physicas e naturaes observou o methodo

experimental, tão preconizado por Bacon. Dest'arte Newton pôde ser considerado como um conciliador entre Bacon e Descartes. Suas idéas foram desenvolvidas principalmente por seu discipulo Samuel Clarke.

Clarke.—(1675 — 1729.) Em sua *Theodicéa*, na qual se propõe refutar Hobbes, deixa Clarke de lado as provas à *posteriori* da existencia de Deus, e atêm-se unicamente aos argumentos metaphysicos. Um, sobre o qual insiste, foi materia para longa controversia entre elle e Leibnitz. Concebemos uma duração e um espaço sem limites. Ora, attributos infinitos requerem um *substratum* da mesma natureza, isto é, um ser infinito, Deus. Nesse ponto Clarke engana-se, e confunde a duração e o espaço ideal com a eternidade e a immensidade divina. Em seu *Discurso sobre a lei natural* refuta a moral egoistica e sensual de Hobbes.

Jorge Berkeley.— (Bispo anglicano de Cloyne Irlanda.) Nasceu em 1684 e morreu em 1753. Continuou a reagir vigorosamente contra o sensualismo, mas cahia em um erro capital: o idealismo absoluto. Nesse intuito, refutou alternativamente a theoria das imagens internas de Locke, a propensão invencível de Descartes para acreditar na realidade dos corpos, e a hypothese de Malebranche que nol-as faz perceber em Deus. Tres idéas constituem a essencia de seu systema: a doutrina das percepções adquiridas, a não existencia das idéas abstractas, a não exterioridade dos objectos percebidos por nossos sentidos.

Em sua *Theoria da visão*, sustenta que a parte mais importante de nossas percepções, como a exterioridade, a distancia, a grandeza, não são percepções directas, mas juizos ou ainda conclusões rapidamente tiradas. Em seu *Tratado sobre os principios do conhecimento humano*, pretende que todas as noções geraes não são, na realidade, senão idéas concretas de objectos individuaes. E' o mais absoluto nominalismo. Nos *Dialogos d'Hylas* e de *Philonous*, ensina que nossas sensações são a obra directa de Deus, que as imprime em nós, sem a intervenção dos corpos. E' o idealismo.

5.º Alguns secepticos do seculo XVII.— Citam-se Lamothe Le Vayer e Bayle.

Lamothe le Vayer.—(1588 —1672.) Foi nomeado preceptor do irmão de Luiz XIV, o duque de Orleans, e buscou,

em todos os seus escriptos philosophicos, derribar os fundamentos da certeza. Seu fim, dizia elle, era firmar melhor a fé e a revelação.

Bayle. — (1646—1706.) Nascido no condado de Foix, de pais protestantes, fez-se catholico em Tolosa e tornou-se protestante em Genebra. Formado na escola de Montaigne, lido por elle assiduamente, Pedro Bayle só visava um fim: amontear duvidas em torno de cada verdade. Eu sou, dizia elle, como Jupiter, reuno as nuvens e encubro o sol. Por isso vemol-o constantemente, sobretudo em seu *Diccionario historico e critico*, deliciar-se em desenvolver sobre toda a ordem de questões os argumentos mais contradictorios, e de preferencia os que combatem a verdade religiosa. Quando chega a concluir, o que é raro, é sempre para afirmar o falso ou para formular uma duvida.

ARTIGO TERCEIRO

PHILOSOPHIA DO SEculo XVIII

§ 1.º Philosophia franceza no seculo XVIII

Seu caracter. — O *sensus commun* arvorado em primeiro criterio, em vez da evidencia racional; nada ou bem pouco de theologia, nem de metaphysica propriamente dita; inuita ideologia sensualista, analyse logica e grammatica geral; moral toda psychologica; tentativas aventurosas de pedagogia, de politica e de economia social, eis, pouco mais ou menos, toda a philosophia do seculo XVIII. São lidos: Condillac, Loke, Adam Smith, Th. Reid, o *Contracto Social*, a *Encyclopedia*, motejadas a escolastica e a metaphysica do seculo precedente. «Os homens, diz Tenneman, chamados *philosophos* nesta época em França, esforçavam-se por fazer prevalecer a liberdade de pensar. Dominados, porém, por frivolas disposições, só deram credito a doutrinas sem valor.» (1)

(1) «Sabeis o que são os philosophos, acrescenta Horacio Walpoole, e o que significa esta palavra aqui? Em primeiro logar, comprehende quasi todo o mundo; em seguida, designa gente que se declara inimiga do papismo, mas que, na maior parte, tem por objecto o derrubamento de toda a religião.» (*Cartas e correspondencias.*) A sentença é justa, porque os homens a que se chamava *philosophos* no seculo XVIII tiveram apenas um alvo: arruinar toda a autoridade religiosa e civil.

Entre os philosophos francezes do XVIII seculo, uns são moralistas; outros principalmente politicos; muitos mostram-se anti-christãos.

I. Philosophos moralistas.—São notaveis: Condillac, Helvetius, Holbach, etc.

Condillac.—Foi o vulgarizador do Sensualismo, doutrina dominante dessa época. Já fallámos a seu respeito.

Helvetius.—(Paris, 1715—1771.) Rico e elegante financeiro, Helvetius convidava para sua mesa os *philosophos* de seu tempo e inspirava-se de suas doutrinas. Abandonou seu cargo de arrendatario geral, para dedicar-se inteiramente á Philosophia. Todas as suas idéas acham-se resumidas em uma obra intitulada: *Do espirito*, (*De l'Esprit*), na qual ensina, em metaphysica, o materialismo; em moral, o egoismo bem entendido; e chega até o ponto de sustentar que o homem e o animal differem apenas pela organização physica. Helvetius teve por discipulo o marquez de Saint-Lambert (1717-1803), o qual, em seu *Catechismo universal*, definiu o homem: «Massa organizada e sensível, que recebe o espirito de tudo que a cerca e de suas necessidades.»

O barão de Holbac.—Nasceu no ducado de Bade, em 1723, e falleceu em Paris, em 1789. Foi ainda mais radical que Helvetius, e mostrou-se sempre apostolo audacioso do atheismo. De origem obscura e possuidor de uma grande fortuna, como Helvetius, reunia em sua casa os homens irreligiosos da época, e foi, por isso, cognominado o *Mordomo* (*Maitre d'hotel*) da Philosophia. No seu *systema da natureza* sustenta que no mundo só ha materia e movimento. Esta materia é eterna; o movimento lhe é essencial, e produz, ao desenvolver-se, todos os factos intellectuaes e moraes. Esta obra, no dizer de Villemain, é escripta de um modo falso, pedantesco, abstracto e violento ao mesmo tempo.

Lametrie.—Medico philosopho, nascido em S. Malo, em 1709, morto em Berlim em 1752, professou o mais abjecto materialismo, qual o indicam os titulos de suas obras: *O homem planta*, *O homem maquina*, etc.

II. Philosophos politicos.—Podemos citar Montesquieu, J. J. Rosseau, Turgot e Condorcet.

Montesquieu. — Nasceu perto de Bordeaux em 1689 e morreu em Paris, em 1755. Publicista e philosopho, Montesquieu é celebre principalmente pelo seu *Esprit des lois*, no qual passa em revista todas as nações vivas e mortas, para julgar seus governos e suas instituições. Esta obra, elogiada demasiadamente por uns e depreciadissima por outros, é cheia de erudicção, de ponderações profundas e luminosas, pensamentos novos e de peso, excellentes refutações de paradoxos em voga. Mas encerrará também graves erros, ou proposições arriscadas, induções incompletas, que transformam com muita facilidade os factos em principios. Em particular o autor exagera a influencia dos climas, dos meios e das causas physicas sobre a moralidade e a religião dos povos, e não faz grande cabedal das causas moraes e pessoas.

Distingue quatro especies de governos: o *despotismo*, em que o soberano só tem por lei sua vontade, e o povo o *terror* por movel; a *monarchia*, em que o soberano governa segundo as leis, e os subditos são guiados pela *honra*; a *republica*, em que os cidadãos são ao mesmo tempo soberanos e subditos, e se deixam governar pelo estímulo da *virtude politica*; o governo *miato*, isto é, representativo, em que, como na Inglaterra, os tres poderes se acham separados, e se contrabalançam uns aos outros. E' o governo preferido e exaltado por Montesquieu. Entre as reformas que elle propunha, releva assignalar a abolição da tortura, a instituição do jury, a moderação da penalidade, a tolerancia religiosa, etc. Foi elle quem disse essa phrase depois tão citada: « Cousa admiravel! A religião christã, que parece ter por unico fim a felicidade da vida futura, constitue ainda a nossa felicidade nesta vida.»

Montesquieu morreu em sentimentos christãos, e fez, antes de receber os derradeiros sacramentos, todas as retratações que lhe foram pedidas. (Cf. Feller, *Dic. Hist.*)

João Jacques Rousseau. — (Genebra, 1712—1778.) Espirito sonhador e paradoxal, foi o apóstolo da moral do sentimento e da educação sem religião, no seu *Emilio*. Deista em religião, proclamou, em politica, a soberania do povo, e ensinou, no seu *Contracto social*, que a autoridade nada mais é que um *emprego* confiado pela nação a delegados, que podem ser sempre destituídos á vontade.

Turgot. — (Paris 1720 — 1781.) Foi algum tempo alumno de S. Sulpicio. Economista celebre, suas theorias cheias de arrojo deram assumpto para vivas discussões. Na

Encyclopedia publicou diversos artigos philosophicos, e morreu sem confessor.

Condorcet (marquez de).—(1742 — 1794.) Manifestou-se partidario das theorias economicas de Turgot, e sustentou, por conta propria, o *Progresso indefinido* da humanidade, o qual deve ser realisado pela igualdade das nações entre si, e pelo fim de suas lutas, pela igualdade progressiva das riquezas e da instrucção pessoal, etc.

III. **Philosophos anti-christãos.**—Citaremos Voltaire, Diderot, etc.

Aruet Voltaire.—(1694 — 1778.) Espirito sceptico e zombeteiro, encarnicou-se durante toda sua vida contra a religião christã e a divindade de seu fundador. Compoz um *Diccionario philosophico*, em que são atacadas todas as doutrinas que servem de base á religião e á ordem social. Contribuiu para vulgarisar-se em França o sensualismo de Locke; mas tambem se lhe deve haver feito conhecer a seus contemporaneos as bellas theorias de Newton, e ter sustentado com muita energia, em seu *Diccionario*, a theoria das *causas finaes*. Victor Cousin diz de Voltaire: «Façamos-lhe a justiça de que em seus peiores dias Voltaire nunca duvidou de Deus, e admittiu mesmo a liberdade. Mas a duvida fatal de Locke sobre a espiritalidade da alma seduziu-o por uma falsa apparencia de senso commum. A que excessos não o conduziu o deploravel sestro de gracejar de tudo! As duas obras mais originaes de Voltaire são dous crimes para com a França e para com a humanidade. Uma póde apenas ser mencionada; a outra é um pamphleto... dictado talvez pelo desejo unico de escarnecer do optimismo... Que vergonhosa resposta á theodicéa de Leibnitz!... A alegria de Candido é mil vezes mais amarga do que a tristeza de Pascal... Locke teria repellido esse livro com horror.» (*Hist da Philos.*)

Diderot.—(1712—1784) **d'Alambert** (1717—1783.)—Presidiram á redacção da *Encyclopedia*, na qual reina o mesmo espirito irreligioso. Cerca de cincoenta escriptores nella collaboraram. «Só tinham de commum, diz M. Fr. Riaux, uma grande independencia de espirito. Mas d'Alambert e Diderot reviam todos os artigos. Todas as sympathias de Diderot são pelo sensualismo inglez, e sobre tudo pela moral e pela

politica desta escola... A moral da Encyclopedia é na essencia a moral do interesse (e do prazer)... No artigo *immortalidade*, Diderot guarda silencio mui significativo sobre a vida futura. Para elle Epicuro é o unico d'entre os philosophos antigos que soube conciliar a moral e seus preceitos com os appetites e as verdadeiras necessidades da natureza... Nas questões de esthetica, a noção do bello se resolve na de relações (de numero, de extensão, de profundidade, etc.) Outrosim, para Diderot não existe bello absoluto. (*Dic. das scienc. philos.*)

Volney (Chassebœuf, conde de Volney. (1757—1820.) Erudito e philosopho, é celebre por suas *Ruinas*, onde ataca a religião e por outras obras, em que exalta a moral da conservação pessoal. Para elle, o bem é a vida; o mal a morte; a virtude a arte de conservar a saude. « *As Ruinas*, diz um critico, são uma obra pretenciosa, declamatoria, fria e enfadonha, principalmente anti-religiosa, e quasi esquecida hoje em dia. »

§ 2.º Philosophia ingleza no seculo XVIII

No seculo XVIII, a philosophia ingleza pareceu querer reagir contra o sensualismo de Lock e a moral egoistica de Hobbes. Tomou tres caracteres: sceptica com Hume, foi moralista com Adam Smith, e psychologica com a escola escosseza. Acompanhal-a-hemos sob estas tres fórmas:

I. Fôrma sceptica.— *Isaac Newton, Clarke e Berkeley*, que citámos entre os discipulos de Descartes, pertencem tanto ao seculo XVII quanto ao seculo XVIII. Não haviam aceitado as doutrinas sensualistas de Locke, das quaes tirára Berkeley o idealismo. Hume dellas fez sahir o scepticismo universal. Já fallámos dos tres primeiros. Resta-nos dizer uma palavra a respeito de Hume.

David Hume.— Nasceu em Edimbourg em 1711, e morreu em Londres em 1776. Suas principaes obras são: um *Tratado sobre a natureza humana*, *Ensaios moraes e politicos*, uma *Historia de Inglaterra*, cheia de preconceitos protestantes.

Doutrina. Hume tirou seu scepticismo de duas theorias sensualistas: a origem sensivel das idéas, e as imagens intermediarias. 1.º origem: *Origem das idéas*. Se todas as

idéas procedem dos sentidos, diz Hume, o espirito humano não pôde ter a noção de causa; por isso que os sentidos nos fazem perceber uma relação de successão e nunca uma relação de causalidade. Logo, cumpre rejeitar a idéa de causa como não real. 2.^a origem: *Imagens intermediarias*. Se não percebemos directamente nem espiritos, nem corpos, mas sómente as idéas ou imagens que os representam, como ahiçaremos que estas idéas ou imagens são conformes a seu objecto? Logo, ninguem pôde estar certo nem da existencia dos corpos, nem da dos espiritos. Logo a idéa de substancia não é mais real que a de causa. Dissemos, na Psychologia e na Ontologia, o que se deve pensar a respeito da theoria de Hume. Acrescentemos que Hume passa por ser o fundador da psychologia experimental em Inglaterra, e de quem Stuart-Mill, para apoiar seu positivismo, aproveitou uma parte das doutrinas.

II. Fôrma moralista. — Quasi na mesma época, outros philosophos, certamente aborrecidos de taes discussões, e de suas consequencias fataes, occuparam-se quasi unicamente de moral, para salvá-la do naufragio universal. Citaremos o conde de Shaftesbury, Wollaston, Hutcheson, Ferguson e Adam Smith.

Shaftesbury. — (1671 — 1713.) (1) Começara esse movimento moralista em suas *Investigações sobre o merito e sobre a virtude*. Seu systema de moral, mui defeituoso, tem por base as *afecções sociaes* e a *satisfacção interior* da consciencia. Demais, deve-se censurar a Shaftesbury haver fallado da Revelação e do Christianismo com insulto e desprezo.

Wollaston. — (1659 — 1724.) Occupa-se sobretudo de moral. Faz consistir a virtude na verdade e o vicio na mentira, confundido assim a intelligencia com a vontade e o verdadeiro com o bem.

Hutcheson. — (Irlanda, 1694 — 1747.) Deu este por base á moral as *inclinações benevolas*, o *desinteresse dos actos* e o *senso moral*. Um acto é bom ou máo, segundo somos agradavelmente ou pezarosamente affectados, produzindo-o. É o sentido ou sentimento moral que distingue o mal do bem, e os actos desinteressados dos actos egoisticos. Em

(1) Shaftesbury e Wollaston pertencem antes ao seculo xvii.

politica, sustenta que a autoridade origina-se do accordo dos cidadãos, e só é legitima quando sancionada pela vontade popular: « Nunca houve, dizia elle, magestade pela graça de Deus... »

Adam Ferguson.— (Edimbourg, 1724 — 1816). Defendeu e desenvolveu o systema de Hutcheson, em suas *Instituições de philosophia moral* e em seus *Principios das sciencias moraes e politicas*. Ensina que a vontade humana póde ser dominada por tres leis: pela lei de *conservação*, se procura seu proprio bem; pela lei da *sociabilidade*, se quer fazer o bem de outrem; pela chamada lei de *estimação*, se prosegue o que é bom em si. A primeira lei é egoistica; as outras duas são o fundamento da verdadeira moral, e produzem a virtude.

Adam Smith.— (Glasgow, 1723 — 1790). Foi ao mesmo tempo economista e philosopho. Em sua *Theoria dos sentimentos moraes*, modificou um pouco a moral do sentimento, e deu-lhe por principio, não uma impressão de prazer ou pezar inteiramente pessoal, mas a *sympathia*, isto é, a tendencia que nos leva a nos harmonisarmos com os sentimentos de nossos semelhantes. A regra fundamental da moral foi, portanto, assim estabelecida: *Cumpro proceder de modo que os nossos semelhantes possam sympathisar conosco*. As acções de outrem são boas ou más, segundo nos fazem experimentar a nós, espectadores desinteressados, um sentimento de *sympathia* ou de *antipathia*. Para julgar nossos proprios actos, basta apreciar-os como o faria um espectador imparcial. Já dissemos o que se deve pensar desta theoria.

Os philosophos inglezes de seculo XVIII tiveram razão para reagir contra as theorias egoisticas de Hobbes; commetteram o erro de querer dar por base á moral principios sensualistas; porquanto os *motivos sensiveis* das acções, jamais constituirão uma *razoavel moral*. Muitos d'entre elles o haviam comprehendido, por exemplo, *Ricardo Price* (1723—1791), que tentára fundar a moral em principios racionaes. Foi a isto que se applicaram principalmente os chefes da Escola Escosseza.

III. Fôrma psychologica.—Escola Escosseza.

—A Escola Escosseza propoz-se a combater ao mesmo tempo o sensualismo e a moral utilitaria de Hobbes. São seus principaes chefes Thomaz Reid e Dugald-Stewart.

Thomaz Reid.— (1710—1796.) Nascido em Strachan, na Escóssia, successivamente professor em Aberdeen e Glasgow, fundou Th. Reid essa escola Escosseza, cuja influencia se faz sentir ainda hodiernamente. Suas theorias philosophicas acham-se reunidas em seu *Ensaio sobre as faculdades intellectuales e activas do espirito humano*, que Th. Jouffroy, traduziu para o francez.

Doutrina. A philosophia deve estudar antes de tudo a alma humana. A razão o quer, e é conforme ao axioma dos antigos γνῶσις σεαυτὸν. Ora, este estudo não deve ser feito *à priori*, mas segundo a analyse exacta dos *factos*. E' a applicação do methodo experimental, ensinado por Bacon, á psychologia.

1.º **Faculdades intellectuales.**— Thomaz Reid enumera nove: a percepção pelos sentidos exteriores; a memoria; a concepção ou simples apprehensão; a abstracção, ou faculdade de analysar os objectos complexos; o juizo; o raciocinio; o gosto; a percepção moral, que conhece os principios de moralidade; a consciencia que os applica. Estas nove faculdades são analysadas por Th. Reid com grande agudeza de observação. Os principios dominantes desta analyse têm por objecto a ordem de nossos conhecimentos e a natureza de nossas percepções.

Ordem de nossos conhecimentos. Segundo Locke e os sensualistas, diz Reid, a primeira operação do espirito é uma simples apprehensão ou idéa, sem juizo. Depois de haver obtido um certo numero de idéas, o espirito as compara, percebe em que differem e fórma o juizo ou persuasão. Ora, observa Reid, esta explicação é contraria á experiencia. O espirito humano, com effeito, começa pela synthese e não pela analyse. Seu primeiro acto não é uma idéa, mas um juizo primitivo, sobre a existencia dos objectos que se nos offerecem. Este asserto de Reid deve ser rectificado. Qualquer que seja a ordem chronologica de nossas percepções e conhecimentos espontaneos, a ordem logica classificará sempre assim nossos conhecimentos reflectidos: idéa, comparação, juizo e raciocinio.

Natureza de nossas percepções. Th. Reid rejeita absolutamente a theoria das imagens ou idéas intermediarias, e isso por tres razões essa theoria é affirmada sem provas; torna inexplicavel toda percepção exterior; conduz ao scepticismo. Nossas percepções, acrescenta elle, attingem directamente seu objecto, sem o intermediario de nenhuma idéa ou imagem separada. Nisso tem elle razão.

2.º Criterio de certeza.— Este criterio é o *sensu commum*. Devemos entender por isso os juizos espontaneos que todos possuímos, em virtude de uma propensão natural que se manifesta constantemente em nosso modo de obrar. Perante este criterio, vê-se desaparecer o idealismo, o materialismo e o scepticismo, porque todos os homens acreditam na realidade dos corpos, na dos espiritos e na certeza objectiva e subjectiva. Estes juizos *primitivos* referem-se, uns, ás verdades necessarias, outros, ás verdades contingentes.

Juizos primitivos sobre as verdades necessarias. Th. Reid os distribue em seis classes differentes. Ha os principios de *grammatica*; por exemplo, o adjectivo pertence a um substantivo; os principios de *logica*: toda proposição é verdadeira ou falsa; os principios *mathematicos*: a linha recta é o caminho mais curto de um ponto a outro; os principios de *gosto*: a contemplação daquillo que é excellente produz em nós um prazer mesclado de admiração; os principios de *moral*: uma acção generosa é mais meritoria do que a unicamente justa; os principios de *metaphysica*: por exemplo, as qualidades sensiveis e physicas têm um sujeito chamado materia, e os factos psychologicos um sujeito chamado espirito; o que começa a existir é produzido por uma causa.

Juizos primitivos sobre as verdades contingentes. Th. Reid enumera doze, d'entre os quaes citaremos os seguintes: O que é attestado pela consciencia é real. O que a memoria me recorda é verdadeiro. Os corpos que eu percebo são reaes. Sou verdadeiramente o autor de minhas determinações reflectidas. Em materia de factos, devemos-nos reportar ao testemunho delles.

Observação. E' bem evidente que todos estes juizos, chamados primitivos, estão longe de ser irreductiveis. Podem ser facilmente reduzidos aos dous principios de contradicção e de razão sufficiente.

3.º Faculdades activas.— As faculdades activas são divididas por Th. Reid em tres principios de acção: Os principios *mecanicos*, que comprehendem o *instincto* e o *habito*. Os principios *animaes*, que comprehendem os *appetites*, os *desejos*, as *afeições* e finalmente a *paixão*. Os principios *rationaes*, que abrangem o interesse bem entendido e o dever. O dever é a base da moral. A vontade humana é sempre livre para cumpril-o; mas esta liberdade é *indif-*

ferente, isto é, a vontade é determinada sem motivo. O dever é conhecido pelo senso moral ou consciencia. Esto senso moral conduz-nos até Deus, principio da lei moral e remunerador da virtude.

Apreciação. A Escola Escosseza aproxima-se e afasta-se ao mesmo tempo de Bacon e de Descartes. Bacon serve-se unicamente da observação externa. Descartes só emprega a observação interna. Tomam ambos por guia a razão individual. A Escola Escosseza apoia-se na razão geral e no senso commum; faz uso da observação intima e da observação exterior. Esta philosophia tem o merito de haver feito uma analyse minuciosa, exacta. muitas vezes, da psychologia experimental. E' censurada com razão por haver desprezado de mais a metaphysica e não ter dado uma solução precisa ás grandes questões moraes e religiosas. (Cf. V. Cousin, *Philos. Ecos.*)

Dugald Stewart.—(Edimburgo, 1753—1828.) E' depois de Reid o representante mais celebre da Escola Escosseza. Pouco modificou as doutrinas do mestre e contentou-se em desenvolver alguns pontos, a seu vêr, de maior importancia: por exemplo, a *associação das idéas, as qualidades primarias e as qualidades secundarias* dos corpos exteriores. As doutrinas da philosophia escosseza introduzidas em França mediante Royer-Collard serviram de base aos philosophos mais celebres deste seculo.

§ 3.º Philosophia allemã no seculo XVIII

Seus principaes representantes são *Kant, Fichte, Schelling, Hegel*, etc. Poder-se-hia tambem incluir neste numero *Wolf* e *Boscovich* e *Euler*, porque, se appareceram antes de Kant, são sempre philosophos allemães do seculo XVIII. Já fallamos de *Wolf*, de *Boscovich* e de *Euler*.

I. Emmanuel Kant.—(Konisberg, 1724—1804.) Professor durante quasi toda sua vida, Kant combateu a principio o sensualismo de Locke e seguiu fielmente as theorias de *Wolf*. Vieram-lhe ás mãos as obras de Hume, e desde logo applicou-se, para melhor refuta-lo, em construir um systema completo de philosophia dogmatica. Formulou para si tres questões: Que posso eu *saber*? Que devo *fazer*? Que posso *esperar*? e buscou resolve-las por dous exames criticos: *Critica da razão*

pura; *Crítica da razão pratica*; e, para complemento scientifico, acrescentou a *Theoria do juizo*.

1.º Que posso eu saber? — Crítica da razão pura. — Para resolver este problema, Kant estabelece alguns principios que ajudam a fazer a analyse das faculdades intellectuaes e a formular a critica da razão. Todo conhecimento é puro e *à priori* ou empyrico e *à posteriori*. O primeiro percebe o absoluto e o universal; o segundo, o relativo e o singular. Os juizos que exprimem este conhecimento são analyticos ou syntheticos. Os juizos *analyticos* enunciam uma affirmação absoluta: por exemplo, um circulo é redondo. Os juizos *syntheticos* são, em parte *à posteriori*, quando a experiencia nos ensina que o attributo convem ao sujeito; em parte *à priori*, porque pelo attributo são universaes.

Analyse das faculdades intellectuaes. — Nossa faculdade de conhecer comprehende a *sensibilidade*, o *intelecto* e a *razão*. A primeira é passiva, as outras duas são faculdades activas.

A *sensibilidade*, que é um conhecimento experimental, tem por objecto os phenomenos internos e externos. Recebe as impressões representativas dos objectos, e os mostra á alma, sob a fórmula de *intuições*. Nestas intuições sensiveis, cumpre distinguir a materia e a fórmula. A *materia* é o elemento fornecido pela sensibilidade. As *fórmulas* são as leis necessarias e as condições que as dominam. Com effeito, diz Kant, estas intuições são necessariamente apresentadas á alma, ou como existentes fóra della, isto é, no *espaço*, ou como tendo logar successivamente, isto é, no *tempo*, ou como se achando simultaneamente no espaço e no tempo. O *espaço* e o *tempo* são, pois, as *fórmulas* da sensibilidade. Estas fórmulas, entretanto, não são *empiricas*, porque precedem ás intuições; não são *abstractas* pela mesma razão. São *transcendentes*, isto é, acima de toda experiencia; porque póde-se facilmente pensar que não existe o objecto sensivel, mas não se póde pensar que não haja nem espaço nem tempo. Todavia, acrescentou Kant, nada prova que essas fórmulas de espaço e de tempo tenham uma realidade objectiva. São as *condições* de nossa sensibilidade, assim como a tela é para o pintor uma condição necessaria do quadro. Não podemos saber se são as condições absolutas das cousas em si mesmas. Estas fórmulas estão, pois, em nós *à priori*, e têm apenas um valor subjectivo. (Cf. Fouillée. *Hist. da Philos.*)

O *intellecto* ou entendimento reúne as intuições sensíveis, e fôrma assim os *conceitos* e os *juizos*. O *intellecto* é uma faculdade activa, que se exerce por meio de tres faculdades secundarias: a *imaginação*, a *memoria* e a *consciencia*. Os *conceitos* são a fôrma das intuições, porque devem produzir um objecto unico de todas as representações sensíveis. Em compensação, constituem a *materia* dos *juizos*. As *fôrmas* dos *juizos* são: a *quantidade*, a *qualidade*, a *relação* e a *modalidade*. Estas fôrmas, transcendentés, são aos olhos de Kant as *categorias* do *intellecto*, e se subdividem: A *quantidade* em *unidade*, de *pluralidade*, *totalidade*; a *qualidade* em *realidade*, *negação* e *limitação*; a *relação* em *substancia*, *causalidade*, *communhão*; a *modalidade* em *possibilidade*, *existencia*, *necessidade*.

As *categorias* acham-se reunidas em todos os nossos *juizos* e em todos os nossos *conceitos*. A *quantidade*; porque todo *conceito* tem por objecto a *unidade*, a *multiplicidade* ou a *totalidade*, e, por consequencia, todo *juizo* é *singular*, *particular*, ou *universal*. A *qualidade*; porque todo o *juizo* é *affirmativo*, *negativo*, ou *limitativo*. A *relação*; porque em todo *juizo* o *attributo* está unido ao *sujeito*, de um modo *absoluto* ou *hypothetico*, ou *disjunctivo*. A *modalidade*; porque todo o *juizo* é *problematico*, *assertorico* ou *apodictico*. No primeiro caso, a *relação* do *attributo* e do *sujeito* é concebida como *possivel*; no segundo caso, é *affirmado* como *existente*; no terceiro caso, é *demonstrado* como *necessario*. Assim, este *juizo*: os *corpos* são *pesados*, é, em *quantidade* *universal*; em *qualidade*, *affirmativo*; em *relação*, *categoria*; *moralidade*, *assertorico*. Estas *categorias* podem ser tambem applicadas ás cousas sensíveis, por meio dos *conceitos*, do *tempo*, ou do *espaço*. (Cf. Rothenflue.)

A *razão*, como faculdade de *raciocinar*, reúne os *juizos* em *raciocinios*, para chegar ao *conhecimento absoluto*. Ha tres modos de *raciocinios*: Os *raciocinios categoriaes*, baseados no principio de *inherencia*, isto é, quando o *attributo* é naturalmente *inherente* ao *sujeito*; os *raciocinios hypotheticos*, fundados no principio de *causalidade*, isto é, quando o *attributo* depende do *sujeito*, que é sua *causa* ou sua *condição*; os *raciocinios disjunctivos*, fundados no principio de *dependencia*, isto é, quando o *attributo* se une ao *sujeito* como parte de um todo.

O *raciocinio categoriae* leva-nos progressivamente á *idéa de um sujeito absoluto*, isto é, que não é *attributo* de um outro; o *raciocinio hypothetico* faz-nos chegar á *idéa de causa absoluta e primaria*; o *raciocinio disjunctivo* nos

conduz á noção de *totalidade absoluta*. Dest'arte a razão possui tres idéas fundamentaes: A idéa do *ser absoluto*, seja *objectivo* e formando a *ontologia*, seja *subjectivo* e formando a *psychologia racional*; a idéa do *primeiro principio dos seres*, isto é, de *Deus*, objecto da *theologia*; a idéa de *totalidade absoluta*, isto é, do *mundo*, objecto da *cosmologia*.

Crítica da razão.— Ora, estas idéas da razão, elementos primarios de toda metaphysica, têm para a intelligencia prestimo regulador, mas são desprovidas de toda realidade objectiva. Não são *numenes*, isto é, factos reaes; são *fórm*as do intellecto. Com effeito, diz Kant, nas intuições, que derivam dos sentidos, a sensibilidade tira de si mesma e de sua propria essencia os elementos formaes do conhecimento, noções de espaço e de tempo. Além disso, os conceitos do intellecto, quando versam sobre objectos que escapam á experiencia, não têm valor objectivo e são simples fórm as do entendimento. Se estes mesmos conceitos se referem a objectos conhecidos pela experiencia, são sempre precedidos e dominados pelas leis e condições de quantidade, qualidade, etc. Ora, estas categorias são fórm as intellectuaes, e não se encontram nos objectos. Emfim, as idéas da razão não têm em si mesmas' nenhum valor objectivo, porquanto escapam absolutamente a toda experiencia sensível.

Quanto á origem de nossas idéas intellectuaes, Kant pretende demonstral-a *à priori* pela analyse unica do pensamento, abstracção feita de todo phenomeno experimental. No pensamento, diz elle, cumpre distinguir a materia e a fórma. A *materia* provém dos objectos sensíveis internos ou externos. E', como elles, variavel e movel. A *fórma* nasce da propria natureza do sujeito que conhece. E' necessaria e absoluta. E' ella que, unica, *fórma* o conhecimento. A materia nada tem que ver com ella. A alma, em uma palavra, conhece as causas produzindo-as. Esta theoria é inaceitavel. Com effeito, *a alma não pôde ser a causa unica de seus pensamentos*. Porque, nesse caso, seria necessario admittir que as imagens das cousas são-lhe essencialmente inherentes, e não são produzidas nella por um objecto exterior. Ora, só a intelligencia divina possui esta propriedade, porque Deus unicamente é o *archi-typo* idéal de todas as cousas. Demais, *a alma não conhece as cousas porque as produz*. Porque, sendo a alma uma natureza razoavel, não pôde conduzir-se ás cegas; ao contrario, o seu proceder modela-se pelo exemplo que lhe fornece o intellecto. Em uma palavra, a alma vê antes de

produzir. Finalmente, *Kant é forçado a admitir um scepticismo objectivo completo*. Porque, segundo elle, os conhecimentos sensíveis não existem, e as idéas formadas pela razão são desprovidas de toda a realidade objectiva. Permanecem fórmulas do intellecto.

Em resumo, nada podemos saber, nem no que respeita a extensão, á figura, etc., dos objecto sensíveis, que são fórmulas da sensibilidade, nem á sua realidade substancial, que é uma fórmula do intellecto; nem a liberdade, á espiritualidade e á immortalidade da alma, á existencia de Deus, porque nenhuma destas cousas cabe na alçada da experiencia. Os argumentos feitos pro ou contra devem ser considerados como jogos de espirito e *antinomias*. Portanto é impossivel toda certeza objectiva. (1)

2.º Que devo fazer? Que posso esperar?

Critica da razão pratica.— A razão theorica procura a unidade do conhecimento. A *razão pratica*, a seu turno, quer constituir um principio absoluto de conducta. Ora, diz Kant, assim como descobrimos na razão pura um elemento duplo, assim tambem os principios da razão pratica devem, quando bem analysados, offerecer-nos um elemento *material* e um elemento *formal*. Comprehende o primeiro tudo o que actua sobre a sensibilidade e faz experimentar alguma impressão á vontade. Refere-se o segundo unicamente á razão. O elemento material, fundado no egoismo, é um facto essencialmente subjectivo, e jámais póde tornar-se um principio necessario e universal. Não é, pois, a elle que devemos pedir a base e o fundamento da moralidade. Este fundamento encontrar-se-ha no elemento formal da razão pratica. Com effeito, este elemento racional póde, só, por estar acima de todo facto sensível, prescrever e impôr os deveres aos quaes está adstricto um ser racional e livre.

Este principio formula-se assim: *Faze o que a razão declara obrigatorio*, ou tambem: *Procede de modo que a maxima da tua vontade possa ser um principio de legislação universal*. Esta lei revela-se á consciencia por um facto de experiencia sensível, sob a fórmula de *imperativo categorico*, e prescreve a realisação do bem, sem attender aos motivos egoisticos. Por consequencia, a virtude é perfeita, toda vez que o homem se determina a fazer o bem, unicamente por amor da lei moral, excluindo todo interesse pessoal e todo motivo exterior.

(1) Vid. Janet, *Trat. elem. de philos.*, n. 633.

Certeza conquistada.— O principio de moralidade, prosegue Kant, suppõe, como *postulados* absolutamente necessarios, tres principios theoreticos, que é mister admittir, mas cuja certeza se não pôde demonstrar. Esses postulados são: a liberdade, a immortalidade da alma, a existencia de Deus.

A *liberdade*. Com effeito, sem liberdade, seria impossivel fazer o bem, e sobretudo fazel-o só por amor á lei.

A *immortalidade da alma*. Com effeito, o homem deve guardar entre a direcção de seus actos e a lei moral uma harmonia completa, porque ahi reside a virtude. Ora, essa harmonia não pôde, no mundo, estabelecer-se nem durar; porque encontra na sensibilidade que nos domina um obstaculo insuperavel. Logo, incumbe ao homem o dever de tender para ella, como para um ideal, por um progresso continuo e indefinido. Ora, isto só se pôde dar, suppondo que a alma é immortal.

Vê-se que, se Kant jensina' a doutrina da immortalidade, não é para que a alma goze de seu destino e da recompensa devida a seus meritos, senão, e unicamente, para que ella possa attingir a virtude perfeita.

A *existencia de Deus*. A virtude é o fim supremo do homem; porque é livre. Se a felicidade, como se tem dito muitas vezes, fosse seu fim derradeiro, o homem não careceria de liberdade; bastar-lhe-hia o instincto. Entretanto desejamos invencivelmente ser felizes. Como se estabelecerá a harmonia entre a virtude e a felicidade? A virtude depende do homem, este, porém, não dispõe para si de felicidade, e a natureza lh'a recusa no mundo. Logo, devemos suppôr que existe um Ser, independente da natureza e do homem, sabendo tudo e tudo podendo, Deus, em uma palavra, encarregado de estabelecer esta harmonia entre a virtude e a felicidade, e tornar o homem feliz. Estes tres postulados, acrescenta Kant, são objectivamente reaes. Com effeito, a razão pratica impõe actos cujos resultados devem ser reaes e efficazes. Ora, repugna que effeitos reaes sejam produzidos por principios desprovidos de toda realidade. Assim é que elle julga encontrar, em parte, na razão pratica, a certeza perdida pela razão critica.

Se a escutamos, diz elle, brada-nos ella no fundo da consciencia que estamos sujeitos á uma *obrigação moral*. Ora, a obrigação moral implica sempre a certeza das quatro verdades següintes: a *liberdade*, uma *vida futura*, um *Deus existente* e o *mundo*. A *liberdade*, porque sem ella deixa de haver obrigação moral, vicio ou virtude, merito e respon-

sabilidade. A *vida futura*, porque o homem fiel a seu dever merece uma recompensa proporcionada, que não encontra na terra. Um *Deus existente*, para recompensar a virtude na vida futura, e, além disso, o *mundo exterior* com os seres que elle contém e que são objecto ou termo de nossos deveres. Logo, a razão pratica dá um valor objectivo ás idéas que temos da liberdade, da immortalidade de Deus e do mundo exterior.

Mas porque teria a razão pratica o privilegio de nos dar a certeza, ao passo que a razão especulativa seria incapaz de tanto? Os argumentos que Kant amontoára contra esta, seus discipulos, mais consequentes, fizeram-os reverter contra aquella, e os principios do mestre levaram-n'os logicamente ao mais completo septicismo.

3.º Crítica do juizo.— Por esta palavra, Kant distingue uma faculdade nova e que nenhuma relação tem com aquillo a que os philosophos assim denominam. A razão theorica expõe as leis da natureza e da necessidade; a razão pratica as da consciencia e da liberdade. Estas leis oppostas carecem ser reunidas pela acção de uma faculdade nova, que Kant chama o *juizo*. O *juizo* deve applicar á natureza as leis da liberdade, segundo o principio de que os meios convenham ao fim. Mas não nos diz se estas leis têm uma realidade objectiva ou não; seu fim unico é ministrar uma regra subjectiva, capaz de nos mostrar como devemos raciocinar a respeito destas cousas e suas applicações. Este juizo tem dous modos de actuar. Ora considera as relações dos meios e do fim na *fórma exterior*, de maneira a produzir em nós um sentimento de prazer. Ora contempla essas mesmas relações sob o unico *aspecto logico*, abstracção feita de todo sentimento agradável. No primeiro caso, o juizo é *esthetico*; no segundo caso, é *teleologico*.

O *juizo esthetico* tem por objecto o bello e o sublime, sob um aspecto subjectivo. O bello, diz Kant, é a consciencia da faculdade que temos de nos representar pela imaginação elementos numerosos e diversos, e os reduzir facilmente pela razão á unidade de conceito. Dahi resulta um sentimento de satisfação. O sublime, pelo contrario, é a consciencia da impotencia em que estamos de combinar conjunctamente as idéas da razão com os elementos sensiveis da imaginação. Esta impotencia produz em nós um sentimento de tristeza, mostrando-nos que somos fracos, e

um sentimento de exaltação, fazendo-nos ver, pela razão, quão superiores somos ás cousas sensiveis.

O *juizo teleologico* tem por objecto, sempre sob o ponto de vista subjectivo, descobrir as relações dos seres que formam a natureza, seja em sua constituição intima, seja em seus fins particulares. Estes fins diversos são todos subordinados a um fim geral e universal. Por ahi, chega-se, segundo Kant, ás idéas religiosas, cuja razão pratica nos mostrou a realidade objectiva. (Cf. Rothenflue, *Hist. da Philos.*)

Apreciação.— Tal é o resumo das theorias de Kant. Apesar de grande espirito de analyse e de robustas concepções, foi em philosophia, que quiz refazer *à priori*, não um genio superior, mas um innovador extravagante. Sua doutrina, inconsequente e contradictoria, leva ao idealismo, ao scepticismo e ao pantheismo. Sua moral, demasiado desinteressada, basêa-se em um fundamento ruinoso, a autonomia da razão. Seu estylo é incorrecto, brusco, cheio de termos novos e desconhecidos. Kant fez para si uma linguagem tão obscura, que seus escriptos tornam-se quasi inintelligiveis. Joubert disse delle, parece que com razão: «E' um monte Athos esculpido em philosopho. Nelle quebra a gente a cabeça.» (*Pensamentos.*) Kant compoz ontras obras sobre a moral, o direito, a religião, etc. Sua philosophia fez viva sensação na Allemanha. Exaltada excessivamente por uns, foi vigorosamente atacada por outros: por exemplo, Eberard, Herder, e principalmente por Jacobi. (Cf. Franck, *Dic. das scienc. philos.*)

II. Fichte.— (Alta-Lusace, 1762—1814.) Após laboriosa educação e penosos trabalhos, João Theophilo Fichte encontrou Kant em Koenisberg, tomou certo gosto por suas doutrinas, e as ensinou, embora com profundas modificações, em Iena e Berlim. Compoz sobre assumptos os mais diversos muitas obras que deram a seu autor grande celebridade.

Doutrina. Está toda ella resumida nos *Principios fundamentaes da sciencia.*— A sciencia deve proceder de um principio certo, isto é, de uma formula em que seja o sujeito identico ao attributo. Ora, este principio não é outro mais do que este: Eu igual a Eu. De modo que nada ha real e substancial senão o *Eu pensante*. O que chamamos seres materiaes, espirituaes, são manifestações phenominaes de sua vida. A' letra, são a criação do Eu, e cessam de existir, quando o Eu cessa de os conceber. Como é feita esta criação dos seres pela actividade do Eu? Escutemos

esta curta explicação que nos dá M. Branchereau. Ella nos fará penetrar e romper os nevoeiros ás vezes bem espessos com que se envolve a *philosophia allemã*. » O Eu apresenta-se a si proprio, por um esforço de actividade que lhe é inherente, de uma maneira absoluta e indefinida. Mas logo depois esse Eu, em virtude de sua propria essencia, se impõe a si mesmo um limite que retém o esforço de sua actividade. O choque que dahi resulta o obriga a retrahir-se sobre si mesmo, percorrendo a mesma linha que já percorreu.— No momento em que o primeiro acto se effectuava, o sujeito e o attributo eram confundidos na unidade do Eu. Mas no segundo acto, o Eu sujeito se distingue do Eu attributo. Com effeito, limitando-se, o Eu adquiriu a consciencia reflectida de si mesmo, isto é, que elle se apresentou a si mesmo como objecto de seu pensamento: assim vem a ser ao mesmo tempo sujeito e attributo. O Eu, emquanto attributo, apparece como *não eu* ao Eu emquanto sujeito. Assim determinado como *não eu*, torna-se limitado e divisivel, de absoluto que era d'antes; e, assim, se acha produzido o mundo exterior com todos os phenomenos que nelle se nos mostram constantemente, e que encerram o duplo character da limitação e da divisibilidade. Todavia o Eu, produzindo o *não eu*, não cessou de ser identico a si mesmo. De modo que ha identidade perfeita entre o mundo e o Eu; o primeiro não é senão uma fórma do segundo. » (*Hist. da philos.*)

Assim, o *Eu* se apresenta e se afirma como Eu absoluto; limita-se e produz o *não eu*; toma consciencia de si proprio, e distingue-se em Eu e *não eu*. Reconhece-se em suas evoluções como sempre identico a elle mesmo. Eis ahi, em quatro palavras, a formula do pantheismo subjectivo de João Theophilo Fichte.

III. **Schelling**.— (Suabia, 1775 — 1854.) Frederico Guilherme Schelling foi a principio um zeloso discipulo de Fichte. Abandonou-o dentro de pouco tempo para formar um systema seu, que ensinou com grande successo em Iena, Wursbourg, Munich e Berlim. Schelling tem o espirito synthetico; mas sua exposição é por demais cheia de imagens, e não raro obscuras.

Doutrina. A questão principal é sempre a certeza objectiva. Fichte queria fazel-a sahir do Eu absoluto. Schelling seguiu outro caminho. O Eu e o não eu, dizia elle, existem ambos com o mesmo titulo; são relativos e suppoem um principio

substancial superior. Este principio é o Ser absoluto, ou simplesmente o *Absoluto*, que é a identidade de todas as cousas. Construiu sobre esta base a *Philosophia da natureza*. O Absoluto de Schelling é dotado de uma dupla actividade essencial. Pela primeira, desenvolve-se no *real* e fórma o mundo physico, isto é, o conjuncto dos phenomenos *objectivos*, percorrendo estes tres grãos: *gravidade, luz e movimento, vida e organização*. Pela segunda, desenvolve-se no *ideal*, e produz a *historia*, isto é, o conjuncto de todos os phenomenos *subjectivos*, percorrendo tambem tres grãos: *virtude e sciencia, bondade e religião, belleza e arte*. Segundo esta dupla evolução, o Absoluto, remontando estas duas ordens, o real e o ideal, tende a se ter como Absoluto, isto é, como suprema identidade, elevada acima destes phenomenos diversos. A consciencia desta volta do Absoluto produz a philosophia. (Cf. Branchereau. *Hist. da Philos.*)

Pelo fim de sua vida, Schelling modificou profundamente sua doutrina, e quiz combinar a Philosophia com as revelações positivas.

IV. **Hegel.**— (Stuttgard, 1770 — 1831.) Georges William Frederic Hegel nasceu em Stuttgard em 1770, fez seus estudos em Tubingue e ligou-se com Schelling, que o iniciou em todas as theorias philosophicas. Hegel foi successivamente professor em Francfort, Iena, etc., e succedeu a Fichte na cadeira de philosophia na universidade de Berlim. Ahi morreu em 1831.— As principaes obras de Hegel são: a *Logica*, a *Philosophia do espirito*, a *Encyclopedia das sciencias philosophicas*, as *Lições sobre a esthetica*, a *Philosophia do direito*, em que ensina que o Estado é a substancia mesmo do individuo e tem sempre sobre elle a autoridade a mais absoluta. O estylo do autor é muita vez obscuro, extravagante, ouriçado de termos metaphysicos combinados á guiza de Ronsard, por vezes tambem, dizem, cheio de força, de originalidade e de eloquencia. (Cf. Fouillée, *Hist da Philos.*)

Doutrina. Hegel tratou de systematisar, em uma synthese logica, as theorias de Schelling; mas modificou-lhe profundamente o principio fundamental. Schelling tomára seu ponto de partida no Absoluto, Hegel eleva-se desde logo aos mais altos cumes da abstracção, e toma por principio, não um ser determinado, mas alguma cousa de vago, que não é, mas que vem a ser tudo, e a que elle chama *Idéa*.

Concepção da idéa.— Todas as nossas concepções racionais podem ser reduzidas á noção do ser. Ora, nos diversos objectos que percebemos, esta noção de ser é concebida com caracteres taes, que elles se suppoem ao mesmo tempo e se repellem. Assim, não posso conceber o ser infinito, imaterial, sem conceber ao mesmo tempo o finito e o material, e portanto estas consas se excluem mutuamente. Logo, diz Hegel, o ser considerado em si não deve ter nenhum desses caracteres: deve, pelo contrario, ser indeterminado, nem finito, nem infinito, nem um, nem multiplo, etc. Demais, para haver a noção do ser, *ut sic*, tem de se recorrer a uma idéa correlativa, a do nada. Com effeito, ser e nada são sempre pensados conjunctamente. Não se deve todavia estabelecer entre elles a opposição que existe entre finito e infinito, por isso que, sendo indeterminado o ser de Hegel, não differe, na essencia, do nada. Por seu lado este nada não é nada absoluto; visto como, conquanto seja elle concebido como actualmente privado de toda realidade, póde no emtanto tornar-se e ser alguma cousa. O ser indeterminado é, assim, o *ser nada*. Dahi a formula celebre: « O ser e o nada são identicos. »

Desenvolvimento da idéa. O ser nada, a *Idéa* (estas palavras significam o mesmo), não é determinado; não é, no sentido rigoroso do termo, *faz-se, vem a ser*, desenvolve-se progressivamente em uma triplice manifestação: pelas noções abstractas e pela *logica*; pelos phenomenos da ordem material e natureza *physica* com seus tres reinos; pelos phenomenos da ordem *espiritual* e o genero humano, onde reside o termo derradeiro e perfeito das manifestações da Idéa, que toma a consciencia de si mesmo, como sendo a *identidade universal e indefinida de todas as cousas*.

Como se vê, a doutrina de Hegel é uma sorte de *pantheismo logico*. Para melhor encontrar por toda parte esta unidade, Hegel sustentava que toda questão se compõe de tres elementos: a *these* (sim), a *antithese* (não) a *synthese* (sim e não), isto é, identidade da these e da antithese. O systema hegeliano é um acervo confuso de todas as contradicções, e, como se diz, *antinomias* as mais revoltantes; é uma theoria inintelligivel em si mesma, porque seu ponto de partida é o absurdo erigido em axioma; incomprehendida, por consequencia, até mesmo pelos discipulos mais fieis. Eis ahi porque o Mestre, ao morrer, pronuciava, dizem, estas palavras singulares: « Um unico homem me comprehendeu, e esse mesmo ainda não me comprehendeu. »

Hegel teve na Allemanha ardentes adversarios e numerosos discipulos. Entre os adversarios, um dos mais notaveis é Schopenhauer, o qual conserva-se mais fiel ás doutrinas de Kant, e de quem adiante fallaremos. Os discipulos, muito mais numerosos, dividiram-se em *direita*, *esquerda*, *centro*. A *esquerda* predominou, e descambou para o materialismo (1).

ARTIGO QUARTO

PHILOSOPHIA DO SECULO XIX

O nosso seculo é um dos mais fecundos em systemas e erros de toda a sorte. Exceptuando alguns espiritos sensatos e moderados, muitos philosophos procuram, antes de tudo, o que é novo, extraordinario, e as theorias as mais extravagantes são, a sangue-frio, apresentadas na França, na Italia, principalmente na Allemanha e na Inglaterra.

§ 1.º Philosophia franceza

Os estudos philosophicos, cumpre confessar, tomaram em França grande impulso no seculo XIX. As principaes escolhas são: o *Sensualismo*, ao qual succede uma philosophia de transição, o *Tradicionalismo*, o *Eclectismo*, o *Socialismo*, o *Positivismo*, etc.

(1) Póde-se citar, a par destes nomes, o de um outro philosopho, cujas theorias tiveram no principio do actual seculo grande voga na Allemanha. Queremos fallar de Hermes.

George Hermes (Westphalia, 1775—1831) ensinou a theologia nas universidades catholicas de Munster e de Bonn. Propoz, para melhor combater o racionalismo, uma theoria particular sobre a certeza objectiva. Hermes aproxima-se de Kant e delle se afasta. Aproxima-se, porque, depois de haver dito que todo philosopho deve começar pela duvida absoluta universal, ainda mesmo de sua existencia e de seu pensamento, sustenta com Kant que a razão theorica não póde dar a certeza. Delle se afasta fundando a certeza menos sobre a razão pratica do que sobre uma *inclinação natural*, que nos leva a affirmar grande numero de verdades primeiras.

Este systema é facil de refutar. Com effeito, a intelligencia não começa e não póde começar pela duvida absoluta. Vimo-lo na Logica. Além disso, a duvida absoluta tornaria impossivel toda especie de conhecimento. A inclinação natural é incapaz, se permanece só, de nos dar a certeza philosophica. Gregorio XVI, em sua Encyclica de 26 de Setembro de 1835, condemnou as obras de Hermes, como encerrando grande numero de proposições falsas, absurdas, conduzindo ao scepticismo, subversivas da fé, etc.

I. Escola sensualista

1.º **Materialismo.**—E' representado por Cabanis e Broussais, antes medicos famosos do que philosophos de merito, e por Gall e Spurzheim, cuja phrenologia e craneologia se tornaram celebres.

Cabanis.— (Correze, 1757—1808.) Tira as consequencias da doutrina de Condillac. Todo o seu systema acha-se resumido em alguns pontos de sua obra intitulada : *Rapport du physique et du moral de l'homme*. Segundo Cabanis, a sensação é apenas uma impressão produzida sobre os nervos. Ora, disse Condillac, todas as operações da intelligencia reduzem-se á sensação. Deve-se, pois, concluir que a alma é inutil, « que o cerebro faz organicamente a secreção do pensamento . . . e que o homem é um ser moral, porque é dotado de uma sensibilidade nervosa. »

Broussais.— (Saint-Malo, 1772—1838.) No seu livro *Da irritação e da loucura* attribue tambem á força cerebral todos os nossos actos intimos de sensibilidade, de intelligencia e de moralidade.

2.º **Sensualismo.**—E' representado por Destutt de Tracy e Laromiguière.

Destutt de Tracy.— (Allier, 1754—1836.) Nos *Elementos de ideologia*, sua principal obra, mostra-se fiel ás doutrinas de Condillac, com tendencia notavel para o materialismo. No seu *Tratado da vontade*, dá a esta faculdade preponderante e quasi exclusivo papel. Na sua opinião, é ella a propria pessoa, o homem todo. Ainda a seu ver, pensar é sentir : a sensação consiste em um movimento das fibras ; a alma é o resultado apenas da organização ; a moral limita-se á conservação e ao bem-estar physico ; em politica, os chefes do Estado são os servidores das leis ; as leis são a expressão das necessidades universaes, e as penas têm por fim unico impedir crimes futuros. Como discipulo de Condillac, Destutt de Tracy tem o merito de haver aprofundado alguns pontos da doutrina do mestre : por exemplo, as relações dos signaes e do pensamento.

Laromiguière.— (Aveyron, 1756 — 1837.) Professou philosophia na Faculdade de Paris. Quiz conservar um certo meio entre Descartes e Condillac, não pôde conseguilo, e

conservou-se sensualista moderado. Seu ensinamento philosophico comprehende a classificacão das faculdades e a origem das idéas.

Classificacão das faculdades. Laromiguière distingue na alma duas faculdades primeiras, a *passividade* e a *actividade*. Desta ultima derivam a intelligencia e a vontade. A *intelligencia*. Quando queremos conhecer um objecto, é a *attencão* que começa. Uma dupla attencão produz a *comparaçãõ*, e duas comparações formam o *raciocinio*. Attencão, comparaçãõ, raciocinio, eis, pois, toda a intelligencia. A *vontade*. Quando a vontade busca um bem, ha primeiramente o *desejo*; vem depois a *escolha*; em terceiro lugar, a *liberdade*. Esses tres elementos constituem a vontade humana.

Nenhuma necessidade ha de pôr em relevo os defeitos e as lacunas dessa classificacão fantasista. A comparaçãõ não é o juizo. A liberdade não segue a escolha; precede-a e produz-a.

Origem das idéas. Começa Laromiguière rejeitando as sensações transformadas de Condillac, e define a idéa *um sentimento distincto*. Sua origem está no sentimento; sua causa na actividade intellectual e na attencão. Ora, ha em nós, prosegue Laromiguière, quatro especies de sentimentos: o sentimento-sensaçãõ, ou *sensaçãõ* propriamente dita; o sentimento da accãõ de nossas faculdades, ou *sentimento intimo*; o *sentimento da relaçãõ*; o *sentimento moral*. Desses quatro sentimentos derivam todas as nossas idéas.

Como se vê, apesar de alguns adoçamentos, é ainda o sensualismo de Locke e de Condillac. Demais, a idéa não pôde ser chamada um sentimento, pois que não pertence ella á sensibilidade.

3.º Escola de transiçãõ. — Sob esta epigraphe pôdem inscrever-se dous philosophos bem celebres: Maine de Biran e Royer — Collard.

Maine de Biran. — (Bergerac, 1766 — 1824.) A principio discipulo de Condillac, como o eram todos, não tardou que rompesse com o Sensualismo. Publicou uma notavel *Memoria*, sob o seguinte titulo: *Influencia do habito sobre a faculdade de pensar*. Ainda ahi se encontram sensiveis vestigios de suas primeiras idéas. A separaçãõ tornou-se cada vez mais radical, e o autor da *Memoria* tomou logar entre os verdadeiros espiritualistas.

Doutrina. Maine de Biran foi, antes de tudo, um psychologo. « Fez da actividade, diz Francisco Bouillier, o principio de todos os nossos conhecimentos, como de todos os nossos movimentos, e viu no esforço, isto é, no querer, o proprio fundo do nosso ser. » Eis os pontos principaes de seu ensinamento :

Muito se ha desconhecido, em Psychologia, o papel da consciencia. Deve elle ser o principal. E' pela intervenção constante e laboriosa dessa faculdade, em uma palavra, pelo *esforço*, que se deve fazer exclusivamente o estudo intimo da alma. O objecto da consciencia é o eu inteiro, em sua natureza, em suas faculdades e em seus actos. E', pois, pela consciencia que se deve provar a espiritualidade, a liberdade e a personalidade da alma humana.— Nessa theoria, Maine vai demasiado longe. Para elle, a consciencia torna-se a principal, quasi a unica faculdade intellectual; parece mesmo fazer do *esforço* e do querer toda a base de nosso ser.— Ha em nós, a consciencia o attesta, certas idéas acima de todo o elemento sensivel. Não as póde produzir a actividade pessoal. Essas idéas conduzem-nos até Deus, Ser substancial, infinito, pessoal, de quem sómente podem ellas derivar.

Ha tambem em nós tres especies de vida: a vida *animal*, caracterisada pelo instincto e pelos diversos sentimentos de prazer ou magoa; a vida *intellectual*, cujo caracteristico proprio é o esforço, e em que dominam a reflexão e a personalidade; a vida *moral*, em que reina o amor, e a vontade se submette livremente ás leis do bem e do bello.

Maine de Biran fez mais: elevou-se até á vida *sobrenatural* e mostrou-se, no fim de seus dias, philosopho christão e devoto, como o attesta o *Diario intimo de seus pensamentos*. Delle dizia Royer-Collard: « E' o mestre de nós todos. » V. Cousin chamava-o « o maior metaphysico francez depois de Malebranche. » Elogio exagerado, porque Maine de Biran foi menos metaphysico do que psychologo attento, observando incessantemente as *galerias subterraneas* de sua alma, conforme a sua propria expressão, e vendo « *correr suas differentes situações, como as ondas de um rio.* »

Royer-Collard.— (Vitry-le-François, 1768—1845.)— Orador e politico celebre, foi o fundador e o primeiro chefe dos Doutrinarios. Como doutrinario, queria a manutenção do governo constitucional e representativo, o accordo da autoridade e da liberdade, em uma palavra, uma monarchia

cercada de instituições republicanas. Como philosopho, durante alguns annos (1811 — 1814), em que ensinou philosophia na Faculdade de Letras de Paris e na Escola Normal, pareceu propôr-se tres cousas: desacreditar as idéas de Condillac, o que conseguiu; examinar o problema da percepção externa, que procurou resolver, dizendo que da sensação intima passamos, por instincto, ou por uma indução fatal, ao conhecimento do mundo exterior; estudar pela consciencia a natureza do eu, sua simplicidade, sua identidade, prendendo-lhe as questões de substancia, de causa, de espaço, de tempo, etc.

Royer-Collard foi o primeiro que tornou conhecida em França a philosophia escossez. Consideram-n'o tambem o primeiro chefe do eclectismo moderno, e cujos mais illustres representantes são V. Cousin e Theod. Jouffroy.

II. Escola tradicionalista

E' principalmente representada por de Bonald, Lamennais, Baitun, Gerbet, de Salinis, etc. Os *Manuaes* citam tambem o conde José de Maistre (Chambery, 1754 — 1821), autor das *Considerações sobre a França*, das *Noites de S. Petersburgo*, do *Papa*, etc. Faz-se frequentemente delle um detractor encarniçado da razão e da natureza humana, e um partidario absoluto dos mais despoticos governos. Parece-nos que é comprehender mal a doutrina desse eminente publicista, que foi a um tempo homem de coração, pensador geralmente exacto, original e profundo, e escriptor do mais elevado merito. No seu *Exame da philosophia de Bacon* critica elle o sensualismo; no seu livro do *Papa* demonstra o bem que fez o papado, principalmente na idade média; nas suas *Noites de S. Petersburgo* justifica o governo da Providencia. Entretanto devemos censurar a José de Maistre diversas proposições paradoxaes, inexactas ou exaggeradas, e mesmo alguns erros formaes: por exemplo, quando dá duas almas ao homem.

De Bonald.— (Aveyron, 1754 — 1840.) Suas duas principaes obras são: as *Pesquizas philosophicas* e a *Legislação primitiva*. Dominam essas obras duas idéas fundamentaes: O homem não póde pensar a sua palavra sem fallar seu pensamento; na ordem religiosa, social e domestica,

tudo se consubstancia em tres noções primarias: *causa, meio, effeito*, isto é, na familia, pai, mãe, filho; na sociedade, poder, ministro, subdito, etc.

Lamennais.— (Saint-Malo, 1780—1854.) Publicou em 1817 o primeiro volume do *Ensaio sobre a indifferença*, que teve grande nomeada. O segundo volume (1820) contém seu systema philosophico sobre a autoridade geral. Condemnado por Gregorio XVI, em 1834, o autor recusou-se a submeter-se, separou-se da igreja, publicou as *Palavras de um crente*, onde se encontram as mais subversivas idéas sociaes, *Esboço de uma Philosophia*, onde se ensina o pantheismo, e morreu miseravelmente em Paris, sem querer retractar-se.

Seus discipulos *Gerbet, Rohrbacher, de Salinis, Lacordaire, Combalot*, etc., foram melhor inspirados. Separaram-se do mestre, para se conservarem fieis aos ensinamentos da Igreja e da verdadeira Philosophia.

Bautain.— (Paris, 1793—1863.) Discipulo de V. Cosin na Escola normal, e professor em Strasburgo, abraçou o estado ecclesiastico. Para melhor combater o racionalismo, procurou na *Revelação Divina* o primeiro fundamento da certeza, e renovou assim o *Fideismo* de Huet. Condemnado, porém, pelo seu bispo, submetteu-se inteiramente á decisão deste, e voltou á sã philosophia. (Cf. *Dic. des Scienc. philos.*)

Monsenhor *Maret*, bispo de Sura, e o padre *Gratry* completam esta pleiade de philosophos distinctos, sem todavia partilharem o seu *tradicionalismo*.

III. Escola eclectica e racionalista

O eclectismo (ἐκ λέγω, escolho) consiste em apanhar nos diversos systemas de philosophia o que é verdadeiro, afim de construir a synthese geral. Para proceder com segurança, o eclectismo precisa estar já de posse de um corpo completo de doutrinas certas, de ter um methodo e um criterio firmes, que lhe permittam, na sua critica dos systemas, discernir o verdadeiro do falso, o certo do provavel. Sem esta base de doutrinas e esta bussola para o conduzir, o eclectismo estaria condemnado a vagar ao acaso, ou então degeneraria em *syncretismo*, e faria um amalgame confuso das mais oppostas theorias. Na *Historia da Philosophia* encontra-se

o eclectismo alexandrino e o eclectismo moderno. O grande erro deste ultimo é querer applicar a todas as religiões, mesmo o catholicismo, o seu methodo racionalista.

A essa escola pertencem, no seculo actual, *Royer-Collard* e, em parte, *Maine de Biran*, de quem já fallámos, *V. Cousin*, *Theodoro Jousfroy*, *Philisberto Damiron*, *Emilio Saisset*, *Adolpho Garnier*, *Julio Simon*, etc.

1.º **Victor Cousin.**— (1792 — 1867.) Professor na Escola normal e na Sorbona, Grão-Mestre da Universidade e Ministro da Instrução publica, V. Cousin deve ser considerado como o verdadeiro chefe do Eclectismo e do Racionalismo contemporaneos. Duas obras, *Do verdadeiro, do Bello e do Bem* e a *Historia Geral da Philosophia* resumem a sua doutrina toda. V. Cousin estudou principalmente os diversos systemas de philosophia, fez-lhes a critica, e tomou a si a missão de estabelecer um Espiritualismo eclectico, conservando-se a igual distancia do Sensualismo e da Revelação, que elle confunde, de plano assentado, com o Mysticismo. Ao contrario de Condillac, que tudo explicava pela sensibilidade, e de Maine de Biran, que fazia dependerem da vontade e das sensibilidades reunidas todos os factos psychologicos, admite, no homem, uma outra faculdade, a razão. Para explicar, porém, como este percebe o absoluto e o infinito, julgou-se autorisado a fazel-a *impessoal*. A principio, V. Cousin inspirara-se nas doutrinas da philosophia escosseza. Mais tarde pôz-se em relação com os philosophos da Allemanha, e aceitou varias de suas idéas. Dahi a sua tendencia para o *Pantheismo*.

Em Moral, refuta as falsas theorias do prazer, do interesse, etc., e mostra que ella tem por base o bem absoluto e o honesto. Não a faz, porém, sufficientemente depender de Deus; porque, na sua opinião, a formula do dever é não manter a ordem estabelecida por Deus, mas simplesmente obedecer á razão. E', pouco mais ou menos, o *imperativo categorico* de Kant. Além disso, parece aceitar a theoria dos factos consumados, como justa e fundando um direito. « Pretendo, diz elle, absolvel-a (a victoria) como justa, no mais restricto sentido da palavra. Pretendo demonstrar a moralidade do exito. » (*Introduc. ger. d. hist. da Phillos.*, lição 9.ª)

Em theoria, V. Cousin é um *racionalista* absoluto, quando ensina « que a Philosophia é a luz das luzes, a autoridade das autoridades. » Com effeito, elle define-a : « *A reflexão inteiramente emancipada, definitivamente desprendida dos laços*

da autoridade, apoiando-se unicamente em si mesma na pesquisa da verdade. » Ora, esta definição é inteiramente inadmissível. É vaga, pretenciosa e falsa. Effectivamente, não diz nem o objecto, nem o methodo da philosophia; nenhum guia quer aceitar e parece suppôr que a verdade ainda não foi achada; emfim, em nenhuma conta tem nem a Revelação e a theologia, nem o ensinamento tradicional.

Sua classificação dos systemas philosophicos é demasiado arbitraria, e o methodo de exposição que elle emprega é principalmente descriptivo e oratorio, em vez de ser scientifico e demonstrativo. « Victor Cousin, diz Alfredo Fauillée, desprovido de genio philosophico, favoreceu sobretudo a historia da Philosophia á custa da propria Philosophia, que reduziu cada vez mais a um ensinamento official e oratorio das *verdades de senso commum*. » (*Hist. da Philos.*)

Emfim, a noção que elle dá da substancia e a sua maneira de definir a criação fizeram-n'o com justiça accusar de pantheismo. « A substancia, diz elle, é aquillo que nada suppõe, além de si, relativamente á existencia. A idéa de ligar uma substancia a cada objecto destróe a propria idéa de substancia... A substancia deve ser unica para ser substancia. Milhares de substancias nada têm absoluto, substancial. »

« Que é a criação?... Crear é uma cousa facilima de conceber; porque é uma cousa que fazemos a cada momento. Com effeito, nós creamos todas as vezes que praticamos um acto livre... Creamol-o, digo, porque imputamol-o a nós, e a nós exclusivamente... Assim, causar é crear. Mas com que? Com cousa nenhuma? Não, sem duvida; ao contrario, com a propria base de nossa existencia... O homem não tira do nada a acção que vai praticar, tira-a de seu poder; tira-a d'elle mesmo. Eis o typo de uma criação. A criação divina é da propria natureza. Deus crêa: tira o mundo, não do nada que não existe, mas de si, que é a existencia absoluta. Mais ainda: Deus crêa com elle proprio. » (*Introduc. d Hist. da Philos.*)

De todos esses textos, que V. Cousin jámais explicou bem, resulta evidentemente que não ha senão uma unica substancia, a substancia absoluta; ou pelo menos que a criação, que é necessaria, consiste no acto pelo qual Deus produz os seres, tirando-os *delle proprio*. Ora, não está ahí o Pantheismo da emanção?

2.º **Theodoro Jouffroy**.— Nasceu proximo de Pontarlier (Doubs) em 1793 e morreu em Paris em 1842.

Mestre de conferencias na Escola normal, professor livre, professor no collegio de França, deputado, tal foi a sua vida. Traduziu Th. Reid e os *Esboços de Philosophia moral* de Dugal-Stewart, ornando-os de *prefacios* que valem um livro. Deve-se-lhe um *Curso de esthetica*, cujos principios são tirados de Kant e de Th. Reid; um *Curso de direito natural*, que ficou por acabar, no qual refuta elle os falsos systemas de moral melhor do que estabelece o seu; dous volumes de *Missellaneas*, nos quaes se encontram alguns artigos contra o catholicismo, e a sombria narração da noite em que elle perdeu a fé da sua infancia para nunca mais tornar a encontral-a. E' nessas *Miscellaneas* que se póde ler tambem um perfeito elogio do Catecismo. « Lêde este livrinho, nelle encontrareis a solução de todas as questões que se referem ao problema do destino humano. Perguntai ao christão donde vem a especie humana, elle sabe-o. Para onde ella vai, elle sabe-o; como é que vai, elle sabe-o. Perguntai a essa pobre criança... porque está neste mundo, e o que será della depois da sua morte, dar-vos-ha uma resposta sublime... Origem do mundo, origem da especie, questões de raças, destino do homem nesta vida e na outra, relações do homem com Deus, deveres do homem para com seus semelhantes, d'reitos do homem sobre a criação, ella nada ignora. »

Doutrina. Th. Jouffroy é menos methaphysico do que psychologo observador. Scrutou com extrema paciencia, ás vezes mesmo com feliz sagacidade, diversos problemas de Psychologia, de Estetica e de Morál. Em sua opinião, a Philosophia tem por objecto o homem estudado em seu passado, em seu presente e em seu futuro. Seu passado e seu futuro parecem a Jouffroy problemas difficilimos de resolver. Cumpre, pois, estudar o homem no seu presente, e consideral-o alternativamente *em acção*, *experimentando* impressões, e buscando comprehender a *natureza do eu*.

Em *Psychologia*, sustenta Jouffroy que temos duas almas, para presidir á nossa dupla vida, animal e intellectual. A *sensibilidade* physica está quasi exclusivamente no corpo. A *intelligencia*, que procede pela observação e pela razão, é a faculdade productiva por excellencia; porque o proprio conhecimento involuntario é um de seus actos. A *vontade* não é como aquella, productiva de um modo constante. A alma parece a Jouffroy dever ser *espiritual*, porque é uma força livre, e os facts intimos do eu são simples. Comtudo, duvida elle algures dessa verdade. Basêa a *immortalidade* da

alma no seguinte unico facto da experiencia : o destino do homem não se completa nesta vida.

Em *Logica*, Jouffroy quer que a razão comece por um acto de fé em si mesma. Em *Esthetica*, faz consistir o bello na ordem expressa, como a verdade é, segundo a sua opinião, a ordem pensada, e o bem a ordem cumprida. Em *Moral*, o principio fundamental é o respeito da ordem universal, com exclusão de todo o motivo interessado.

Como se vê, Th. Jouffroy e Maine de Biran percorreram caminhos contrarios. Maine de Biran, em marcha ascendente, subiu do sensualismo até á vida sobrenatural, ao passo que Jouffroy desceu das alturas da fé christã, e não soube achar o caminho que leva a Deus

3.º Philisberto Damiron.—(Nasceu em Belleville, Rhône, em 1794, e morreu em Paris em 1862.) Discipulo de V. Cousin e emulo de Jouffroy, Damiron mostrou-se fiel ao seu eclectismo. Compoz um *Ensaio sobre a historia da Philosophia no XIX seculo*, onde em toda a parte se vêem os preconceitos da época contra o catholicismo, e um *Curso de Philosophia*, que contém algumas boas observações de envolta com idéas vagas e ás vezes erroneas.

4.º Emilio Saisset.—(Nasceu em Montpellier em 1814, morreu em Paris em 1863.) Collaborou com Julio Simon e Amedeu Jacques em um *Manual de Philosophia*, que não é irreprehensivel ; é tambem autor de um *Ensaio de philosophia religiosa*, obra mais reprehensivel ainda, e d'*Ænesidemo*, que é bem boa historia do Scepticismo.

5.º Adolpho Garnier.—(Paris, 1801—1864.) Substituiu Jouffroy, sem igualal-o, e occupou-se principalmente de Psychologia. A sua doutrina acha-se toda contida no seu *Tratado das faculdades da alma*, obra mediocre.

6.º Julio Simon.—(Lorient, 1814). Deve-se-lhe uma *Historia da Escola da Alexandria*, um livro sobre *O Dever*, um outro sobre *A Religião natural*, um quarto sobre *A Liberdade*, etc. O Sr. Julio Simon é francamente espiritualista ; mas está longe de ser completamente orthodoxo.

7.º Paulo Janet.—(Paris, 1823.) E' o autor das *Causas finaes*, de varios livros sobre a *Moral* de um *Tratado Elementar de Philosophia*, em que se aproxima um pouco das doutrinas escolasticas.

8.º **Emilio Caro.**— (Poitiers, 1826.) Compoz varias obras de estimação: *A idéa de Deus, o Materialismo e a sciencia, Estudos moraes sobre o tempo presente*, etc.

Podem citar-se ainda como mais ou menos pertencentes ao Eclectismo os Srs. Fr. Boullier, Ravaisson, Joly, Adolpho Franck, Nourisson, e principalmente Amedeu de Margerie, autor de uma *Theodicéa* apreciavel, etc.

IV. Escola socialista e humanitaria

O seu ponto de partida é o *progresso indefinito*. São seus principaes representantes: *Saint-Simon* (1760 — 1824), que ensina a identidade de Deus e do mundo, faz o homem viver *naturalmente* da vida divina, e nos diz que a Redempção e os dogmas catholicos são puras allegorias; *Carlos Fourier* (1772—1836). A dar-mos-lhe credito, a *natureza* é formada de tres elementos: *Deus*, a *materia* a *justiça*, isto é, as *mathematicas*. O homem possui uma alma desprendida da alma do planeta em que elle se acha; é destinado, nesta vida, a seguir a moral da *attracção apaixonada*, e, depois da morte, a soffrer, de astro em astro, as diversas epurações da metempsychose. (Cf. Gonzalez, *Philos. elem.*) Citemos ainda *Estevão Cabet* (Dijon, 1788—1856), e seu communismo icario; *Pedro Leroux* (Paris, 1798—1871), e sua immortalidade terrestre; *João Reynaud* (Lyon, 1806—1863), e sua immortalidade sideral; *José Proudhon* (Besançon, 1809 — 1865), e suas negações radicaes sobre Deus, a familia, a sociedade, a propriedade Para semelhantes pensadores, bastam estas poucas palavras.

V. Escola positivista

Tres idéas constituem o Positivismo: a verdadeira noção da sciencia, a classificação das sciencias, a lei que preside ao desenvolvimento da humanidade. 1.º A verdadeira sciencia tem por objecto os *factos* reaes, internos ou externos, as leis que os regem e os calculos mathematicos. Afasta, como estranho e impossivel, o estudo das substancias e das causas (efficiente e final), e tudo quanto se chama metaphysica, isto é, Deus, a alma, o destino, etc. Para essa escola, o mundo é eterno em seus primitivos elementos, e os seres se

desenvolvem ou se transformam fatalmente pela lei do progresso indefinito. 2.º As sciencias classificam-se na ordem seguinte: mathematicas, astronomia, physica, chimica, biologia, sociologia. 3.º Desenvolvendo-se, a humanidade deve passar por tres phases successivas: o periodo *theologico*, o periodo *metaphysico*, e finalmente o periodo *scientifico*, a que somos chegados. A moral é baseada no interesse particular, ao qual se juntam o interesse geral e a paixão *altruista*, que servem de base á moral social. A esthetica deve reproduzir servilmente a natureza e o real. A humanidade conserva-se entretanto o idéal e o alvo da arte.

A Escola positivista é representada, em França, principalmente por seu fundador, *Augusto Comte* (Montpellier 1798 — 1857); o Sr. *Littre*, nascido em Paris em 1801, e que acaba de morrer nos mais christãos sentimentos; o Sr. *Taine* (Vouziers, 1828), que a todos os factos de experiencia applica a *critica positiva*, sempre com obstinado labor, ás vezes com feliz sagacidade, etc.

Refutámos o Positivismo, provando a verdade das idéas de substancia e de causa (efficiente ou final): a falsidade de uma moral baseada no interesse e no altruismo, aliás impossivel, se a liberdade não existe; a nullidade de uma esthetica, avassallada á copia servil do real, qualquer que elle seja; finalmente, a distincção tão arbitraria como falsa dos tres estados successivos pelos quaes a humanidade devêra necessariamente passar. Stuart Mill, pouco suspeito nestas materias, qualifica as theorias de Comte « pensamentos extravagantes... triste decadencia de um grande espirito, e resultado de colossal confiança em si proprio ».

Relativismo.— Esta theoria liga-se á precedente, cujo complemento é. O positivismo nega a realidade das substancias das causas e dos fins. Sustenta o Relativismo que todas as concepções desse genero são simplesmente representações subjectivas, não tendo contacto ou *relação* com o nosso estado mental actual. Podem chamar-se Relativistas: em Inglaterra, Hamilton, etc.; na Allemanha, Moleschott, etc.; em França, o Sr. Vacherot (Langres, 1809); em uma palavra, um grande numero de sabios e philosophos de nossos dias.

As razões que refutam o Positivismo voltam-se tambem contra o Relativismo.

§ 2.º Philosophia italiana e hespanhola

I. **Na Italia**, os nomes mais afamados são os de *Galuppi*, *Rosmini* e *Gioberti*.

Galuppi.— (Napoles, 1770—1846.) Desprende a Philosophia italiana do sensualismo em que a tinham deixado Gioia e Romagnosi, e fel-a entrar em senda mais espiritualista. Procurou um meio entre o sensualismo de Condillac e o idealismo de Kant, de quem era assiduo leitor. Julgou ter achado esse meio, fazendo da consciencia uma faculdade ao mesmo tempo subjectiva e objectiva, com cujo auxilio, sem principios *à priori* e racionaes, tentou elevar-se ás noções absolutas de substancia e de causa, e até Deus, causa e substancia suprema. Sabemos que é ruinosa a base desse systema; porque a consciencia não é, como a razão, uma faculdade subjectiva.

Rosmini-Serbati.— (Tyrol, 1757; Stressa, 1855.) Padre, fundou uma sociedade religiosa, o *Instituto da Caridade*, recusou o chapéo de cardeal que Pio IX lhe offerencia, foi ministro da instrução publica em 1848, acompanhou o papa em seu exilio de Gaeta, e em 1849 retirou-se para Stressa, onde morreu na solidão. Philosopho, buscou a verdade, não nos factos da experiencia, como os sensualistas, mas nas concepções da razão. A questão capital é, segundo sua opinião, a origem das idéas. Rosmini ensina que uma unica idéa é innata, a do *ser em geral*. Com o auxilio dos sentidos, da experiencia e da reflexão, essa idéa serve para formar todas as idéas racionaes.

Vicente Gioberti.— (Turin, 1801; Paris, 1852.) Nada temos que ver com suas theorias politicas, nem com sua tão agitada vida sacerdotal. Como philosopho, é elle celebre pela sua *Introdução ao estudo da Philosophia*, em que refuta abundantemente as theorias racionalistas e pantheisticas de V. Cousin. Ahi, ainda censura a Rosmini por fazer demasiadas concessões aos sentidos na formação das idéas. Segundo Gioberti, tres idéas são essenciaes á intelligencia humana, a idéa do ser perfeito, a idéa do ser finito, e a idéa da creação livre, para unir as outras duas. A noção fundamental do espirito humano seria por consequente: o *ser creando a existencia*. Observemos que

Rosmini e Gioberti são os principaes fundadores do *Ontologismo* moderno.

Os mais recommendaveis philosophos italianos são hoje: Salvador *Tongiorgi*, Matheus *Liberatore*, *Sanseverino*, *Zigliara*, *Taparelli d'Azeglio*, que em seu *Ensaio theorico do direito natural* tratou de modo superior todas as questões politicas e sociaes.

II. **Em Hespanha**, citaremos principalmente **Jacques Balmes** (1810 — 1848), sacerdote, autor do *Protestantismo comparado ao Catholicismo*, em que são refutados os principaes erros religiosos do Sr. Guizot, e uma *Philosophia fundamental*, na qual se mostra, em geral, docil ao ensinamento de S. Thomaz, salvos comtudo os seguintes pontos: da evidencia e dos sentidos Balmes faz criteriums de certeza mui subjectivos, e concede, na aquisição da verdade objectiva, demasiado, quasi exclusivo valor ao que é, na sua opinião, uma especie de *instincto intellectual*. Ensina elle que, nas cousas creadas, a existencia e a essencia não são realmente distinctos. Sustenta que a alma dos animaes é uma substancia espiritual, completa, isto é, subsistindo em si mesma, e que não póde parecer senão por um acto positivo que anniquilla-a. Rejeita a theoria do duplo intellecto, agente e passivo, dos escolasticos, e identifica as idéas intellectuaes com a percepção, etc. (Cf. Gonzalez, *Philos. elem.*)

§ 3.º Philosophia ingleza

A Philosophia ingleza do XIX seculo occupa-se principalmente de Psychologia; a todas as sciencias applica o methodo experimental. Seus principaes chefes são; Hamilton, Stuart-Mill, Herbert Spencer, Bain, Darwin, etc.

William Hamilton. — (Glasgow, 1788; Edimburgo, 1856.) Cousin dizia delle que conhecia Aristoteles melhor do que ninguem. Censura-se á sua philosophia a falta de unidade e dar á critica muito mais logar do que á theoria. Na opinião de Hamilton, a consciencia é o conjuncto de nossas faculdades intellectuaes. Na exposição de suas theorias, misturou ás doutrinas escossezas uma forte dóse de kantismo. Algumas palavras bastam para resumir o seu ensinamento.

Cumpre, dizia elle, que a Philosophia se occupe unicamente da Psychologia. O absoluto, que é o objecto da metaphysica, é impalpavel. Com effeito, todos os nossos conhecimentos são *relativos*, isto é, os objectos não são conhecidos senão em sua relação com o nosso pensamento, que os conclue sob determinação, sob limites, em uma palavra, sob *condições* particulares. Ora, acrescenta Hamilton, o absoluto não está submettido a nenhuma condição: é essa a sua essencia. Portanto não se póde conhecê-lo. Todavia, diz elle ainda, o absoluto deve, por diversas razões moraes e religiosas, conservar-se objecto de uma *fé mystica*.

Stuart-Mill.— (Londres, 1809—1874.) Foi ao mesmo tempo um philosopho e um economista. Discipulo fiel de Aug. Comte, fundou o Positivismo em Inglaterra. Seu methodo é inteiramente experimental. Stuart-Mill occupou-se principalmente de Psychologia, como Hamilton. Em moral tem a particularidade de querer que, na avaliação dos prazeres, se tenha principalmente em attenção, não a *quantidade*, mas a *qualidade*. E' preferivel, diz elle, ser um « Socrates tristonho a ser um porco farto. » Stuart-Mill queria applicar suas theorias á sociedade, pouco mais ou menos como Aug. Comte o havia sonhado em França. Seus principaes discipulos, na Inglaterra, são os Srs. Mansel, Herbert Spencer e Alexandre Bain. (C. Fouillée, *Hist. da Philos.*)

Herbert Spencer.— (Derby, 1820.) Suas obras conquistaram-lhe certa nomeada entre os philosophos positivistas. Compoz varios tratados, sobre a *Psychologia*, a *Biologia*, a *Moral*, a *Economia* e principalmente a *Sociologia*, em que pretende que a autoridade deve cada vez mais decrescer, para deixar a liberdade desenvolver-se á vontade.

Alexandre Bain.— (Aberdeen, 1818.) Fez-se conhecer por diversas obras philosophicas, cujas principaes são: *Os sentidos e o entendimento*, *Os sentimentos e a vontade*, *Ideologia e Moral*, *O espirito e o corpo*, etc. O methodo é sempre experimental, e a doutrina positivista.

Carlos Roberto Darwin.— (Shrewsbury, 1809.) E' neto de Erasmo Darwin, celebre medico. Carlos Darwin entregou-se principalmente ao estudo da historia natural. Seu principio fundamental é que os animaes e as plantas derivam todos de um pequinissimo numero de fórmas primitivas, talvez

mesmo de uma fôrma unica, por meio de *transformações* ascendentes, operadas pela *concurrência vital* e pela *selecção*. Suas estranhas theorias, aliás por varias vezes refutadas, são expostas com methodo e clareza, principalmente na obra que tem por titulo: *Da origem das especies por via de selecção natural*.

Doutrina commum.—Têm todos uma tendencia pronunciada para o Positivismo, para o Naturalismo e para o Relativismo.

Em *Psychologia*. Tudo parte da sensação, que é o factio primordial. A idéa é uma sensação enfraquecida, a volição é uma sensação predominante. Os factos psychologicos são todos governados ou produzidos pela associação de idéas. Quando duas idéas se associam habitualmente, e a presença da segunda arrasta a espera da primeira, essa espera é a inducção. O habito intellectual fortificado fixa-se nos orgãos, e transmite-se pela hereditariedade, como certas enfermidades. As noções de substancia e de causa devem ser eliminadas de toda a sciencia; porque a sciencia se limita a observar os factos e a verificar a lei de suas relações. As idéas racionais, ou *à priori*, que nos parecem naturaes e innatas, não são, portanto, senão instinctos intellectuaes, ou a consequência de habitos hereditarios. Sua universalidade explica-se pela lei do progresso harmonico, que as impõe pouco a pouco do individuo á especie inteira.

Essas asserções são evidentemente falsas ou incompletas. Os seus partidarios, porém, acham-se muito mais embaraçados ainda para estabelecer a distincção real do eu e da natureza, do eu e do absoluto (Deus). « Deus, dizem elles, é a serie de pensamentos divinos desenrolando-se na eternidade »; assim como a alma é « uma serie de sensações e de factos internos desenrolando-se como um fio (no tempo). »

Em *Cosmologia*. O principio gerador é uma força permanente, sempre em movimento, e que se transforma incessantemente por evoluções progressivas.

Essas evoluções da força explicam a formação do mundo, o apparecimento e o desenvolvimento da vida, o nascimento das sociedades, as invenções da industria e das artes, a sciencia; tudo, em uma palavra, porque neste mundo nada é estavel. A lei das metamorphoses domina todos os seres. As proprias especies não são immutaveis; expandem-se seguindo uma transformação ascendente, e em virtude de leis que Darwin chama a *selecção natural* e a *concurrência pela*

vida. Emfim, todos esses seres, assim transformados por uma infinidade de evoluções progressivas, devem chegar, após milhares de seculos, a uma dissolução universal, que não será senão o começo de uma nova evolução da força.

Em summa essas theorias *positivas, relativas, naturalistas*, communs á França, á Inglaterra e á Allemanha, reduzem-se a estas poucas palavras, que se chamam principios: (a) A verdade objectiva é impalpavel; os nossos conhecimentos são todos subjectivos. (b) Não se póde concluir senão do particular para o particular. (c) As idéas universaes e absolutas vêm da hereditariedade ou do instincto. (d) O universo explica-se todo pelas leis da evolução, da selecção e da concorrência.

Eis ahí o que homens, considerados sérios, mas livres dos antigos preconceitos, difficilmente elaboraram para oppôr ao dogma catholico e á cosmogonia de Moysés! Ocioso é insistir.

Em *Moral.* Resumem-n'a alguns principios: A liberdade não existe; porque a vontade se determina necessariamente, segundo a preponderancia dos attractivos. O bem não differe do prazer e do util; mas deve-se, diz Stuart-Mill, buscar antes de tudo o interesse da humanidade. Esse interesse commum haure a sua força obrigatoria em um constrangimento intellectual, que associa fatalmente o interesse privado com o interesse geral. O direito é o poder que uma sociedade tem interesse em confiar a um particular. As sociedades desenvolvem-se, quando os instinctos *altruistas* tomam ascendente sobre as inclinações *egoistas*. (Cf. Fouillée, *Hist. da Philos.*)

Que póde produzir semelhante moral, sem autoridade, nem sancção presente ou futura, sem liberdade, etc., senão desencadear sobre a terra todos os instinctos perversos e embrutecidos da natureza humana?

§ 4.º Philosophia allemã

I. Exceptuando Fichte, Schelling e Hegel, de quem já fallámos, e que pertencem ao fim do ultimo seculo quasi tanto como ao começo do actual, os philosophos allemaes mais conhecidos de nossa época são: Fuerbach, Bauer, Vogt, Moleschott, Büchner, Schopenhauer e Hartmann.

Fauerbach.— (Anspach, Baviera, 1804.) Tomou Hegel por guia ordinario, e compoz grande numero de escriptos philosophicos, em que a religião christã é frequentemente atacada.

Bruno Bauer.— (Eisemberg, 1809.) Pareceu propor-se como fim unico a critica dos livros santos e da religião. Proseguiu esse intuito com odienta persistencia, apparentando querer conciliar os philosophos e os theologos de seu paiz.

Carlos Vogt.— (Giessen, 1817.) E' o autor das *Cartas philosophicas*, das *Lições sobre o homem*, etc. E' um dos chefes do materialismo positivista na Allemanha.

Moleschott.— (Herragenbusch, 1822.) Medico celebre, occupou-se muito de Physiologia. Sua patria é a Hollanda; as suas doutrinas, porém, ligam-n'o á Allemanha e ao materialismo de Vogt.

Büchner.— (Darmstad, 1821.) E' um medico celebre, como Moleschott. Em sua famosa e conhecida obra sob o titulo de *Força e materia*, ensina a eternidade da materia, a immortalidade da força, a infinidade do ser no tempo e no espaço, etc. Büchner é ao mesmo tempo positivista e materialista. Segundo a sua opinião, « entre o pensamento e o cerebro ha a mesma relação que entre a bilis e o figado. »

Schopenhauer.— (Dantzig, 1788 — 1860.) Pouco saboreou a philosophia de Hegel e aprouximou-se de Kant. Espirito desconfiado e tristonho, ensinou uma especie de *idealismo* e um *pessimismo* completo. Sua principal obra é intitulada: *O mundo considerado como vontade e como representação*. Esse livro absurdo naufragou a principio completamente. O autor, porém, no fim da vida, tornou-se inteiramente, sem que se possa saber porque, um genio quasi de primeira ordem, e as suas obras adquiriram extraordinaria celebridade.

De Harthmann.— (Berlim, 1842.) Approxima-se muito das theorias de Schopenhauer, principalmente no seu livro que tem por titulo *Philosophia do Inconsciente*. O *Inconsciente* é um ser vago, universal, que representa no mundo o papel que Schopenhauer attribue á *Vontade*. Exceptuando isso, as utopias são identicas.

II. Doutrina de Schopenhauer. — O ultimo gráo de aberração que se encontra na Philosophia allemã no XIX seculo nos é fornecido por Schopenhauer e de Hartmann. Sua doutrina termina em um *Pessimismo* absoluto. A Philosophia de Schopenhauer, se esse nome se póde dar ás insensatas ficções de uma imaginação delirante, occupa-se de *Metaphysica*, de *Cosmologia* e de *Moral*.

Metaphysica. Kant tinha-a rejeitado como incerta, porque excede a experiencia. Schopenhauer acredita poder restabelece-la, não transpondo os limites postos por seu mestre. Na sua opinião, a *Metaphysica* consiste em fazer a verdadeira theoria do universo physico uma verdadeira *Cosmologia*; porque, nem *Psychologia*, nem *Theodicéa* podem encontrar lugar em sua philosophia.

Cosmologia. Achamo-nos em presença de dous mundos: um é aparente e exterior; o outro interior e real. O primeiro, puramente phenomenal, consiste na maneira subjectiva por que nos representamos as cousas exteriores. Não é mais do que nossa *representação* intellectual, sem realidade objectiva. A theoria do mundo real e interior é feita segundo um methodo e por uma marcha que só pertencem a Schopenhauer. Para encontrar esse mundo, diz elle, é necessario ultrapassar os limites das representações subjectivas e da intelligencia. Eis como podemos conseguil-o. Antes de pensar, desejamos, sentimo-nos em acção. Esse desejo e esse esforço accusam em nós um querer. A *vontade* é, pois, nosso caracteristico distinctivo, nossa essencia total. Ora, devemos buscar comprehender a natureza exterior por nós mesmos; porque seguramente é ella que é feita á nossa imagem, e não nós á sua semelhança. Logo, ha no fundo de todos os seres, como em nós mesmos, uma *Vontade* verdadeira, que é sua essencia e o principio de suas acções. Essa vontade é *universal*; porque tudo no mundo quer. E' *impessoal e indestructivel*; porque só ella permanece no meio das fórmulas cambiantes que passam. E' *absoluta*, porque não depende de conhecimento algum e precede-os a todos. *Livre*, porque não soffre, como a intelligencia, a lei da necessidade. Assim, um mundo phenomenal e subjectivo, uma vontade impessoal, absoluta, universal, livre, que estabelece a lei disso a que se chama mundo, eis em duas palavras toda a *Cosmologia* e toda a *Metaphysica* de Schopenhauer.

Moral. A *Moral* consiste no desenvolvimento da vontade que se cumpre passando por tres gráos successivos. Está

no começo da escala o *egoismo*. E' a vontade que quer viver por si propria. No segundo degráo está a moral *sentimental*. E' baseado na compaixão e na *sympathia* que experimentamos por seres semelhantes a nós. E' ainda a vontade que quer viver por si mesma, vivendo nos seres cuja natureza é identica á nossa. Como, porém, a vida não se exerce senão por esforços difficeis, por fadigas sem numero e privações dolorosas, em uma palavra, como a vida luta contra a vida, e tudo vai de mal a peor, essa dupla vontade de viver pelo *egoismo* e pelo sentimento é funesta e absurda. Cumpre, pois, subir ao mais elevado gráo do desenvolvimento da vontade. Consistirá em destruir completamente a vontade de viver. Essa vontade perfeita que aspira a tudo destruir obtem-se pela sciencia e pelo ascetismo quietista. A sciencia nos prova que o mundo é radicalmente máo, o peor possivel, e mostra assim que cumpre ter a vontade de não mais viver. O ascetismo quietista nos indica os meios de conseguil-o: Nada fazer, e abster-se mesmo de contribuir para perpetuar, pelo casamento e pela geração, esta miseravel existencia.

Assim, Idealismo, Pessimismo e Nihilismo, eis toda a Philosophia de Schopenhauer. Admira que ella tenha conseguido occupar espiritos sérios, conquistar discipulos e adquirir celebridade na Allemanha, e principalmente em França.

CONCLUSÃO

A historia da Philosophia, vê-se, é frequentemente a narrativa de aberrações do espirito humano, principalmente quando elle quiz innovar, depois de haver sacudido o jugo da fé e das santas tradições. Podemos ainda, mesmo hoje, após dezoito seculos de civilisação christã, repetir a sanguinolenta phrase de Cicero : *Nescio quomodò nihil tam absurdè dici potest, quod non dicatur ab aliquo philosophorum.* (*De divinat.*) « Não ha absurdo que algum philosopho não haja sustentado. »

Esses desvarios frequentissimamente renovados provam-nos que o espirito humano carece ser guiado na pesquisa da verdade ; mostram-nos com incontestavel evidencia a sabedoria da Igreja que quer que se conservem unidas a Philosophia e a Religião ; fazem-nos comprehender tambem quanto o soberano pontifice Pio IX teve razão em condemnar, no *Syllabus*, as tres seguintes preposições : « A Philosophia não póde, nem deve, submeter-se á autoridade alguma. (*Prop. x.*) Devemos occupar-nos da Philosophia, sem ter em conta a Revelação sobrenatural. (*Prop. xiv.*) A Igreja, não só se deve jámais revoltar contra a Philosophia, como deve tolerar-lhe os erros e deixar-lhe o cuidado de corrigir-se a si mesma. » (*Prop. xi.*)

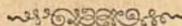
Brucker, comquanto protestante, sentira essa verdade, ao compôr a sua grande historia das philosophias e de seus sistemas. Comprehendêra quanto é seguro e necessario, para guiar a razão, o facho do christianismo, e de boa vontade subscrevemos as suas palavras :

Percurri, fateor, sectas attentius omnes.

Plurima quesivi ; per singula quæque cucurri.

Nec quidquam inveni melius quam credere Christo.

FIM DA HISTORIA DA PHILOSOPHIA



TABOA DAS MATERIAS CONTIDAS NO SEGUNDO VOLUME

MORAL

Paragraphos.	Pags.
472. Objecto da moral.....	1

SECÇÃO I

MORAL PRATICA

CAPITULO PRIMEIRO.— Deveres para com os animaes.— Deveres para consigo mesmo

473. Deveres para com os animaes.....	3
474. Dever de conservação.....	5
475. Consequencias do dever de conservação.....	7
476. Temperança.....	8
477. Deveres relativos aos bens exteriores, da economia e da parcimonia.....	10
478. O trabalho.....	14

CAPITULO II.— Deveres para consigo mesmo.

479. Deveres relativos á intelligencia.....	18
480. A prudencia.....	18
481. A veracidade.....	19
482. Deveres relativos á vontade e ao sentimento.....	21
483. A dignidade pessoal.....	23
483. <i>bis</i> . Deveres relativos ao sentimento.....	24

CAPITULO III.— Deveres de familia.— Deveres sociaes.— Deveres religiosos

484. Deveres de familia.....	26
485. Deveres do casamento.....	26
486. Deveres dos pais.....	29
487. Deveres dos filhos.....	32
488. Deveres dos irmãos.....	34
489. Deveres dos amos e dos criados.....	34
490. Deveres para com os homens em geral.....	35
491. Diferentes especies de deveres sociaes.....	41
492. Justiça e caridade.....	44
493. Deveres para com Deus.....	46

SECÇÃO II

MORAL THEORICA

CAPITULO I.—A moral do interesse e a moral do sentimento,
o util e o honesto

Paragraphos.	Pags.
494. O principio do prazer.....	52
495. O principio da utilidade.....	54
496. Objecções de Kant contra o utilitarismc.....	57
497. Systema de Stuart Mill.....	58
498. Critica do utilitarismo de Stuart Mill.....	59
499. O prazer e o bem.....	64
500. Doutrina do interesse geral.....	65
501. A doutrina do sentimento.....	70
502. Doutrina da sympathia.— Adam Smith.....	71
503. O honesto.....	74

CAPITULO II.—O principio,do dever

504. Natureza e definição do dever.....	77
505. Imperativo hypothetico e imperativo categorico.....	78
506. Caracteres do dever.....	80
507. Criterio de Kant.....	80
508. A lei natural e as leis escriptas.....	83
509. A lei natural não deriva das leis positivas.....	85
510. A lei natural e a vontade divina. A lei e a sanção.....	86
511. A idéa do direito.....	87
512. Definição do direito.....	87
513. A força e o direito.....	89
514. O direito e a necessidade.....	90
515. O direiio e a liberdade.....	91
516. O homem fim em si.....	91
517. Direito e dever.....	91

CAPITULO III.— A consciencia moral e o sentimento moral

518. A consciencia moral.....	93
519. A consciencia recta.....	94
520. A consciencia erronea.....	94
521. A consciencia ignorante.....	95
522. A consciencia duvidosa.....	95
523. Autoridade da consciencia.....	96
524. Consciencia relativa e consciencia absoluta.....	97
525. O sentimento moral.....	99
526. Divisão dos sentimentos moraes.....	100
527. Satisfação moral, arrependimento, remorso.....	101

Paragraphos.	Pags.
528. Sentimento da honra, vergonha.....	102
529. Sympathia, benevolencia, estima e desprezo.....	103
530. O respeito.....	104
531. O papel do sentimento na moral: o estoicismo de Kant.....	105

CAPITULO IV.— A virtude

532. A virtude é uma sciencia.....	106
533. A virtude é uma harmonia.....	111
534. A virtude, habito e justo meio.....	113
535. Outras definições.....	114

CAPITULO V.— O merito e o demerito

536. O merito e o demerito.....	116
537. O merito e a obrigação.....	119
538. Qualificação dos actos moraes.....	121
539. Da imputação moral.....	123

CAPITULO VI.— A sanção moral

540. Definição da sanção.....	131
541. Recompensas e punições.....	131
542. A lei moral e a sanção.....	133
543. Diversas especies de sanções.....	136
544. Insufficiencia das sanções precedentes.....	137
545. Immortalidade da alma.....	138

CAPITULO VII.— Medicina e gymnastica moraes

546. Georgicas da alma.....	141
547. Dos caracteres.....	141
548. O caracter.....	143
549. As idades.....	144
550. Das paixões.....	145
551. Cultura da alma.....	149
552. Governo das paixões.....	150
553. Governo dos caracteres.....	151
554. Regras de Malebranche.....	152
555. Regras de Aristoteles e de Bacon.....	153
556. Regras de Leibnitz.....	154
557. Methodo de Franklin.....	154
558. Regras de Cicero.....	156
559. Exame de consciencia.....	156
560. Cathecismo moral.....	158

APPENDICE

Paragraphos.	Pags.
561. Da moral — Prolegomenos.....	160

Noções de Direito natural e de economia politica

CAPITULO I.—Noções de direito natural

562. O direito natural.....	163
563. O direito e a coacção.....	164
564. Deveres de direito, deveres de virtude.....	164
+ 565. Direito natural e direito positivo, escola historica.....	164
+ 566. Os direitos naturaes.....	165
+ 567. Liberdade corporea e individual.....	166
568. Liberdade do trabalho.....	166
569. A propriedade.....	166
570. Accumulação e transmissão.....	170
571. Propriedade individual e communhão.....	170
572. Desigualdade das riquezas.....	172
+ 573. A familia.— O casamento.....	173
574. O patrio poder.....	174
575. Da escravidão.....	174
576. Liberdade de consciencia, liberdade do pensamento, etc.....	175
577. Direito publico e direito das gentes.....	176
578. A sociedade e o Estado.....	176
579. Os tres poderes.....	177
580. A soberania.....	177
581. A liberdade politica.....	178
582. Deveres dos cidadãos para com o Estado.....	178
583. Problema.....	179
584. Direito das gentes.....	179
585. A guerra e a paz.....	179

CAPITULO II.—Noções de economia politica

586. Definição.....	182
587. Producção.....	182
588. O trabalho.....	182
589. A invenção.....	183
590. Divisão do trabalho.....	183
591. O capital.....	184
592. Circulação das riquezas.....	184
593. A permuta.....	185
594. Lei da offerta e da procura.....	185
595. A moeda.....	185
596. Condições da moeda.....	186

Paragraphos.	Pags.
597. O credito, o papel moeda.....	186
598. A liberdade do commercio e o livre cambio.....	188
599. Repartição.....	189
600. Salario.....	189
601. O juro e o aluguel.....	190
602. Os beneficios ou proveitos.....	191
603. A renda territorial.....	192
604. O Estado na repartição da riqueza.....	194
605. Consumo.....	194
606. Consumo improductivo e consumo reproductivo.....	195
607. O luxo.....	195
608. Consumos publicos : emprestimos e impostos.....	196
609. A divida publica.....	196
610. Do imposto.....	197
611. O orçamento.....	198

NOÇÕES DE ESTHETICA

CAPITULO I.— A idéa do bello e do sublime

612. O bello e o bem... ..	200
613. Leis do bello.....	201
614. Definição do bello.....	204
615. A expressão.....	204
616. O sublime.....	206
617. Sublime de grandeza.....	206
618. Sublime de poder.....	206

CAPITULO II.— Da arte

619. A imitação.....	208
620. Insufficiencia do systema realista.....	209
621. O ideal.....	211
622. O proprio real tem seu ideal.....	212
623. O feio nas artes.....	213
624. Arte classica e arte romantica.....	213
625. Das faculdades estheticas: o gosto e o genio.....	217
626. Divisão das artes.....	218
627. Architectura e esculptura.....	219
628. Pintura.....	219
629. Dansa.....	219
630. Musica.....	220
631. Poesia.....	220

METHAPHYSICA E THEODICÉA

632. Definição e divisão.....	221
633. A metaphysica desde Kant.....	221

CAPITULO I.— Ontologia

Paragraphos.	Pags.
634. Do ser em geral.— Definições e divisões.....	223
635. O possível, o real, o impossível.....	223
636. O potencial e o actual.....	224
637. Contingente necessario.— Determinado e indeterminado.....	224
638. Substancia e modo.— Essencia e accidente.....	225
639. As causas.....	225
640. A razão bastante.— Principio de Leibnitz.....	228
641. As categorias de Aristoteles.....	228
642. As propriedades do ser: unidade, identidade, semelhança, etc..	229
643. Os contrarios.....	229
644. O finito e o infinito.....	230
645. O relativo e o absoluto.....	233
646. O imperfeito e o perfeito.....	233

CAPITULO II.— O scepticismo

647. O scepticismo.....	235
648. O probalismo.....	236
649. Objecções scepticas.....	236
650. Ignorancia humana.....	237
651. O erro.....	237
652. Contradições do espirito humano.....	238
653. O diallele.....	239
654. Discussão dos argumentos dos scepticos.....	239
655. Resposta á objecção derivada da ignorancia.....	239
656. Resposta a objecção derivada do erro.....	240
657. Resposta á objecção tirada das contradições necessarias.....	242
658. Resposta ao argumento do diallele.....	246
659. Criterium da certeza.....	247

CAPITULO III.— Do idealismo

660. Idealismo em geral.....	250
661. Idealismo de Berkeley.....	251
662. Realidade do mundo exterior.....	251
663. Idealismo de Hume e de Stuart Mill.— Phenomenismo absoluto..	252
664. Realidade do espirito.....	253
665. Kant.— Idealismo transcendental.....	253
666. Critica do idealismo de Kant.....	255
667. Idealismo de Fichte, de Schelling e de Hegel.....	256

CAPITULO IV.— Psychologia racional e cosmologia racional.
A alma e o corpo. — A materia e a vidaI. *Distincção da alma e do corpo*

668. A alma.....	261
669. Provas da espiritualidade da alma.....	261
670. Distincção dos phenomenos psychologicos e physiologicos.....	262
671. Objecção.....	262
672. A unidade do pensamento.....	263
673. Objecção da alma resultante.....	263

Paragraphos.	Pags.
674. Objecção de Kant.....	264
675. A identidade pessoal.....	264
676. Objecções.....	265
677. A liberdade moral.....	266
678. Objecções do materialismo.....	267
679. Cerebro e pensamento.....	267
680. O pensamento e o movimento.....	270

II. *União da alma e do corpo*

681. Unidade do homem.....	273
682. Dificuldades.....	274
683. Hypotheses sobre a união da alma e do corpo.....	275
684. Espiritos animaes.....	275
685. Mediador plastico.....	275
686. Influxo physico.....	276
687. Anímismo, vitalismo, organicismo.....	276
688. Causas occasionaes.— Harmonia preestabelecida.....	276
689. O porque da união.....	277

III. *Noções summarias da cosmologia racional.*

O universo.—A materia.—A vida

690. Da cosmologia racional.....	279
691. O mundo ou o universo.— A natureza.....	279
692. Os limites do mundo — A primeira antinomia de Kant.....	279
693. A materia.....	280
694. Unidade da materia.....	280
695. O cheio e o vacuo.....	280
696. A divisibilidade ao infinito.— A segunda antinomia de Kant.....	280
697. Da essencia da materia.....	280
698. Mecanismo e dynamismo.....	281
699. Mecanismo physico.....	281
700. Hylozoismo e monadismo.....	281
701. Idealismo.....	282
702. Correlação das forças. Unidade de força.....	282
703. Conservação da materia e da força.....	282
704. A vida.....	283
705. Systema sobre a vida.....	283
706. Organicismo.....	283
707. Vitalismo.....	284
708. Animismo.....	284

CAPITULO V.— Noções de Theodicéa.— Deus e seus attributos

709. Póde-se demonstrar a existencia de Deus?.....	285
710. Demonstração da existencia de Deus.....	285
711. Provas da existencia de Deus.....	292
712. Provas Physicas.....	292
713. Provas metaphysicas.....	294
714. Provas moraes e estheticas.....	295
715. Attributos de Deus.....	296
716. Pantheismo e personalidade divina.....	298

Paragraphos.	Pags.
717. Exame do Pantheismo.— I. O Universo dos corpos.....	298
718. Exame do Pantheismo.— II. O universo dos espiritos.....	300
719. Personalidade divina.....	301
720. Providencia.....	303
721. Creação.....	303
722. Conservação.....	303
723. Governo.....	304
724. O mal.....	304
725. Pessimismo e optimismo.....	306

CONCLUSÃO

726. Importancia da Philosophia.....	309
727. Utilidade da philosophia.....	310
728. Objecções contra a philosophia.— Positivismo.— Criticismo.— Escola historica.....	310
729. Resposta ás objecções precedentes.....	312
730. Do progresso em philosophia.....	313
731. Relação da philosophia com as outras sciencias.....	315
732. Relações Geraes.....	316
733. Relações especiaes.....	317
734. A philosophia, a poesia e a religião.....	318

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

NOÇÕES PRELIMINARES

Objecto da historia da philosophia.....	321
Sua utilidade.....	321
Methodo adoptavel.....	321
Principaes systemas.....	322
O Sensualismo.....	322
O espiritualismo.....	323
O scepticismo.....	323
Divisão.....	323

CAPITULO I.— Primeira época.— Philosophia antiga

ARTIGO I.— Primeiro periodo.— Philosophia antes de Socrates

N.º 1. Escola de Ionia, ou Naturalismo.....	324
Thalés.....	324
Anaximandro.....	324
Anaximenes de Mileto.....	324
Anaxagoras de Clazomenes.....	324
Heraclito de Epheso.....	325
Empedocles.....	325
N. 2. Escola de Italia ou Pythagoriana.....	325
Pythagoras.....	325
N. 3. Escola de Eléa.....	327
I. Escola idealista ou metaphysica.....	327
Xenophanes.....	328

Paragraphos.	Pags.
Parmenides.....	328
Zenon de Eléa.....	328
II. Escola physica ou atomistica.....	329
Leucippo.....	329
Democrito.....	329
N. 4. Escola sophistica.....	330
Protagoras.....	330
Gorgias.....	330

ARTIGO II.—Segundo periodo.—Philosophia Socratica

Socrates.....	331
Sua morte.....	331
Seu papel philosophico.....	331
Seu methodo.....	332
Sua doutrina.....	332
Escola megarica.....	333
Escola cyrenaica.....	333
Escola cynica.....	334

ARTIGO III — Terceiro periodo (400—200 antes de Jesus Christo

Philosophia depois de Socrates

N. 1. Escola de Platão ou Academica.....	334
Sua doutrina.....	335
1.º Cosmologia.....	335
2.º Antrophologia.....	336
A alma.....	336
O corpo.....	337
3.º Moral.....	337
4.º Politica.....	338
Erros de Platão.....	338
N. 2 Escola de Aristoteles, ou Peripatetica.....	339
Sua doutrina.....	339
1.º Logica.....	339
2.º Physica.....	340
3.º Metaphysica.....	340
4.º Moral e politica.....	341
Erros de Aristoteles.....	341
3.º Escola Pyrrhonica — Pyrrho.....	342
Sua doutrina.....	342
N. 4. Escola Epicurista — Epicuro.....	342
Sua doutrina.....	343
1.º Canonica.....	343
2.º Physica.....	343
3.º Moral.....	343
N. 5. Escola Steica. — Zenon.....	343
Doutrina.....	344
1.º Logica.....	344
2.º Physica.....	344
3.º Moral.....	344

Paragraphos.	Pags.
N. 6. Nova academia.....	346
Novo scepticismo.....	346
N. 7. Philosophia romana.....	347
Cicero.....	347
Séneca.....	348
Epitecto.....	348
Marco-Aurelio.....	349

ARTIGO IV.— Escola de Alexandria.— Philosophia dos padres, etc.

(Desde o anno 100 da era christã até 800)

N. 1. Os gnosticos.....	350
Gnosticismo pantheista.....	350
Gnosticismo dualista.....	351
N. 2. Escola neo-platonica.....	351
Plotino.....	351
Porphyro.....	352
Jamblico.....	352
Juliano o apostata.....	352
Proclus.....	352
Doutrina neo-platonica.....	352
1.º A dialectica.....	352
2.º Cosmogonia.....	353
3.º Psychologia.....	353
4.º Moral.....	354
N. 3. Philosophia dos padres da igreja.....	354
I. Padres da igreja do Oriente, S. Dionisio o areopagita.....	354
S. Justino.....	355
Clemente de Alexandria.....	355
Origenes.....	355
II. Padres da igreja Occidental, S. Irineu, Bispo de Lyão.....	355
Minutino Felix.....	356
Arnobio.....	356
Lactancio.....	356
S. Agostinho.....	356
Doutrina.....	357
Foi hourida em Platão a doutrina dos padres?.....	357
N. 4. Philosophos antes de Carlos Magno.....	358
Boecio.....	358
Bede o Veneravel.....	358
S. Isidoro, arcebispo de Sevilha.....	358
S. João Damasceno.....	359

CAPITULO II.— Segunda época.— Philosophia da idade média

ARTIGO I.— Primeiro periodo (800—1200)

N. 1. Renovamento dos estudos.....	359
Alcuin.....	359
João Scot.....	360
Gerbert d'Aurillac.....	360
N. 2. Controversias sobre os universaes.....	360

Paragrapos.	Pags.
1.º Escola realista.....	360
S. Anselmo.....	360
Guilherme de Champeaux.....	361
2.º Escola nominalista.....	361
3.º Escola conceptualista.....	361
Pedro Abailard.....	361
N. 3. Algumas escolas secundarias. 1.ª Escola mystica.....	362
2.º Philosophia arabe.....	362
3.º Pedro Lombardo.....	363

ARTIGO II.—Segundo periodo (1200 — 1400)

N. 1. Phase de incremento.....	363
Alexandre de Hales.....	363
Guilherme de Auvergue.....	364
Vicente de Beauvais.....	364
N. 2. Phase de perfeição.....	364
1.º Alberto, o Grande.....	364
2.º S. Boaventura.....	364
3.º S. Thomaz de Aquino.....	365
4.º João Duns Scot.....	366
N. 3. Phase de decadencia.....	367
Rogério Bacon.....	367
Raymundo Lulle.....	367
Guilherme de Occam.....	367

ARTIGO III.—Terceiro periodo (1400 — 1600)

N. 1. Escola platonica.—Bessarion.....	368
Marcilo Ficino.....	368
Pico de la Mirandola.....	368
Francisco Patrizzi.....	368
N. 2. Escola Paripathetica.....	369
Pedro Pomponat.....	369
Alexandre Achillini.....	369
André Cesalpini.....	369
N. 3. Escola mystica. Paracelso.....	369
Van Helmont.....	369
N. 4. Escola sceptica.....	369
Miguel Montaigne.....	370
Pedro Charron.....	370
N. 5. Escola independente.....	370
Nicoláo de Cuss.....	370
Pedro Ramus.....	370
Bernardino Telesio.....	371
Jordano Bruno.....	371
Julio Cesar Vanini.....	371
Thomaz Campanella.....	371

CAPITULO III.—Terceira época.—Philosophia moderna

ARTIGO I.—Bacon e Descartes

N. 1. Bacon.....	373
Suas doutrinas e suas obras.....	373

Paragraphos.	Pags.
Juizo a respeito de Bacon.....	374
N. 2. Descartes.....	375
I O methodo.....	376
Exposição.....	377
Crítica da duvida de Descartes.....	378
II Sua doutrina.....	379
Juizo sobre Descartes.....	381

ARTIGO II. — Discipulos de Bacon e de Descartes

N. 1. Escola de Bacon.....	381
1.º Pedro Gassendi.....	381
2.º Thomaz Hobbes.....	383
3.º Jonh Loche.....	383
4.º Estevão Bonnot de Condillac.....	384
N. 2. Escola de Descartes.....	385
1.º Nicoláo Malebranche.....	385
Causas de nossos erros.....	385
Theoria do conhecimento.....	386
Causas occasionaes.....	387
Theoria da vontade e da moral.....	387
Theoria de Deus.....	388
Optimismo.....	388
2.º Spinoza.....	389
Principios.....	389
Applicação.....	389
3.º Leibnitz.....	390
Theoria do conhecimento.....	391
Theoria das monadas.....	391
Theodicéa.....	393
Apreciação.....	393
4.º Outros philosophos filiados a Descartes.....	394
Pascal.....	394
Huet.....	395
Bossuet.....	395
Fénélon.....	395
Arnauld.....	395
Nicole.....	396
Cudworth.....	396
Euler.....	396
Newton.....	396
Clarke.....	397
Jorge Berkeley.....	397
5.º Alguns scepticos do seculo xvii.....	397
Lamothe le Váyér.....	397
Bayle.....	398

ARTIGO III. — Philosophia no seculo xviii

§ 1.º *Philosophia franceza no seculo xviii*

Seu caracter.....	398
I. Philosophos moralistas.....	399

Paragraphos.	Pag.
Condillac.....	399
Helvetius.....	399
O Barão de Holbac.....	399
Lametrie.....	399
II. Philosophos politicos.....	399
Montesquieu.....	400
João Jockues Rousseau.....	400
Turgot.....	400
Condorcet.....	401
III. Philosophos anti-christãos.....	401
Arnet Voltaire.....	401
Diderot.— D'Alembert.....	401
Volney.....	402

§ 2.º *Philosophia ingleza no seculo XVIII*

I. Fôrma sceptica.....	402
David Hume.....	402
Fôrma moralista.....	403
Shafterbury.....	403
Wollaston.....	403
Hutcheson.....	403
Adam Ferguson.....	404
Adam Smith.....	404
III. Fôrma psychologica.— Escola Escosseza.....	404
Thomaz Reid.....	405
1.º Faculdades intellectuaes.....	405
2.º Criterio da certeza.....	406
3.º Faculdades activas.....	406
Dugald Stewart.....	407

§ 3.º *Philosophia allemã no seculo XVIII*

I. Emmanuel Kant.....	407
1.º Que posso eu saber? Critica da razão pura.....	408
Analyse das faculdades intellectuaes.....	408
Critica da razão.....	410
2.º Que devo fazer? Que posso esperar? Critica da razão pratica... ..	411
Certeza conquistada.....	412
3.º Critica do Juizo.....	413
Apreciação.....	414
II. Fichte.....	414
III. Schelling.....	415
IV. Hegel.....	416
Concepção da idéa.....	417

ARTIGO IV.— *Philosophia do seculo XIX*

§ 1.º *Philosophia franceza* 418

I. Escola sensualista

1.º Materialismo.....	419
Cabanis.....	419
Broussais.....	419

Paragraphos.	Pag.
2.º Sensualismo.....	419
Destutt de Tracy.....	419
Laromiguière.....	419
3.º Escola de transição.....	420
Maine de Biron.....	420
Royer-Collard.....	421
II. Escola tradicionalista	
De Bonald.....	422
Lamennais.....	423
Bautain.....	423
III. Escola eclectica e racionalista	
1.º Victor Cousin.....	424
2.º Theodoro Jouffroy.....	425
3.º Philisberto Damiron.....	427
4.º Emilio Saisset.....	427
5.º Adolpho Garnier.....	427
6.º Julio Simon.....	427
7.º Paulo Janet.....	427
8.º Emilio Caro.....	428
IV. Escola socialista e humanitaria.....	428
V. Escola positivista.....	428
Relativismo.....	429
§ 2.º <i>Philosophia italiana e hespanhola</i>	
1.º Na Italia.....	430
Galuppi.....	430
Rosnini-Serbati.....	430
Vicente Gioberti.....	430
II. Em Hespanha — Jacques Balmes.....	431
§ 3.º <i>Philosophia ingleza</i>	
William Hamilton.....	431
Stuart-Mill.....	432
Hebert Spencer.....	432
Alexandre Bain.....	432
Carlos Roberto Darwin.....	432
Doutrina commum.....	432
§ 4.º <i>Philosophia allemã</i>	
Fanerbach.....	435
Bruno Bauer.....	435
Carlos Vogt.....	435
Moleschott.....	435
Büchner.....	435
Schopenhauer.....	435
De Harthmann.....	435
Doutrina de Schoopenhauer.....	436
Conclusão.....	438

